

GAZETA

VALSASSINA

junho 2026
número 92



Tempo para Ser

Índice

Entre o Impulso de Crescer e a Coragem de Parar **2**

Quem Decide o Nosso Tempo? **3**

Ser: Entre existência e tempo **4**

Tempo para Ser Pai, Filho, Pai **5**

Novos Espaços de Recreio do Jardim de Infância: Um processo de co-criação **6**

Desde Cedo o Cérebro Aprende a Crescer Entre as Páginas de um Livro **8**

Pontes de Leitura: A dinamização de histórias entre o 2.º Ciclo e o Jardim de Infância **10**

São Horas de Perguntar **12**

Quem Descobriu o Tempo? **14**

Valsassina Conquista Torneio Internacional de Debate, ECNAIS Student Debate Event **17**

Maratona de Discursos **18**

Semana das Línguas 2026 **20**

Sob o Mote do Tema do Ano: A literatura e o tempo 10.º ano, Crítico por um dia **22**

Alunos/as do Valsassina Premiados no Concurso Uma Aventura Literária 2026 **24**

Diários do Desassossego **25**

Achas que conheces Camões? **26**

Letters that Change the World: Uma experiência de partilha e reflexão **29**

Entrevista a Khalid Sacoor Jamal e a Pedro Gil **30**

Alunos de Ciência Política Criam Jornal sobre "Os Tempos em que Vivemos" **32**

Intercâmbio Erasmus+ com a escola Zespół Szkół Samorządowych w Sułkowicach - Łęgu, Polónia **33**

Pontes de História: O sucesso do intercâmbio Erasmus+ entre Lisboa e Nantes **34**

Intercâmbios European School Network **36**

Pensar o Museu, Criar uma História **38**

Os Contos de Infância Ganham Vida **40**

Concurso 8.º Ano: Logótipos **41**

FICHA TÉCNICA

Fundadores Frederico Valsassina Heitor, Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor João Gomes
Direção Editorial Marta Magalhães Silva, Inês Almeida, Filipa Freitas e Joana Baião
Paginação e Impressão idg - Imagem Digital Gráfica
Propriedade Colégio Valsassina
Tiragem 1500 exemplares

É tempo de... Um Dia na Escola 2026 **42**

Aprender Fora do Colégio, Crescer para Dentro: Saída de campo a Mira d'Aire, Foz Côa e a Constância **44**

Ao Ritmo do Galinheiro **46**

Guia de Aves e Plantas da Quinta das Teresinhas **47**

Detetives dos Decibéis, Missão: Escola Mais Silenciosa! **50**

Aprender a Ser com Ciência: Experimentar, comunicar e crescer **52**

Tempo para Cozinhar, com Muita Ciência! **54**

FuelSense: Desenvolvimento de um biossensor aquático alimentado por uma célula de combustível de etanol para deteção em tempo real de tetraciclina **55**

Alunos do Colégio Valsassina Representaram Portugal na Science Expo Belgium 2026, em Bruxelas **58**

Viagem Científica e Cultural à Space Expo e aos Países Baixos **60**

Pequenos Engenheiros, Grandes Conquistas:
A robótica no Valsassina **62**

PET: Polymer Extraction Technology **64**

Empreender no Valsassina **66**

Tempo para Refletir: Job Shadowing em Nantes **67**

Escolas Sem Fronteiras: Tempo de abrir janelas para o mundo **68**

Outdoor Learning: Formação Erasmus+, em Tenerife **70**

A Inteligência Artificial e a Prática Pedagógica: Uma experiência de partilha em Palermo **71**

Tempo para Ser Professor
Colégio Valsassina acolhe estágio de observação **72**

Viagem de Finalistas 9.º Ano: Barcelona 2026 **74**

Viagem de Finalistas 12.º Ano: Cabo Verde 2026 **75**

Finalistas 12.º ano **76**

Quadro de Honra 2.º Período 2025/2026 **78**

Muito Além dos Resultados **80**

Comboio de Bicicletas **82**

Aconteceu... **82**

Aconteceu no desporto... **82**

Vai acontecer... **82**

Colégio Valsassina
Largo Frederico Valsassina
1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

editorial

João Gomes Diretor pedagógico

Tudo começou com uma pergunta.
Uma criança quis saber porquê. Outra perguntou: "Como?"
Outra atreveu-se a fazer aquela que será, talvez, a pergunta mais importante: "E se fosse diferente?"

No projeto *São Horas de Perguntar*, alunos/as do 1.º Ciclo colocaram questões sobre o mundo. Os/as alunos/as do 11.º ano receberam-nas sem saber de quem vinham e partiram em busca de respostas. O resultado foi surpreendente, não pela rapidez das soluções, mas pela profundidade das perguntas. Algumas não tinham resposta imediata. Outras não tinham apenas uma resposta. Todas exigiam o mesmo: Tempo.

E é precisamente aqui que a escola revela o seu sentido mais profundo.

O relatório da OCDE sobre *Educação para o Florescimento Humano* (2025) desafia-nos a repensar a finalidade da escola. A educação não pode limitar-se à produção de resultados ou (apenas) à preparação para o mercado de trabalho. A sua missão mais profunda é criar as condições para que cada pessoa floresça, desenvolva os seus talentos e construa uma vida com sentido, dignidade e plenitude. Porque não basta aprender para fazer. É preciso aprender para Ser, para viver com os outros e para contribuir para um mundo melhor.

Florescer significa crescer por inteiro. Desenvolver competências, mas também carácter, empatia, pensamento crítico, imaginação e ética. Significa compreender a educação como um ecossistema vivo, onde conhecimento, relações e valores se entrelaçam. Uma escola só cumpre verdadeiramente a sua missão quando permite que cada aluno/a participe ativamente no processo de se tornar pessoa.

Isto exige uma mudança de olhar. Passar de uma escola centrada na resposta certa para uma escola que valoriza a pergunta relevante. De uma escola que mede apenas o que é facilmente quantificável para uma escola que reconhece o que é profundamente transformador: a curiosidade, a colaboração, a escuta, o erro como parte do caminho.

É isso que acontece quando alunos/as do 2.º Ciclo contam histórias a crianças do Jardim de Infância e descubrem que ensinar é criar relação. É isso que acontece quando jovens procuram respostas para perguntas que não lhes pertencem e descobrem que pensar é um exercício de humildade e de descoberta partilhada.

É isso que acontece quando a Ciência se torna pro-

jeto de cuidado com a vida, como fizeram a Leonor e a Madalena com o REPAIR, em que a inovação não é apenas técnica, é também ética e esperança. Ao imaginar um parafuso ortopédico reabsorvível e osteoindutivo, não estão apenas a resolver um problema de saúde: estão a perguntar como pode a Ciência servir melhor a vida, reduzir sofrimento e ampliar possibilidades de regeneração.

E é isso que acontece quando um/a aluno/a, ao olhar para trás, percebe que não construiu apenas um percurso académico, construiu-se a si próprio/a.

Mas esta visão coloca-nos perante uma questão: que escola queremos construir?

Uma escola que acelera ou uma escola que aprofunda? Uma escola que treina para competir ou uma escola que educa a viver com os outros? Uma escola que valoriza apenas o desempenho ou uma escola que abre espaço ao pensamento, à dúvida e que ajuda a encontrar sentido?

O desafio da escola não é apenas ensinar mais, é criar as condições para que todos/as os/as alunos/as aprendam melhor. Aprender exige tempo para pensar, liberdade para questionar, segurança para errar, espaço para descobrir a própria voz, e oportunidades para escutar e para colaborar. Mais do que transmitir respostas, a escola deve criar ambientes onde a curiosidade floresça, o pensamento se desenvolva e cada aluno/a encontre sentido no que aprende.

Porque ninguém floresce sozinho/a. O florescimento humano não é um destino individual, é um processo partilhado. Cada pessoa cresce com os outros e através dos outros. Cada aprendizagem ganha sentido quando contribui para uma comunidade mais consciente, mais justa e mais solidária.

Regressemos à pergunta: e se a escola fosse, acima de tudo, um lugar onde cada pessoa pudesse realmente Ser?

Não apenas um local onde se prepara o futuro. Mas um lugar onde se aprende a viver, a pensar, a sentir e a pertencer.

Porque o Tempo para Ser não é um intervalo entre aprendizagens. É aquilo que lhes dá profundidade, direção e humanidade.



EM DESTAQUE **Entre o Impulso de Crescer e a Coragem de Parar**

Jorge Magalhães Vieira Antigo aluno, Encarregado de Educação, Diretor Executivo da *BrainStorm* – Associação Portuguesa de PHDA

“Um ambiente onde a diversidade não é apenas aceite, mas valorizada como fonte de aprendizagem coletiva.”

As alterações do último ano, na minha vida profissional e, conseqüentemente, pessoal, levaram-me a reler Gert Biesta (2015) e Ken Robinson (2011). O atual desafio da Gazeta levou-me naturalmente à reflexão seguinte: ser pai é, talvez, uma das experiências mais claras de confronto com o tempo. Não o tempo dos relógios, mas o tempo vivido – aquele que se sente na forma como os filhos crescem, mudam e se descobrem. Como pai de uma jovem de 20 anos e de um aluno do 6.º ano, vejo duas etapas distintas, mas profundamente ligadas por uma mesma questão: *houve, e há, Tempo para Ser?*

Ao olhar para a minha filha, reconheço o valor dos momentos em que pôde experimentar sem a pressão imediata do resultado. Não foram, seguramente, os testes ou as notas o que mais a marcou, mas sim os espaços onde lhe foi permitido pensar, questionar e até errar. Foi nesses intervalos (muitas vezes invisíveis no currículo escolar) onde construiu/conquistou autonomia e identidade. Esta realidade está bem patente no ensaio que publicou na Gazeta, no ano em que saiu do Colégio. Hoje, no seu percurso académico e nas primeiras experiências profissionais, percebe-se que o mais importante não foi apenas o que aprendeu, mas em quem se tornou no processo.

Por outro lado, no acompanhamento diário do percurso do meu filho, sinto que o desafio permanece atual – talvez até mais exigente. Vivemos num contexto em que tudo parece acelerar: conteúdos, atividades, expectativas. Há uma tendência para preencher o tempo com tarefas, como se o vazio fosse sinónimo de perda. No entanto, é precisamente nesse “tempo não preenchido” que muitas vezes surge o essencial: a curiosidade genuína, a criatividade, a reflexão.

Tempo para Ser exige coragem – não só dos/as alunos/as, mas também das famílias e das escolas. Coragem para desacelerar quando tudo aponta no sentido contrário. Coragem para valorizar caminhos mais que resultados. Coragem para aceitar que cada criança tem o seu ritmo, a sua forma de aprender, a sua maneira de estar no mundo.

Enquanto pai, apercebo-me de que este tempo também (ou principalmente) se constrói em casa. Nas conversas sem pressa, ocasionais. Nas perguntas sem resposta imediata. Nos silêncios partilhados. Está também na capacidade de escutar verdadeiramente – não apenas o que os/as filhos/as dizem, mas o que ainda não conseguem dizer. E que, muitas vezes, o maior contributo que podemos dar não é orientar constantemente, mas criar condições para que eles/as próprios/as se descubram e se reinventem.

A escola, por seu lado (e ao fim de mais de 15 anos, é uma bênção perceber que o nosso Colégio é assim!), tem um papel fundamental nesta construção. Mais do que transmitir conhecimento, é um espaço de formação humana. Um lugar onde o erro não é penalizado como falha, mas entendido como parte do caminho. Um ambiente onde a diversidade não é apenas aceite, mas valorizada como fonte de aprendizagem coletiva.

Tempo para Ser é, no fundo, um compromisso. Um compromisso com uma educação que não se limita a obter *rankings*, mas que prepara para a vida. Uma educação que reconhece que aprender não é uma corrida, mas uma via para atingir objetivos.

Ao ver os meus dois filhos em fases tão diferentes, percebo que este tempo não é algo garantido, mas sim algo que se constrói continuamente, com intenção e consciência. E talvez seja esse o maior desafio que nos é lançado: criar, todos os dias, espaço para que cada criança – e também cada adulto – possa, verdadeiramente, ter *Tempo para Ser*.

Referências

- Biesta, G. (2015). *Good Education in an Age of Measurement*. Routledge.
- Robinson, K. (2011). *Out of Our Minds: Learning to Be Creative*. Capstone.

Quem Decide o Nosso Tempo?

Ivens Sá Encarregado de Educação. Doutorando em Direito pela EDUL

Como pai, há algo que me inquieta e, ao mesmo tempo, que me ensina todos os dias: o tempo dos/as filhos/as não segue o nosso relógio. Ele é mais lento, mais atento, mais inteiro. É um tempo que não se apressa para chegar a um resultado, porque encontra valor no próprio caminho. Vivemos, porém, num mundo que nos empurra na direção contrária. Tudo parece pedir rapidez, resposta imediata, eficiência constante. Desde cedo, aprendemos a fazer, a produzir, a cumprir. Mas raramente nos ensinam a parar. A escutar. A simplesmente estar.

É nesse ponto que o “tempo para ser” se revela não como um luxo, mas como uma necessidade. Um tempo que não se mede em tarefas concluídas, mas em experiências vividas. Um tempo em que os/as filhos/as podem explorar, errar, recomeçar – sem a pressão de corresponder a um ritmo que não é o seu. Ao observá-los/as, percebo que aprender, para eles/as, não é um processo linear. Há dias de entusiasmo e de descoberta, mas também há dias de silêncio, de recolhimento, de dúvida. E tudo isso faz parte. Cada percurso tem o seu compasso, a sua lógica, a sua beleza.

Num contexto em que a vida social se torna cada vez mais acelerada e fragmentada, preservar esse tempo mais lento e significativo torna-se um desafio real. As tecnologias, os algoritmos e as dinâmicas digitais tendem a antecipar escolhas, a sugerir caminhos, a reduzir o espaço da incerteza – como quando um vídeo termina e outro começa em sequência. Mas é justamente na incerteza que muitas vezes nasce o pensamento.

Ser implica pausa. Implica escuta. Implica relação. Implica reconhecer que a diversidade de ritmos não é um desvio, mas uma expressão legítima da condição humana. Implica aceitar que nem tudo precisa de ser otimizado – algumas coisas precisam apenas de ser vividas. Talvez a educação tenha aqui uma das suas tarefas mais delicadas: proteger esse espaço onde cada um pode descobrir-se sem pressa. Um espaço onde o valor não está apenas no resultado, mas na construção de sentido.

No fundo, o desafio do nosso tempo não é apenas acompanhar a velocidade do mundo, mas saber quando abrandar. É lembrar que nem tudo o que é rápido é melhor, nem tudo o que é eficiente é suficiente. E que, mesmo num mundo guiado por sistemas, aquilo que nos torna humanos – a capacidade de sentir, de refletir e de nos relacionarmos – não pode ser silenciosamente substituído pelo algoritmo.



Imagem gerada por IA

“Ser implica pausa. Implica escuta. Implica relação. Implica reconhecer que a diversidade de ritmos não é um desvio, mas uma expressão legítima da condição humana. Implica aceitar que nem tudo precisa de ser otimizado – algumas coisas precisam apenas de ser vividas.”

EM DESTAQUE Ser: Entre existência e tempo

André Tavares Encarregado de Educação



Ema e o moinho (fotografia original, 18-09-2021, Açores)

Ser.

Ser é talvez o gesto mais elementar e, simultaneamente, o mais insondável da condição humana. Ser é existir antes de qualquer definição, antes de qualquer função. É a experiência imediata de estar no mundo, de sentir, de pensar, de tomar consciência. No seu estado mais puro, ser é presença – uma consciência que se reconhece a si mesma no fluxo contínuo da experiência. Pensar, duvidar, imaginar: tudo emerge desse ato primordial. Contudo, esta simplicidade aparente encerra um paradoxo: quanto mais procuramos definir o que é “ser”, mais nos afastamos da sua essência, que resiste a qualquer tentativa de fixação.

Ser.

Um Ser, um ente, revela identidade e pertença: o ser humano assume uma condição partilhada, inscrita numa rede de relações. Ser humano implica coexistir – com os outros, com a natureza, com o planeta que habitamos e com o cosmos que nos excede. A individualidade não se dissolve, mas constrói-se na interação: no encontro com o Outro, na linguagem, na cultura, no cuidado e na responsabilidade. Somos seres situados, finitos, conscientes da nossa própria vulnerabilidade. Esta consciência convoca uma ética: reconhecer o impacto da nossa presença no mundo e a necessidade de equilíbrio entre o que somos e o que nos rodeia. Assim, “ser” deixa de ser apenas um estado e torna-se também um compromisso.

Entre o verbo e o substantivo, emerge a dimensão temporal. O ser humano não é apenas – vive no tempo e através do tempo. Mas o que é, afinal, o tempo? Será apenas uma sucessão mensurável de instantes, regulada por relógios e calendários, ou uma experiência vivida, subjetiva, moldada pela memória e pela antecipação? Habitamos um presente que nunca é puro: carrega o passado e projeta o futuro. Viver o tempo é, portanto, interpretá-lo, dar-lhe sentido. No entanto, frequentemente reduzimos o tempo a recurso, algo a gerir ou a otimizar, esquecendo a sua dimensão existencial. Talvez “tempo para ser” seja precisamente isso: recuperar o tempo como espaço de consciência, onde a existência não é apressada, mas habitada. Porque ser humano é estar lançado no tempo, e, nesse intervalo finito, procurar compreender o que significa, verdadeiramente, ser.

Mas como, afinal, construímos o *Tempo para ser*? Talvez exija a coragem de dizer “não” quando esta palavra tão difícil se impõe como necessária. Talvez requeira a audácia de dizer “basta” à automatização, para regressar a uma presença mais consciente. Poderá também exigir a disponibilidade de permanecer consigo próprio, de suspender a fuga constante para o exterior e de habitar o silêncio. É nesse espaço, nesse encontro íntimo, desprovido de distrações e de urgência, que o Ser humano se reencontra, e o *Tempo* deixa de ser algo que passa e se torna, finalmente, algo que se vive.

“Talvez ‘tempo para ser’ seja precisamente isso: recuperar o tempo como espaço de consciência, onde a existência não é apressada, mas habitada.”



Tempo para Ser Pai, Filho, Pai

Carmen Fialho Encarregada de Educação

um filho é uma viagem que se inicia e que nunca termina
um amor que começa antes dele nascer e não pára de crescer
cresce o bebé, torna-se criança
nos três minutos de uma canção
primeiro não anda
mas depressa deixa de precisar que lhe dê a mão
um pai pede que o tempo pare
mas ele teima em não obedecer
e num dia
entre o deitar e o amanhecer
o bebé fez-se homem
adulto

um pai homem que já não consegue pegá-lo
atirá-lo ao ar como um vai-vem
mas continua a saber bem dar-lhe colo
um filho sem idade gosta do aconchego
de se encostar a um pai no sofá enquanto vê televisão
ou durante uma conversa sem guião,
gosta da comida da infância e do mesmo cheiro do lençol
a lavanda secado ao sol
recorda os pesadelos a meio da noite curados com abraços e beijos
a respiração tranquilizante do pai, no ritmo certo como o solfejo
até que vencido pelo sono, o filho adormeceu
o quarto já não mete medo, a cama já não é tão grande, ou foi o filho
que cresceu?
entra com nostalgia no seu quarto na casa do pai
com os brinquedos que continuam expostos como num museu
gosta de voltar àquele mundo seu
este filho que volta de visita
vem mas vai
é um filho crescido
um filho que pede que o tempo pare
mas ele teima em não obedecer
e quando na vida chega o entardecer
e depois vem a noite escura
o amor por um pai perdura mesmo depois dele morrer

o filho vai agora ser pai
um amor que começa antes de nascer e não pára de crescer
e outra vez o tempo teima em não obedecer

TEMPO PARA Ser e Crescer

Novos Espaços de Recreio do Jardim de Infância: Um processo de co-criação

Júlia Santos Coordenadora do Jardim de Infância
Teresa Valsassina Presidente do Conselho de Administração

“estes novos espaços (...) procuram criar condições para que cada criança encontre o seu próprio modo de brincar, de explorar, de relacionar-se e de crescer.”

No âmbito da renovação dos espaços do Jardim de Infância, o Colégio está a desenvolver um novo projeto para as áreas exteriores, concebido a partir de um processo de co-criação que reuniu as equipas pedagógica e de projeto. Sob a coordenação do Professor Frederico Lopes, esta reflexão conjunta procurou compreender de forma aprofundada como as crianças exploram, transformam e se apropriam destes ambientes, reconhecendo-os como contextos fundamentais para o desenvolvimento da autonomia, da criatividade, das competências sociais e da relação com o mundo que as rodeia.

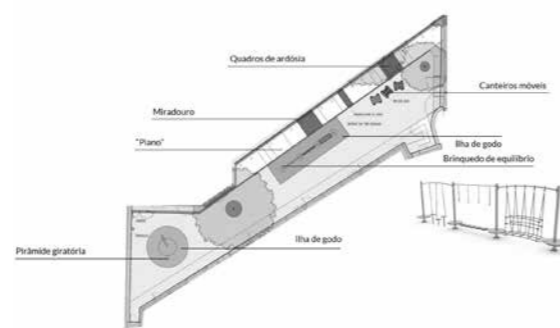
Mais do que locais de recreio, os espaços exteriores são entendidos como ambientes educativos privilegiados, onde o brincar, a descoberta e a interação contribuem diariamente para o crescimento e a aprendizagem das crianças. O processo de co-criação permitiu, por isso, identificar necessidades concretas e traduzi-las em soluções espaciais capazes de responder às intenções educativas e às formas de utilização observadas no quotidiano.

As reflexões desenvolvidas ao longo deste processo evidenciaram a importância de criar ambientes capazes de acolher diferentes formas de brincar e aprender: movimento intenso, exploração sensorial, jogo simbólico, observação, descanso e interação social. A partir destas ideias, foi definido um conjunto de princípios orientadores centrados na autonomia, no contacto com materiais naturais e na criação de oportunidades para experimentar, imaginar, descobrir e crescer.

A proposta organiza o espaço de forma flexível, evitando funções rígidas ou excessivamente delimitadas. Percursos, zonas de desafio físico, espaços de pausa e contextos de exploração sensorial articulam-se entre si, permitindo que cada criança construa a sua própria experiência. O objetivo é criar um ambiente que acompanhe os movimentos naturais da infância, respeitando os diferentes ritmos de desenvolvimento e incentivando a capacidade de decisão e de iniciativa.



Planta dos espaços recreio do Jardim de Infância



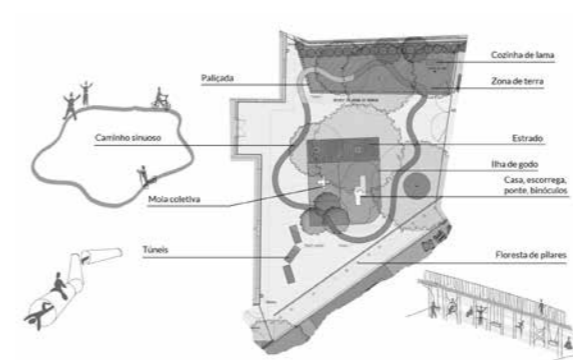
Planta do recreio de cima

Neste contexto, o espaço não determina o que a criança deve fazer nem impõe formas únicas de utilização. Pelo contrário, oferece possibilidades. Cada criança pode escolher se quer correr, observar, conversar, refugiar-se num lugar mais tranquilo, explorar materiais, inventar um jogo ou transformar uma descoberta numa nova brincadeira. Esta liberdade de escolha constitui uma dimensão central do projeto, reconhecendo o valor do tempo não estruturado como oportunidade para desenvolver autonomia, iniciativa, criatividade e capacidade de auto-organização.

Entre os elementos previstos destacam-se estruturas de equilíbrio, zonas de escalada, percursos sinuosos, áreas com materiais naturais, cozinhas de lama, espaços de observação, plataformas para representação e locais de encontro e de descanso. O risco é entendido como parte integrante da aprendizagem e cuidadosamente enquadrado, permitindo desenvolver autoconfiança, autonomia e capacidade de avaliar limites de forma segura.

Os novos espaços organizam-se em quatro setores complementares, cada um com características próprias e desafios ajustados ao desenvolvimento infantil. O Recreio de Cima privilegia o equilíbrio e a observação; o Recreio de Baixo promove o movimento, a expressão e a exploração; o Recreio Norte estrutura-se em patamares que favorecem uma progressão de experiências e desafios; e a Rótula assume-se como elemento articulador, funcionando como ponto de encontro e de ligação entre os diferentes territórios de brincar.

Uma dimensão particularmente valorizada no projeto é a relação com os materiais. Superfícies como godo, terra, madeira, lama, cordas ou ardósia proporcionam experiências sensoriais diversificadas e estimulam competências motoras, cognitivas, sociais e emocionais. Cada material convida a diferentes formas de exploração, transformando o espaço exterior num verdadeiro laboratório de aprendizagem.

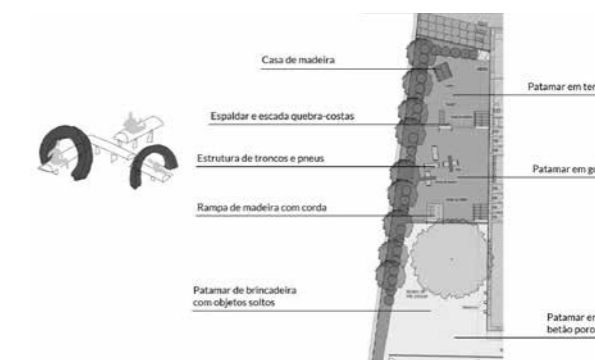


Planta do recreio de baixo

“O risco é entendido como parte integrante da aprendizagem e cuidadosamente enquadrado, permitindo desenvolver autoconfiança, autonomia e capacidade de avaliar limites de forma segura.”

A liberdade promovida pelo projeto não se limita à possibilidade de escolher entre diferentes atividades. Reside também na possibilidade de as crianças influenciarem e transformarem o ambiente que habitam. Inspirada no conceito dos materiais soltos e não estruturados (*loose parts*), a proposta integra elementos como pedras, troncos, pneus e outros materiais naturais que podem ser transportados, reorganizados e incorporados nas brincadeiras. O recreio deixa, assim, de ser um cenário fixo para se tornar um ambiente vivo e em permanente construção, onde cada intervenção abre novas possibilidades de exploração, de imaginação, de cooperação e de aprendizagem.

Entendidos como uma paisagem pedagógica integrada, estes novos espaços foram concebidos para apoiar o desenvolvimento integral das crianças. Mais do que disponibilizar equipamentos ou áreas de recreio, procuram criar condições para que cada criança encontre o seu próprio modo de brincar, de explorar, de relacionar-se e de crescer. Através do movimento, da imaginação, da cooperação e da descoberta, contribuirão para tornar o quotidiano do Jardim de Infância ainda mais rico, significativo e inspirador.



Planta do recreio norte

TEMPO de literacia

Desde Cedo o Cérebro Aprende a Crescer Entre as Páginas de um Livro

Joana Rato Professora na Universidade Católica Portuguesa (UCP). Coordenadora da Formação Avançada em Preparação e Ensino Inicial da Leitura e Escrita na UCP. Participa no Projeto 'LER: Literacia no 1.º Ciclo' da Fundação Belmiro de Azevedo.

Dânia Martins Assistente de investigação no Projeto "LER: Literacia no 1.º Ciclo" da Fundação Belmiro de Azevedo

Isabel Leite Professora na Universidade de Évora. Lidera o Projeto 'LER: Literacia no 1.º Ciclo' promovido pela Fundação Belmiro de Azevedo com a participação de várias instituições de Ensino Superior

A aprendizagem da leitura e da escrita é um dos pilares do desenvolvimento cognitivo das crianças e a investigação tem demonstrado que as bases da literacia começam a formar-se ainda antes da entrada no 1.º ano escolar. Antes de aprenderem a ler formalmente, as crianças beneficiam de experiências que desenvolvem o vocabulário, a compreensão oral e a familiaridade com os sons da língua. Estas competências constituem a base sobre a qual se constrói a decodificação, i.e., a capacidade de transformar letras em sons para pronunciar as palavras, e da qual depende a compreensão do que se lê.

Nos últimos anos, os avanços na chamada "ciência da leitura" têm vindo a reforçar a necessidade de práticas pedagógicas baseadas em evidência, integrando o conhecimento sobre como as crianças passam de aprendizes a leitores competentes¹. Este campo integra contributos da psicologia cognitiva, da linguística e, de forma crescente, das neurociências. Sabe-se hoje que a leitura envolve redes complexas no cérebro, responsáveis pelo reconhecimento de palavras, pelo processamento fonológico e pela compreensão semântica. Uma recente meta-análise mostrou a distinção entre diferentes processos de leitura, por exemplo, a leitura de palavras familiares ativa mais redes ligadas ao significado (semântica), enquanto a leitura de palavras desconhecidas ou pseudopalavras depende mais de circuitos fonológicos. Também se verificam diferenças entre leitura em voz alta e silenciosa, confirmando que o tipo de tarefa e a sua automatização influenciam os circuitos cerebrais envolvidos².

Um dos contributos mais relevantes vem de estudos longitudinais internacionais que, na comparação da aprendizagem da leitura em diferentes línguas, põem em evidência as competências indispensáveis à aprendizagem, assim como o seu valor preditor do desenvolvimento da leitura³. Trata-se de competências que não se desenvolvem espontaneamente, por exposição ao ambiente linguístico e por maturação. O sucesso na aprendizagem da leitura depende essencialmente de conhecimentos e habilidades que devem ser ensinados de forma explícita e sistemática desde cedo. Estas investigações confirmam a complexidade da tarefa do/a professor/a no ensino da leitura, auxiliando o cérebro da criança a desenvolver uma habilidade que, de outra forma, ele/a não conseguiria. Nesta aprendizagem, estabelecem-se circuitos e processos novos no cérebro, entre os quais a reciclagem de uma área neuronal que progressivamente se ocupa da identificação de sequências de letras e palavras, a "área da forma



“Antes de aprenderem a ler formalmente, as crianças beneficiam de experiências que desenvolvem o vocabulário, a compreensão oral e a familiaridade com os sons da língua.”



visual das palavras" (*Visual Word Form Area*, ou VWFA). À medida que a criança pratica, a VWFA torna-se cada vez mais especializada e eficiente, permitindo reconhecer palavras automaticamente, sem ter de decifrá-las letra a letra.

Por que é necessário estudar a leitura numa fase preparatória e no início da aquisição?

A evidência científica tem convergido na necessidade de investir na preparação para a leitura e para a escrita a fim de garantir um ensino eficaz nos primeiros anos de escolaridade. O Projeto "LER: Literacia no 1.º Ciclo", promovido pela Fundação Belmiro de Azevedo, insere-se numa iniciativa mais ampla de melhoria da leitura e da escrita em Portugal. Surge como resposta à preocupação com os níveis de literacia das crianças, já que estudos internacionais revelam que cerca de 23% dos/as alunos/as portugueses/as se encontram abaixo do nível mínimo de competência esperado⁴. Estas vulnerabilidades, quando não identificadas nos primeiros anos, tendem a persistir ao longo do percurso escolar, pelo que a sua identificação precoce é fundamental^{5,6}. O projeto tem como objetivos: i) realizar um retrato nacional das competências iniciais de leitura do pré-escolar ao 2.º ano e dos fatores que influenciam o sucesso na leitura; ii) facilitar a formação de educadores e/a professores, com base na ciência da leitura, para melhorar as práticas de ensino; iii) construir recursos pedagógicos que traduzam conhecimento científico em estratégias práticas para a sala de aula.

Agradece-se a colaboração do Colégio Valsassina e da sua comunidade escolar, uma vez que a participação neste projeto contribui para a concretização dos objetivos propostos, cujos resultados globais serão disseminados num futuro próximo.

Referências

- 1 Castles, A., Rastle, K., & Nation, K. (2018). Ending the reading wars: Reading acquisition from novice to expert. *Psychological Science in the Public Interest*, 19(1), 5-51. <https://doi.org/10.1177/1529100618772271>.
- 2 Turker, S., Fumagalli, B., Kuhnke, P., & Hartwigsen, G. (2025). The "reading" brain: Meta-analytic insight into functional activation during reading in adults. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 173, 106166. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2025.106166>.
- 3 Caravolas, M., Lervåg, A., Mikulajová, M., Defior, S., Seidlová-Málková, G., & Hulme, C. (2019). A cross-linguistic, longitudinal study of the foundations of decoding and reading comprehension ability. *Scientific Studies of Reading*, 23(5), 386-402. DOI:10.1080/1088438.2019.1580284.
- 4 OECD (2023). *PISA 2022 Results (Volume I): The state of learning and equity in education*. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/53f23881-en>.
- 5 Caravolas, M., Lervåg, A., Defior, S., Seidlová-Málková, G., & Hulme, C. (2013). Different patterns, but equivalent predictors, of growth in reading in consistent and inconsistent orthographies. *Psychological Science*, 24(8), 1398-1407. <https://doi.org/10.1177/0956797612473122>.
- 6 Gustafsson, J.-E. (2016). Lasting effects of quality of schooling: Evidence from PISA and PIAAC. *Intelligence*, 57(1), 66-72. <https://doi.org/10.1016/j.intell.2016.05.004>.

TEMPO de leitura

Pontes de Leitura: A dinamização de histórias entre o 2.º Ciclo e o Jardim de Infância

Camila Sousa Coordenadora da Biblioteca
Maria Ribeiro de Carvalho e Sofia Linhares Educadoras de Infância

A Biblioteca lançou um desafio aos/às alunos/as no final do mês de abril: organizando-se em pares, devem selecionar uma história e ensaiar a leitura que farão aos/as alunos/as do Jardim de Infância (3-5 anos). O desafio foi recebido com grande interesse e dedicação, em particular pelas alunas do 2.º Ciclo. Cientes da importância da tarefa que vão desempenhar, cada aluno/a coloca orgulhosamente um crachá ao peito: “eu sou um/a contador/a de histórias”.

O ato de contar histórias é uma das ferramentas pedagógicas mais ricas para o desenvolvimento infantil. Quando esta atividade é dinamizada por alunos/as do 2.º Ciclo para crianças do pré-escolar, cria-se um ecossistema de aprendizagem mútua. Segundo a perspectiva de Inês Sim-Sim na obra *Desenvolvimento da Linguagem*, a linguagem oral e o contacto com o código escrito são processos contínuos que se alimentam da interação social.

Para as crianças, ouvir uma história contada por “crianças mais velhas” oferece um modelo de competência linguística próximo e inspirador. Sim-Sim defende que a literacia emergente – o conjunto de conhecimentos e de atitudes sobre a escrita antes da instrução formal – é potenciada pelo contacto com leitores fluentes. Nota a aluna **Alice Brito** (6.º B): “É a contar e a ouvir histórias que se imagina mundos. Estes alunos (3-5 anos) não sabem ler, não poderiam entrar na história nem imaginar aventuras sem os contadores”.

“Estes conhecimentos que vão adquirindo, e que muitas vezes nos passam despercebidos, só se vão estruturando e desenvolvendo se as crianças tiverem contactos diretos, diversificados e sistemáticos com situações em que observam e interagem com alguém que lê” (Mata, 2008, p. 67). Os contactos precoces que as crianças têm ou não com as práticas de leitura e escrita determinam também a relação que as crianças estabelecem com a sua aprendizagem. Quanto mais cedo a criança estiver em contacto com as práticas de leitura, mais facilmente se tornará um leitor/escritor envolvente.

O benefício não é unilateral. Para o/a aluno/a de 10-12 anos, assumir o papel de contador de histórias exige o domínio da fluência e compreensão da leitura, áreas que Sim-Sim identifica como cruciais para o sucesso académico. Para contar uma história a um público mais novo, o/a aluno/a do 2.º Ciclo tem de adaptar a sua entoação, ritmo e vocabulário. Este processo reforça as suas próprias “estratégias de monitorização da leitura”. Esta é uma atividade que promove competências transversais, como a empatia e a capacidade de comunicação interpessoal, fundamentais na transição entre ciclos de ensino. Tal como notou a **Madalena van Zeller** (5.º D), “há várias maneiras de ser professor: quando vamos contar histórias estamos a ensinar”.

Num ambiente descontraído e em diálogo constante, as crianças mais pequenas são convidadas a receberem os/as alunos/as mais



crescidos/as, que chegam entusiasmados/as para partilhar o mundo mágico das histórias. **Madalena Ramalho** (3 anos C) refere: “Eu gosto que eles venham porque eles contam histórias muito giras”.

Contudo, a magia não termina com a expressão “vitória vitória, acabou-se a história”. Concluída a leitura, os/as alunos/as mais velhos/as são convidados/as a permanecer nas salas dos três anos ou a entrar no jardim onde as verdadeiras aventuras acontecem. É neste momento de transição que as ligações afetivas se consolidam. Sentados/as no chão ou explorando o espaço, partilham jogos, brincadeiras e conversas. **Guilherme Sanches** (3 anos C), partilha alegremente: “Eles depois brincaram comigo com a lama. Eu gostei”. O entusiasmo contagiado das crianças promove uma transformação nos/as alunos/as do liceu. Entre gargalhadas e olhares cúmplices, uma das contadoras de histórias resume a pureza da experiência: “Sinto que voltei à minha infância”. Ali, na simplicidade do brincar, os/as mais velhos/as relembram a leveza do seu próprio percurso, enquanto os/as mais pequenos/as ganham referências para o futuro, repletas de afeto.

A junção das teorias de Sim-Sim e de Mata mostra que a leitura é tanto um ato de inteligência como um ato de relação. Ao colocarmos alunos/as do 2.º Ciclo a contar histórias aos/às mais novos/as, estamos a validar as competências dos/as mais velhos/as e a despertar a curiosidade intelectual dos/as mais novos/as, criando uma comunidade de leitores resiliente e motivada.

Mais do que superar um desafio que lhes foi proposto, as/os alunas/os têm, a cada história contada, criado *uma outra coisa*: ao trazer de casa as histórias da sua infância, ao levar marcadores de leitura ou desenhos para oferecer a cada aluno/a, levam parte de si para a história que contam, mostrando que contar é (re)criar, é criar outra vez, e outra e outra, e tantas vezes quanto for possível imaginar. Sempre que adequam o tom de voz para contar uma história, que escutam atentamente as perguntas e que mostram cada página aos coloridos olhos dos/as alunos/as mais novos/as, estes/as alunos/as deixam um pouco de si. As conhecidas palavras, frequentemente atribuídas a Saint-Exupéry mas de origem popular e de autoria desconhecida, já o expressavam: “Aqueles que passam por nós (...) deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.

Referências

- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita – Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta 0.1080/10888438.2019.1580284.



TEMPO PARA questionar o mundo

São Horas de Perguntar

Cláudia Viana e Daniela Morais Professoras de Filosofia para Crianças e de Filosofia

Fazer perguntas é muito importante, porque desenvolvemos as nossas ideias e ficamos com mais sabedoria.

Francisca Gouveia 4.º A

O projeto “São Horas de Perguntar” nasce do ímpeto natural das crianças em questionar o mundo que as rodeia - ou não fosse o espanto um elemento constitutivo da natureza humana.

Foi com este espírito que, no Dia Mundial da Filosofia, celebrado em novembro, as professoras de Filosofia para Crianças do 3.º e do 4.º ano lançaram um desafio às turmas: escolher uma questão para a qual ansiavam por resposta ou um enigma que gostariam de ver resolvido. Depressa as professoras foram surpreendidas pela aguçada capacidade das crianças em tomar o mundo como um lugar permanentemente desconhecido e sobre ele lançar as mais extraordinárias inquietações: Somos feitos de quê? Porque é que precisamos de pele e de ossos? Como se formou o planeta Terra? Porque é que os números são infinitos? Deus tem idade? Porque é que nós existimos? Os *aliens* existem? Há provas? Porque é que aquilo que a magia faz não existe? Quem é que inventou a primeira invenção? Qual é o sentido da vida? Será que os sonhos podem

ganhar realidade? Se tudo fosse transparente, que cor se veria? É possível alguém sentir sempre alegria? Porque é que as pessoas não vivem em paz?

Este foi o mote para o início de uma viagem de partilha, de investigação e de questionamento. Na disciplina de Filosofia, os/as alunos/as do 11.º ano receberam as questões dos/as colegas mais novos/as e, sem conhecer a sua identidade, partiram em busca de respostas. Cada interrogação deu origem a um artigo científico, realizado pelos/as alunos/as do Ensino Secundário, acompanhado por um destacável lúdico criado especialmente para ser enviado de volta para a respetiva criança.

O resultado não podia ser mais enriquecedor. Mais do que um exercício meramente académico, este projeto provou que a curiosidade não tem limites e que as descobertas mais fascinantes nascem da vontade triunfal das crianças em explorar a realidade, lembrando-nos que nunca se é demasiado pequeno/a para questionar, nem demasiado crescido/a para responder.

O projeto “São Horas de Perguntar!” fez-me ver a disciplina de Filosofia de forma diferente. Achei extremamente interessante todo o processo. E apesar de o artigo ter sido um trabalho bastante exigente, creio que chegar ao produto final compensou todo o esforço. O destacável foi muito giro de fazer, porque fez-me sentir mais próxima da criança e o sentimento de saber que a criança ia ficar muito feliz quando o recebesse fez-me ficar a mim também feliz.

Carmo Matias 11.º 1A

O projeto foi, até agora, o mais interessante do Secundário. Gostei muito de poder investigar acerca da pergunta que recebi, de poder ir à procura de livros sobre o tema e de os incorporar no artigo científico.

Francisca Varela 11.º 1A

Este projeto desafiou-me a procurar mais além, e ajudou-me a perceber que até uma simples pergunta de uma criança pode ter um profundo significado filosófico.

Duarte Ramos 11.º 1B

Considere este projeto extremamente inovador. Achei fantástico ter a oportunidade de responder a uma pergunta de uma criança curiosa. A dupla vertente deste trabalho deu-me a oportunidade de aprofundar cientificamente o tema e também abriu portas à minha criatividade.

André Enes 11.º 1C

Achei extremamente interessante e interativo, pois senti-me desafiada e que o que estava a fazer tinha um propósito e causava diferença na vida de uma criança. Foi um trabalho que me permitiu explorar um tema totalmente novo e de forma livre, o que foi super gratificante. Adorei o trabalho!

Catarina Mesquita 11.º 1C

Participar neste projeto fez-me recordar as aulas de Filosofia para Crianças e as muitas perguntas que surgiam naturalmente nessa altura. Foi curioso reconhecer que essas questões, aparentemente simples, já eram o ponto de partida para a reflexão filosófica que hoje aprofundamos. A oportunidade de construir uma maquete para explicar a minha resposta e de a entregar pessoalmente à aluna do 1.º Ciclo tornou a experiência ainda mais significativa. Foi uma atividade muito enriquecedora, que aliou aprendizagem, partilha e uma agradável sensação de nostalgia.

Julieta Machado 11.º 2

O projeto “São horas de perguntar!” é muito interessante não só para os mais pequenos mas também para mim. É muito importante fomentar a curiosidade nos mais pequenos e também em nós, que somos mais velhos. Não fazia ideia de que as perguntas deles, aparentemente simples, dessem respostas tão complexas e interessantes. É mesmo um projeto fascinante.

Mariana Diniz 11.º 3

Este projeto teve um grande impacto em mim, porque me fez refletir e sentir uma grande nostalgia, sendo que desde pequena que me lembro de ter questões semelhantes às das crianças envolvidas neste projeto.

Matilde Ramos 11.º 4

1 Como será o mundo sem o ser humano?

Pergunta: Manuel Graça 4.º A

Resposta: Maria Ana Carvalho 11.º 1A

(Artigo Científico: *Um Planeta que Transcende a Humanidade: Um possível futuro para a Terra*)



Manuel Graça 4.º A



Maria Ana Carvalho 11.º 1A

2 Porque é que nós existimos?

Pergunta: Maria Leonor Santinha 4.º C

Resposta: Gustavo Ferreira 11.º 1C

(Artigo Científico: *A Razão da Existência - Uma análise científica e filosófica*)



Maria Leonor Santinha 4.º C



Gustavo Ferreira 11.º 1C

3 Como surgiu o infinito?

Pergunta: Salvador Teixeira 4.º B

Resposta: Maria Inês Pereira 11.º 4

(Artigo Científico: *Uma Análise Filosófica, Matemática e Artística de um Conceito Sem Fim*)



Salvador Teixeira 4.º B



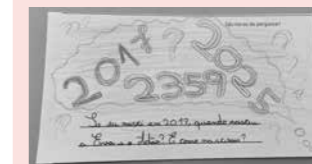
Maria Inês Pereira 11.º 4

4 Se eu nasci em 2017, quando nasceu a Eva e o Adão? E como nasceram?

Pergunta: Eva Carvalho 3.º B

Resposta: Julieta Machado 11.º 2

(Artigo Científico: *A Origem do Ser Humano Sob as Perspetivas da Religião, da Ciência e da Filosofia*)



Eva Carvalho 3.º B



Julieta Machado 12.º 2

Quem Descobriu o Tempo? O tempo entre o mundo físico e a forma como o entendemos

Catarina Fernandes 11.º 1A

O tempo não é um conceito empírico que nos seja derivado de nenhuma experiência.

Immanuel Kant, *Crítica da Razão Pura*

Resumo

Este artigo aborda a questão “Quem descobriu o tempo?”, explorando o problema filosófico de perceber se o tempo é uma realidade objetiva ou uma condição da experiência humana. Defende-se que o tempo não foi descoberto como um objeto, mas sim progressivamente compreendido. São abordadas as perspetivas de Kant, que considera o tempo uma forma da mente, e de Einstein e Hawking, que o entendem como uma dimensão do nosso universo. Conclui-se que o entendimento do tempo é resultado de um processo contínuo de reflexão filosófica e de investigação científica ao longo da História.

Palavras-chave: Tempo; Ciência; Universo; Descoberta.

Introdução

A questão “Quem descobriu o tempo?” propõe um dilema filosófico relevante: será que o tempo foi descoberto por nós, seres humanos, ou é uma condição necessária para que possamos conhecer o mundo?

No dia-a-dia, usamos o tempo para organizar tarefas, medir durações e compreender transformações. No entanto, raramente refletimos sobre a sua verdadeira origem ou até mesmo se pode ser considerado uma descoberta humana. Ao longo da História, tanto filósofos como cientistas procuraram entender o tempo. Alguns defendem que ele faz parte da estrutura da mente humana, outros consideram que se trata de uma realidade objetiva que pode ser estudada cientificamente. A pergunta de investigação que orienta este estudo é: o tempo foi descoberto pelos seres humanos ou é uma condição da própria experiência? A tese defendida é que o tempo não é uma descoberta humana, mas sim compreendido ao longo do tempo, tendo sido interpretado de maneiras diferentes pela Filosofia e pela Ciência. O trabalho está organizado em três partes principais: definição do conceito de tempo, análise filosófica e análise científica.

“... será que o tempo existe independentemente da mente humana, ou é apenas uma forma de organizar a realidade?”

O que significa “descobrir o tempo”?

Descobrir alguma coisa implica que essa coisa já existe, independentemente de nós e que, em algum momento, seja reconhecida ou compreendida. Por exemplo, quando se descobre um planeta, presume-se que essa realidade já existia antes de ser conhecida pelos seres humanos. No entanto, no caso do tempo, essa ideia apresenta incertezas, porque o tempo não pode ser percebido diretamente e não existe como um objeto concreto no mundo. Assim, surge o problema central: será que o tempo existe independentemente da mente humana, ou é apenas uma forma de organizar a realidade?

Se o tempo for uma realidade objetiva, então faz sentido afirmar que ele foi sendo descoberto à medida que os seres humanos desenvolveram instrumentos, como relógios, e teorias científicas. Nesse caso, a descoberta do tempo seria comparável à descoberta de outras leis da natureza.

Por outro lado, se o tempo for uma estrutura da mente humana, não pode ser descoberto, já que não existe fora da nossa forma de perceber o mundo. Nesse cenário, o tempo seria uma condição necessária para qualquer experiência e não uma dimensão que possamos identificar ou encontrar.

Segundo Kant, “o tempo é uma representação necessária, que está na base de todas as nossas intuições” (2021, p. 35). Dessa forma, a própria ideia de “descobrir o tempo” depende de como definimos o conceito de tempo, mostrando que a questão não é apenas científica, mas também filosófica.

A perspetiva filosófica de Kant: O tempo não é descoberto

Segundo o filósofo Immanuel Kant, o tempo não é uma realidade externa, mas sim uma forma *a priori* da sensibilidade, ou seja, uma estrutura da mente humana.

“O tempo não é algo que subsiste em si mesmo [...] consideramos o tempo apenas como a condição subjetiva sob a qual todas as nossas intuições ocorrem” (2021, p. 48) Isto significa que o tempo não pode ser descoberto, porque não existe fora da mente humana. Pelo contrário, é uma condição necessária para que possamos ter experiências, ou seja, faz parte da forma como a mente humana organiza tudo aquilo que percebe.

Antes de observarmos qualquer fenómeno, já utilizamos o tempo para o compreender. Todos os acontecimentos são organizados em termos de passado, de presente e de futuro, porque é assim

que a nossa mente funciona. Deste modo, para Kant, o tempo não é uma realidade independente que possa ser descoberta como acontece com um planeta ou com uma lei física. O tempo é uma estrutura interna do sujeito, que torna possível a experiência e o conhecimento.

Assim, a pergunta “Quem descobriu o tempo?” perde sentido nesta perspetiva, porque não existe um momento em que o tempo tenha sido descoberto ou identificado. O tempo está sempre presente em qualquer experiência humana, sendo uma condição prévia a qualquer descoberta. Além disso, esta posição de Kant levanta uma consequência importante: se o tempo depende da mente humana, então não podemos saber como seria a realidade sem ele. Ou seja, não conseguimos perceber se o tempo existe independentemente de nós, porque toda a nossa percepção já está condicionada por ele. Conclui-se, assim, que, para Kant, o tempo não é uma descoberta, mas sim uma condição obrigatória para o conhecimento do mundo.

A perspetiva científica de Einstein

Ao contrário de Kant, Albert Einstein apresenta uma visão do tempo como uma realidade física que faz parte do universo. Na teoria da relatividade, o tempo deixa de ser uma estrutura fixa e absoluta, passando a depender das condições físicas, como a velocidade e a gravidade. Isto significa que o tempo não é igual para todos aqueles que o observam. Veja-se: dois indivíduos em situações diferentes podem medir o tempo de forma distinta, o que mostra que o tempo não é universal, nem constante.

Segundo o autor, “a distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão teimosamente persistente”.¹ Nesta perspetiva, o tempo existe independentemente da mente humana, mas o seu funcionamento não é evidente nem imediato. Foi necessário um longo desenvolvimento científico para compreender a sua verdadeira natureza. Assim, pode dizer-se que o tempo, enquanto dimensão do universo, foi sendo progressivamente descoberto e compreendido pela Ciência. Ainda assim, é importante realçar que Einstein não descobriu o tempo em si, mas sim uma nova forma de o compreender. O tempo já existia como parte do universo, mas a sua estrutura e funcionamento foram revelados através da teoria da relatividade. Conclui-se que, para o autor, o tempo não é uma construção da mente, mas sim uma realidade objetiva que pode ser estudada e descoberta.

¹ Trecho da carta de Albert Einstein a Vera e Bice Besso, 21 de março de 1955. Cf. *The Collected Papers of Albert Einstein*, Vol. 15, Princeton University Press.

No contexto do projeto “São Horas de Perguntar!”, a questão colocada pelo aluno Santiago Carneiro do 4.º A revelou o impacto que o tema do ano tem nas reflexões dos/as nossos/as alunos/as: Quem descobriu o tempo? Desta indagação nasceu o artigo científico da aluna Catarina Fernandes da turma 11.º 1A, que procurou responder à questão que lhe foi endereçada.



Representação simbólica da natureza subjetiva e complexa do tempo. Catarina Fernandes 11.º 1A

A perspetiva científica de Hawking

O cientista Stephen Hawking aprofunda a análise científica do tempo ao relacioná-lo com a origem do universo. Na sua obra *Breve História do Tempo* (2000), no capítulo VIII, este defende que o tempo teve início no *Big Bang*. Isto significa que o tempo não é eterno, nem infinito no passado. Pelo contrário, surgiu justamente com o próprio universo. Assim, não faz sentido perguntar o que existia antes do tempo, pois o próprio conceito de “antes” depende da existência do tempo.

Nesta perspetiva, o tempo é uma dimensão real do universo, mas a sua origem e funcionamento só podem ser compreendidos através da investigação científica. Tal como no caso de Einstein, o tempo não foi descoberto como um objeto. Além disso, Hawking mostra que o tempo pode ter características complexas, como a possibilidade de não ter um limite claro no início dependendo das condições do universo. Isto reforça a ideia de que o tempo não é simples, nem direto. Conclui-se que, para Hawking, o tempo existe independentemente de nós, mas a sua natureza e origem são descobertas através da ciência.

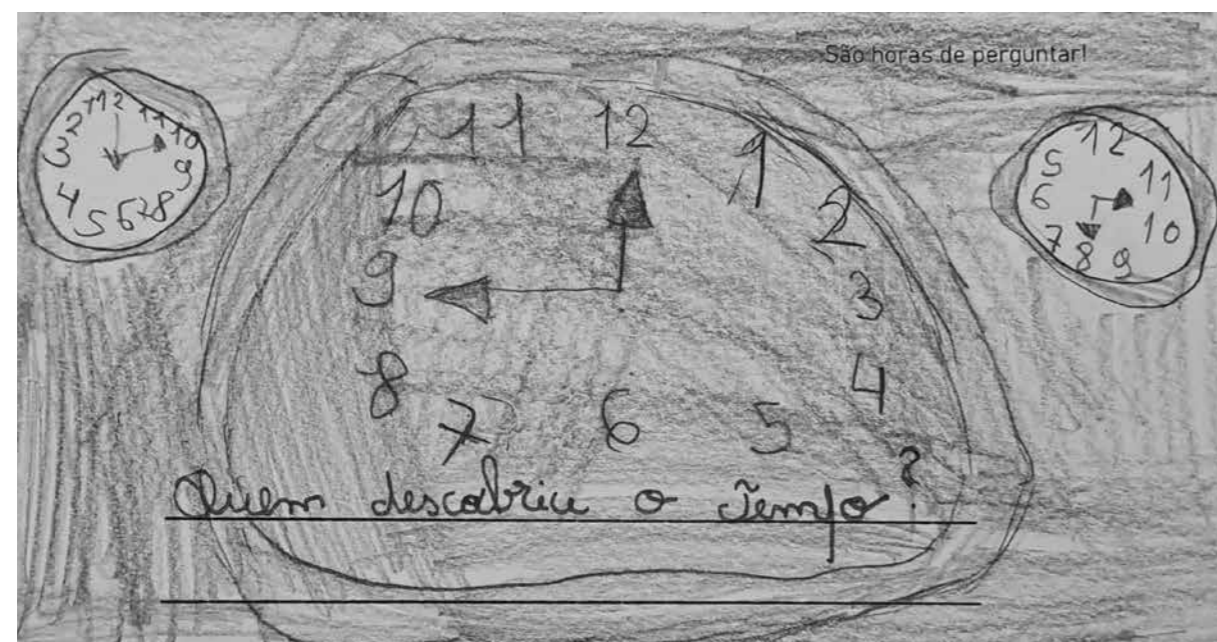
Referências

Hawking, S. (2000). *Breve História do Tempo*. Gradiva.
Kant, I. (2021). *Crítica da razão pura*. Edições 70.

Conclusão

A questão “Quem descobriu o tempo?” mostra-se mais profunda do que parece à primeira vista, pois envolve diferentes maneiras de compreender a realidade e o conhecimento humano. Pode-se perceber que o tempo não foi descoberto por uma única pessoa, como ocorre com outros fenómenos científicos. Pelo contrário, a sua compreensão resultou de um longo processo histórico, que uniu tanto a reflexão filosófica como o progresso científico. Dependendo do ponto de vista, o tempo pode ser considerado uma condição da mente humana ou uma dimensão objetiva do universo, analisada por cientistas como os que foram aqui estudados.

Assim, o tempo não foi verdadeiramente “descoberto” no sentido literal do termo, mas sim gradualmente interpretado e compreendido de múltiplas formas. Esta ideia mostra que o avanço do conhecimento humano não se resume apenas a encontrar novas realidades, mas também a aprofundar e a repensar conceitos que tomamos como evidentes. Além disso, esta questão destaca a relevância da investigação filosófica, uma vez que nos leva a refletir não só sobre as respostas, mas também sobre a forma como fazemos as perguntas. Ao perguntar quem descobriu o tempo, acabamos por perceber que talvez o verdadeiro enigma esteja na própria definição do tempo.



Santiago Carneiro 4.º A



A oportunidade de acolher e de aproximar jovens em prol do debate revelou-se uma experiência verdadeiramente memorável. Foram três dias pautados pela ansiedade natural de argumentar numa língua estrangeira e pelo peso invisível de estarmos a “jogar em casa”. Inicialmente, a pressão destes fatores ameaçava culminar num desfecho catastrófico, no entanto, o que verdadeiramente perdurou na minha memória não foi o nervosismo, mas sim a riqueza dos momentos de partilha com as pessoas de diferentes realidades, o esforço que tive com os meus colegas antes dos debates ou até dos risos e piadas que dizíamos enquanto deambulávamos pela escola a tentar concentrar-nos para o desafio que vinha a seguir.

Mais do que a rivalidade da competição, ficou o registo dos rostos dos nossos “opponentes”, iluminados pela mesma vertigem da partilha intelectual que ali nos unia. É fascinante constatar como a paixão de defender uma ideia, de escutar o dizer do Outro e de lhe responder consegue romper qualquer fronteira e aproximar vidas tão distintas.

Naturalmente, a consagração como campeões internacionais trouxe uma felicidade imensa. Todavia, o sabor desta vitória não se esgotou no troféu em si. Foi uma forma de consumir o nosso esforço e dedicação a este projeto.

Gustavo Ferreira 11.º 1C

Valsassina Conquista Torneio Internacional de Debate, ECNAIS Student Debate Event

Daniela Morais Professora de Filosofia e Coordenadora do Projeto “Debate”

A equipa de debate do Colégio Valsassina, constituída por Gustavo Ferreira (11.º 1C), Mateus Silva (11.º 1A) e Vasco Isidoro (12.º 1A), conquistou a vitória no ECNAIS Student Debate Event, uma competição europeia dedicada à promoção da democracia e da cidadania ativa, que decorreu nos dias 23 e 24 de março de 2026, precisamente no Colégio Valsassina.

Organizado pela ECNAIS – European Council of National Associations of Independent Schools, em parceria com a AEEP – Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo, o evento reuniu 10 escolas de seis países: Portugal, Reino Unido, Chéquia, Bulgária, Roménia e Turquia. Após três rondas intensas de debate, a equipa do Colégio Valsassina garantiu um lugar na final, destacando-se pelo rigor argumentativo e pela clareza de comunicação. Na derradeira ronda, a equipa do Colégio Valsassina voltou a demonstrar a qualidade do trabalho desenvolvido e conquistou a grande vitória.

A preparação da participação da equipa do Valsassina foi supervisionada e orientada pela Professora Daniela Morais e pelo Professor Marco António. A Professora Inês Almeida deu também apoio aos alunos na preparação dos discursos em língua inglesa, o idioma em que a competição foi disputada na totalidade.

O evento evidenciou o papel do debate como ferramenta educativa essencial. Através desta prática, os/as alunos/as desenvolvem o pensamento crítico, competências de comunicação e o respeito por diferentes pontos de vista, reforçando valores fundamentais como a participação cívica, a cooperação e a resolução pacífica de conflitos.

Moções:

1.ª ronda: *Schools should have surveillance cameras in all classrooms and recreation areas.*

2.ª ronda: *Nuclear energy is the best solution for Europe's energy crisis.*

3.ª ronda: *The EU should have an elected President.*

Final: *Technology is making us smarter.*



Testemunhos dos alunos

TEMPO PARA ser escutado

Maratona de Discursos



Alunos/as do 3.º Ciclo e do Ensino Secundário do Colégio Valsassina participaram na “Maratona de Discursos”, iniciativa promovida pelo Setúbal Toastmasters Club que se realizou no dia 24 de abril, na Escola Secundária do Bocage, em Setúbal. A participação surgiu na sequência de um desafio lançado pela disciplina de Português, com o objetivo de incentivar os/as alunos/as a desenvolver a arte de falar em público e a valorizar a exposição oral como forma de expressão e de partilha de ideias.

Em representação do Colégio participaram os/alunos/as: **Maria Francisca Silva** (9.º C), **António Mendes** (9.º D) e **Sara Salpico** (8.º B), do Ensino Básico, e **Diogo Martins** (11.º 2), **Maria Ana Carvalho** (11.º 1A) e **Ana Sá** (12.º 3), do Ensino Secundário.

Os/as alunos/as apresentaram textos da sua autoria, abordando temas da atualidade e refletindo sobre questões que marcam a sociedade contemporânea. A diversidade dos assuntos escolhidos e a singularidade das reflexões evidenciaram o espírito crítico dos/as participantes e o seu contributo para a construção de sociedades democráticas, inclusivas e culturalmente diversas.

“... não somos apenas herdeiros do passado – somos os guardiães do futuro.”



Discurso do aluno António Mendes (9.º D)

Permitam-me começar com uma pergunta que não tem resposta fácil – mas que nenhum de nós pode ignorar: o que pensaríamos de um arquiteto que desenha um edifício sem conhecer o terreno onde o vai construir?

É exatamente isso que fazemos quando tentamos construir o futuro sem conhecer o passado que nos moldou.

Vivemos num tempo em que tudo avança a uma velocidade vertiginosa – a tecnologia, a política, a economia, a ambição humana. Mas e a memória coletiva? Essa parece esmorecer. E quando uma sociedade esquece o seu passado, perde também o fio condutor das suas escolhas, esquece os seus erros e olvida as suas responsabilidades.

A História não é um museu empoeirado. É uma força viva que pulsa no presente.

Após a Primeira Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes impôs à Alemanha condições tão severas que humilharam um povo inteiro. A economia colapsou, a moeda perdeu todo o valor, e milhões de pessoas viram-se sem trabalho, sem dignidade, sem esperança.

E é precisamente nesse vazio – o vazio deixado pela humilhação e pelo desespero – que os regimes totalitários e populistas encontram sempre o seu terreno fértil. Foi assim que nasceu o nazismo na

Alemanha, o fascismo em Itália, e que se espalharam pela Europa ondas de autoritarismo que varreram décadas de progresso democrático. Líderes que prometiam grandeza a povos feridos. Povos que, desesperados, acreditaram nessas promessas.

O resultado? Cinquenta milhões de mortos. Um continente em ruínas. E a pergunta que ficou para sempre no ar: isto poderia ter sido evitado?

A resposta, segundo os historiadores, é sim – se as decisões de 1919 tivessem sido guiadas pela sabedoria do passado e não pela sede de vingança do presente.

Como um rio que não encontra a sua foz, a injustiça acumulou-se, até transbordar em tragédia. Este encadeamento histórico revela um princípio incontornável: decisões tomadas sem a aprendizagem do passado podem gerar consequências que atravessam gerações e continentes.

Mas a História também nos mostra o outro lado desta moeda.

Quando a humanidade aprende com os seus próprios erros, é capaz de se reconstruir. A criação das Nações Unidas foi precisamente isso: não um ato de otimismo ingénuo, mas um ato de lucidez coletiva. Após duas guerras que deixaram o mundo em cinzas, os Estados decidiram que o diálogo teria de ser mais forte do que o canhão.

E o resultado? Até hoje, apesar de conflitos regionais, não voltou a existir uma guerra mundial. Não é pouco. É a prova de que a memória histórica pode ser, ela própria, uma arma de paz.

No entanto – e aqui está o perigo – este equilíbrio começa a rachar. Hoje, observamos cada vez mais decisões marcadas pela ganância económica, pela competição tecnológica desenfreada e por uma arrogância que já vimos antes. Uma arrogância que sussurra sempre a mesma mentira: “desta vez será diferente”...

A UNESCO é clara: o acesso ao conhecimento histórico é indispensável para sociedades mais estáveis, mais críticas e mais democráticas. E eu subscrevo esta noção, não como mera ideia académica, mas como convicção cívica profunda.

Há quem diga que devemos olhar apenas para o presente e para o futuro – que o passado é um peso do qual devemos libertar-nos. Mas esquecer o passado não nos liberta. Aprisiona-nos.

É como um doente que recusa ouvir o diagnóstico: a doença não desaparece por ser ignorada. Cresce em silêncio, até ser tarde demais.

As grandes catástrofes da História não nasceram do acaso. Nasceram de escolhas repetidas por sociedades que acreditaram ser imunes aos erros dos seus antepassados. E pagaram esse orgulho com sangue.

A memória não é nostalgia. É consciência.

Os grandes acontecimentos da História não são meras datas num manual escolar. São experiências coletivas que nos revelam, ao mesmo tempo, a capacidade humana de construir a paz e a sua tendência trágica de destruir tudo quando se esquece dos próprios limites.

Não precisamos de um mundo sem passado. Precisamos de um mundo que aprenda com o passado.

Não precisamos de esquecimento. Precisamos de consciência.

Não precisamos de repetição. Precisamos de responsabilidade.

Porque sem memória não há identidade, sem identidade não há direção, e sem direção... não há futuro.

Por isso, peço-vos: não olhem para a História como algo de distante, como uma matéria maçadora ou irrelevante.

Estudem-na. Compreendam-na. Respeitem-na. Porque cada escolha que fazemos hoje será, amanhã, parte da história de alguém.

E, no fim, não somos apenas herdeiros do passado – somos os guardiães do futuro.

Muito obrigado.

TEMPO PARA as línguas

Semana das Línguas 2026

Mónica Silva Professora de Português e Coordenadora na Direcção Pedagógica

Na semana de 17 a 21 de março, celebrou-se, uma vez mais, a Semana das Línguas, uma iniciativa já habitual no Colégio, que envolveu alunos/as desde os 3 anos até ao 12.º ano. Ao longo destes dias, a comunidade Valsassina participou num vasto conjunto de atividades que promoveram o gosto pelas línguas, pela leitura, pela escrita, pela oralidade e pela diversidade cultural.

A semana teve início com diversas propostas dirigidas aos/as alunos/as mais novos/as e também aos/as mais velhos/as. Os/As alunos/as do 1.º ano participaram em jogos de adivinhas, enquanto os/as do 3.º ano embarcaram numa viagem pelo tempo das palavras. Já os/as alunos/as do 4.º ano envolveram-se em oficinas de escrita criativa, onde puderam partilhar histórias inventadas. No Ensino Secundário, destacou-se a atividade “Fogo Cruzado: Poemas como respostas e outros poemas”, dinamizada pelo Professor Nuno Amado, que proporcionou momentos de reflexão e de contacto com a poesia de Fernando Pessoa. O dia incluiu ainda um Concurso de Leitura destinado aos/as alunos/as do 5.º ano.

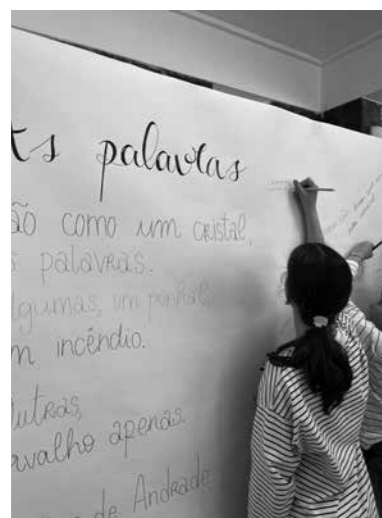
Na terça-feira, a diversidade linguística esteve particularmente em evidência. Os/As alunos/as do 1.º Ciclo participaram em “Canções do Mundo”, enquanto os/as do 2.º ano exploraram o tema “Memória e Dialectos: O português no tempo dos nossos avós”. Uma outra atividade foi “Tens tempo para a poesia?”, que reuniu várias línguas – Português, Espanhol, Francês e Inglês – num momento coletivo no átrio da escola. Os/As alunos/as do 10.º ano apresentaram várias sessões de *Short Plays* em inglês, demonstrando competências linguísticas e expressivas. O dia incluiu ainda o “Desafio das Línguas”, um quiz interativo em formato *Kahoot*, e a atividade “¿Por qué estudio Español? Pourquoi j'étudie le français?”, dinamizada por alunos/as do 9.º ano para turmas mais jovens.

A quarta-feira manteve o dinamismo, com novas apresentações de *Short Plays* e atividades como “Geografia do Tempo”. Os/As alunos/as do Ensino Secundário participaram em *Flash Debates*, em inglês, contando também com a presença de alunos/as polacos/as do programa Erasmus. Em português, destacou-se a exposição “Diálogos de um ‘eu’ fragmentado”, bem como mais uma oficina de escrita criativa para o 4.º ano. Houve ainda um recital de poesia dedicado a Alexandre O’Neill, interpretado por Sinde Filipe, e o concurso “Achas que sabes Gramática?”, dirigido ao 8.º ano.

Na quinta-feira, as atividades continuaram a cruzar línguas, culturas e expressões artísticas. Os/As alunos/as do 2.º ano exploraram “Expressões do Tempo pelo Mundo”, enquanto toda a escola teve oportunidade de assistir a uma mostra de curtas-metragens em várias línguas. Os/As alunos/as do 12.º ano dinamizaram atividades para colegas mais novos/as, como “Fernando Pessoa(s) em Movimento” e “Deambulações poéticas contemporâneas”. O dia incluiu ainda o concurso “Quem sabe mais Lusíadas?”, dirigido ao 9.º ano, e mais uma apresentação de *Short Plays*.



Atividade: Desafio das línguas



Atividade: Mural “As palavras são...”



Atividade: Escrita em conjunto

Na sexta-feira, último dia da semana, realizaram-se novas sessões de teatro em inglês e atividades como “Mensagens para o Futuro”, destinada aos/as alunos/as do 3.º ano. Os/As alunos/as do 11.º ano participaram em leituras encenadas d’*Os Maias*, enquanto decorreu o lançamento do Concurso Maria Alda. A cerimónia de encerramento incluiu não apenas uma entrega de prémios como também um recital de poesia em várias línguas, celebrando o espírito multicultural da semana.

Ao longo de toda a semana, decorreram também inúmeras atividades transversais. No pré-escolar, as crianças participaram em lengalengas, histórias, poemas e sessões de *storytelling* em inglês, bem como atividades criativas baseadas em obras como *A Very Hungry Caterpillar* e *The Colour Monster*. No 1.º Ciclo, realizaram-se atividades como “Passaporte Lexical”, *riddles*, um *Spelling Bee* e leituras orientadas. Os/As alunos/as mais velhos/as participaram em projetos como “*Teacher for a Day!*”, produção de *podcasts*, escrita criativa, exposições culturais e desafios linguísticos.

Destacaram-se ainda iniciativas como o mural “As palavras são...”, a exposição “O Meu Fernando Pessoa”, mostras de cultura espanhola e francófona, recomendações de livros, atividades de escrita colaborativa na biblioteca e momentos de música no átrio da escola. Houve também atividades que envolveram as famílias, como “O livro da minha infância”, em que os pais participaram nas aulas dos/as filhos/as.

Já na semana seguinte, a programação incluiu, ainda, atividades como “São Carlos vem à escola” para o 12.º ano e “*Os Lusíadas* como nunca os ouviu”, por António Fonseca, dirigido ao 9.º ano, prolongando o espírito da Semana das Línguas.

No seu conjunto, esta iniciativa revelou-se, mais uma vez, um enorme sucesso, promovendo não só o desenvolvimento de competências linguísticas, mas também o intercâmbio cultural, a criatividade e o envolvimento de toda a comunidade escolar.



Atividade: “O meu Fernando Pessoa”



Atividade: São Carlos vai à escola



Atividade: Recital de poesia “Alexandre O’Neill”, por Sinde Filipe

TEMPO PARA SER Criativo

Sob o Mote do Tema do Ano: A literatura e o tempo 10.º ano, Crítico por um dia

Sofia Couto Professora de Português

No âmbito da disciplina de Português, os/as alunos/as da turma 10.º 1A realizaram a apreciação crítica de uma obra artística à sua escolha. Para este trabalho, puderam selecionar um livro, filme, série, cartoon, pintura, música, banda desenhada ou jogo de computador.

A apresentação foi feita individualmente, em formato de vídeo. Os/as alunos/as identificaram a obra e o/a seu/ua autor/a, apresentaram uma breve descrição e interpretação, justificaram a sua recomendação e estabeleceram uma relação com uma obra ou autor/a estudado no 10.º ano.

Na avaliação foram considerados aspetos como a qualidade da expressão oral, a análise da obra escolhida, a comunicação não verbal e a capacidade de relacionar diferentes obras e autores. Esta atividade permitiu desenvolver o espírito crítico, a criatividade e as competências de comunicação dos/as alunos/as.

O tema do tempo esteve presente neste trabalho, uma vez que, ao estabelecerem relações entre diferentes autores e formas de arte, cada produto final evidenciou que questões como o amor, o sofrimento e os conflitos humanos atravessam diferentes épocas, demonstrando-se, deste modo, o carácter intemporal dos grandes temas da arte. Citando o aluno **João Gonçalves** no seu trabalho: “Será que podemos pensar em Camões quando estamos dentro de um jogo de computador?”. Claro que sim!

Neste âmbito, a aluna **Laura Jardim** realizou um trabalho muito original e interessante sobre o bailado narrativo *Mayerling*, que dá vida em movimento à história trágica que envolveu o Príncipe Herdeiro Rodolfo da Áustria e a sua amante. Coreografado por Kenneth MacMillan em 1978, com música de Franz Liszt, a obra é um clássico do repertório do *Royal Ballet*.

No seu trabalho, a Laura criou a produtora fictícia “Kamões Films” e assumiu várias personagens ao longo da apresentação. O vídeo começa com uma professora a apresentar um documentário à turma sobre o bailado *Mayerling*. Nesse documentário (elaborado com as características específicas do género), Laura interpretou uma crítica de arte e diversos entrevistados, incluindo uma bailarina.

Através da análise da história trágica do bailado, estabeleceu uma relação com a visão do amor presente na obra de Camões, destacando-o como uma realidade contraditória, dolorosa e, muitas vezes, cruel.

O trabalho distinguiu-se pela criatividade, pela interpretação de diferentes personagens e pela forma original como articulou a obra escolhida com os conteúdos estudados em Português.



Trabalho da aluna
Laura Jardim 10.º 1A

Leituras Obrigatórias

Rodrigo Garcia 8.º B

Para todos os que pensam demais
Do folhear das páginas marcadas, das crises
existenciais a horas indecentes e das grandes
questões que assombram a alma humana nasce
“Leituras Obrigatórias”.

“Leituras Obrigatórias” é um arquivo, uma coleção de pensamentos literários e divagações sobre frases, passagens e citações que merecem o dom da eternidade. Um abrigo para aqueles que encontram conforto em pensar demais – porque há livros que não acabam nas últimas páginas.

O “Cão nojento!” e o velho Salamano: Pensamentos sobre *O Estrangeiro*, de Albert Camus

*a verdadeira doença que o cão tinha era a velhice,
e a velhice não se cura.
Espero que os cães não ladrem esta noite. Julgo
sempre que é o meu.*

Na obra, *O Estrangeiro*, de Albert Camus, são-nos apresentadas duas personagens de aspeto igualmente terrível, mas a quem as semelhanças não acabam na superficialidade dos maus-ares.

O velho ou “senhor” Salamano é conhecido entre os vizinhos do prédio pelo seu cão, doente e manchado, com quem partilha uma relação de co-dependência e ódio há oito anos. Há oito anos segue a mesma rotina, a mesma vida, juntamente com o seu cão (a quem frequentemente chama de “bandido” e de “nojento”). Passeia-o pela Rue de Lyon, até começar a ser ele quem é passeado, porque o cão decide arrastar o dono. Porém, isso não dura muito, pois o velho Salamano parte para a violência e espanca o coitado do cão, até este ficar com tanto medo que se deixa arrastar – e assim fazem o passeio inteiro.

No entanto, certo dia, o cão desaparece, misteriosamente, sem qualquer aviso. Do dia para a noite, a criatura que ditava a vida do velho como que se evapora sem deixar rasto. Salamano tenta falar com os vizinhos, mantendo um disfarce de aparente indiferença, mas, por dentro, tinha a alma corroída por um vazio brutal e repentino. Por fim, foi falar com Meursault (o protagonista da obra), em busca de uma última esperança, pois o bicho já não dava sinais de vida há três dias.

E aqui entra a nossa primeira citação. O velho fala de como o cão outrora fora belo, com um pelo lindo e de como também ele fora feliz. De como foi casado (não um casamento feliz, mas suportável), e que lhe tinham oferecido o cão após a morte da sua mulher. Admitiu que, efetivamente, se zangava “de tempos a tempos” com o animal, mas que todas as manhãs e todas as noites lhe punha pomada nas manchas e crostas que o cobriam.

Na verdade, Salamano e o seu cão são o espelho um do outro. Salamano via no cão a sua velhice, o seu sofrimento e um reflexo da sua própria existência que tanto odiava. Por isso, maltrata o animal. Logo, a verdadeira doença do cão (e de Salamano), não foi sarna nenhuma, apenas a crueldade do tempo; a humilhação que é ver-se a si mesmo deteriorar lentamente – e saber que não há cura. O animal é a lembrança constante da sua “velhice”, e, por isso, reage-lhe com raiva e violência. No entanto, quando o cão foge, Salamano, contraditoriamente, não se sente liberto da tortura da própria imagem ou aliviado – somente uma ausência triste e desamparada. Aquilo que tanto detestava dava-lhe sentido a uma vida de solidão e lenta decadência interior. Por mais horrendo que fosse aquele ritual que seguia religiosamente todos os dias, passear – espancar – passear – espancar era aquilo que o havia definido como pessoa nos últimos oito anos; era uma prova física e material da sua existência – o seu último testemunho.

Por fim, isto leva-nos à última, e mais angustiante citação de hoje, onde Camus reflete perfeitamente como há relações entre nós, humanos, que não são feitas de ternura, mas sim de irritação, de implicância e de hábito entediante, tão profundamente enraizadas, que levam tanto de nós como o afeto quando é rompido.

Nesta frase, Salamano sabe, racionalmente, que o cão não voltará, mas mesmo assim agarra-se a esta esperança, quase infantil. Ainda se prende à ilusão de propósito estruturado que a rotina lhe dava. Por isso, qualquer ladrar reacende a hipótese do “será que é ele?”; o velho vê-se reduzido à sua impotência no que toca à perda: o cão já desapareceu, mas a esperança de voltar ao velho hábito ainda o atormenta.

Talvez a tragédia de Salamano não seja ter perdido o cão, mas descobrir que toda a sua vida estava presa àquele ritual miserável. E, por isso, continua a ouvir o ladrar durante a noite – porque há rotinas cuja ausência faz mais barulho do que a própria presença.

TEMPO PARA escrever

Alunos/as do Valsassina Premiados no Concurso *Uma Aventura Literária* 2026



Texto do aluno
David Matos 12.º 2A

A criatividade, a imaginação e o talento dos/as nossos/as alunos/as voltaram a conquistar reconhecimento nacional no concurso “Uma Aventura Literária”, uma iniciativa que, ano após ano, desafia jovens escritores/as a dar vida a novas histórias através das palavras.

Promovendo o gosto pela escrita, o pensamento crítico e a capacidade de expressão, este concurso constitui uma oportunidade única para os/as alunos/as explorarem a sua voz e o seu universo criativo. Por isso, é com enorme orgulho que celebramos os excelentes resultados alcançados nesta edição.

Na modalidade de Texto Original, destacaram-se **Noa López** (5.º B), vencedora do prémio atribuído pelo júri, e **David Matos** (12.º 2A), igualmente distinguido pelo mérito do seu trabalho. Foram ainda atribuídas Menções Honrosas a **Clara Sousa** (7.º B) e a **Afonso Matos** (12.º 2A), reconhecendo a qualidade e a originalidade dos seus textos.

A todos/as os/as premiados/as, deixamos os nossos sinceros parabéns. Que esta conquista seja um incentivo para continuarem a sonhar, a criar e a descobrir, na escrita, uma poderosa forma de transformar ideias em aventuras inesquecíveis.

Um mundo colorido e diferente

Clara Sousa 7.º B

Olá, eu sou a Clara e tenho doze anos. Na aula de Português a professora disse para nós escrevermos um texto livre. As minhas amigas escreveram sobre filmes, séries, pessoas conhecidas... mas eu não! Eu decidi escrever sobre a minha irmã Francisca.

A Francisca tem 6 anos, mas toda a gente a trata por Quica. A minha irmã nasceu com um síndrome raro que os médicos dizem que tem um nome muito complicado e difícil de dizer. Eu não consigo ler, é como se um manual de instruções viesse com as páginas trocadas! A Quica, às vezes, vê as coisas de forma diferente, ela tem uns óculos redondos e rosas que a faz ficar muito fofinha. Sem os óculos, ela não vê tão bem... é como se pintasse um quadro e as tintas não secassem e ficassem a escorrer, ficando tudo desfocado.

Na escola alguns meninos e professores dizem que ela não percebe a matéria e que nunca está quieta na aula, mas eu não acho que seja isso, só

acho que ela precisa de mais tempo e paciência. Sem ser contos de dividir ou textos para Português ou os reis de Portugal, o que mais me espanta na Quica é ela conseguir decorar muito facilmente! Na verdade, é espantoso, e é exatamente aquilo o que muitas pessoas não notam!

A Quica é uma menina linda, por dentro e por fora e é uma grande amiga. Quando eu estou triste ela dá-me sempre um beijinho, e quando tenho uma má nota... ela às vezes não percebe bem o que eu digo, mas alguma coisa ela entende e isso torna-a muito especial. Eu adoro a minha mana, por dentro e por fora, e para mim ela é muito especial, mais que o mundo inteiro. Acredito que somos todos diferentes, mas todos iguais.

Texto premiado no Concurso
“Uma Aventura Literária” com uma Menção Honrosa
na Categoria “Texto Livre ou Crítica”

Diários do Desassossego

Patrícia Rodrigues Professora de Português
Turmas 12.º 1A, 12.º 2B e 12.º 4

O projeto de leitura do segundo período das turmas do 12.º 1A, 12.º 2B e 12.º 4 foi ler vinte e cinco fragmentos de *O Livro do Desassossego* e fazer um diário.

Um diário de leitura é um espaço pessoal de diálogo entre o leitor e o livro. Nele, o/a aluno/a deve procurar registar o que lê, mas principalmente o que sentiu, pensou, estranhou ou questionou. Ao contrário de um resumo ou de um teste, o diário não procura respostas certas. Ele deve acompanhar o tempo da leitura, que nem sempre é rápido, claro ou fácil, devendo ficar claro que, às vezes, o mais importante não é o que acontece em cada um dos fragmentos, mas o que acontece dentro de nós depois de lidos os fragmentos, ou seja, o quanto a Literatura pode afetar-nos enquanto leitores. Neste diário a premissa era a liberdade. Liberdade para ser, para pensar, para fazer. Cada registo apenas devia servir para mostrar como é que o livro se vai construindo dentro de cada um, fragmento após fragmento.

Ler o *Livro do Desassossego* foi um projeto pensado para levar os/as alunos/as a pensar, experimentar, desassossegar e saber escutar o nosso tempo de leitor/a e o nosso interior (o deles/as, claro está).

Os excertos e as imagens que se seguem são também eles pequenos fragmentos de um universo, para além de pessoano, profundamente pessoal.

Prefácio:

Querido diário,
Servirás como a livre expressão do desalinhamen-
to estrutural da minha Pessoa com os meus con-
temporâneos. Transformarás o inefável sentimento
assintomático de tédio existencial na mais eclética
produção artística antes vista (quanto mais inútil,
melhor, como diria Oscar Wilde). O teu autor, na
miscelânea alucinogénica dos pensamentos que a
sua aura, hiperativa e desconcertantemente, ema-
na, guiará o desassossego não como uma fatalidade
da vivência, mas, sim como uma busca pela auten-
ticidade na pseudo-heteronímia. É na fragmentação
literária da obra, caótica, mas lúcida, que abro as di-
lacerações vergastadas pelo Destino para que, com
o teu registo terapêutico, me tornes uno.

Vasco – Janeiro de 2026

(Quando ainda era menor de idade e, conseqüentemente,
menos lúcido, sendo-lhe *inimputável* qualquer excesso em
prol da estética literária ou da inebriação onírica.)
Pressupõe-se que, à data que estiver a ler isto, serei muito
mais consciente e mundividente, daí o uso da terceira pessoa
para criar distanciamento face a esta versão, obviamente,
ultrapassada.

Vasco Martins 12.º 1A

Neura, Alienação, Compulsão, Esquizofrenia ou Autodepreciação?!! Nada disso.

Depois de percorrer os teus fragmentos, de mergulhar nos teus pensamentos e nas tuas reflexões, sinto que aprendi a olhar para a vida de uma forma diferente, mais calma, mais atenta e, paradoxalmente, mais intensa. Obrigado pelo tempo que me deste para pensar, para questionar e para sentir, mesmo quando me obrigaste a enfrentar ideias complexas e dilemas que não têm resposta fácil.

Agradeço-te também pelas pequenas dores de cabeça que provocaste, aquelas inquietações silenciosas que surgem depois de ler uma frase tua e que se agarram à mente, obrigando a refletir, a ponderar e a procurar o seu sentido. São essas inquietações que tornam a leitura da tua obra tão única e que me obrigaram a estar tão presente.

Pela forma como revelaste a profundidade da existência humana e pelo espaço que criaste para que, mesmo do lado de fora da tua consciência, eu pudesse aprender a olhar o mundo de forma mais consciente, estou grata. Foi uma viagem exigente, às vezes desconcertante, mas sempre enriquecedora.

Rita Braz 12.º 1A



Achas que conheces Camões?

Patrícia Rodrigues Professora de Português
Turmas 10.º 1B, 10.º 2A, 10.º 2B, 10.º 3 e 10.º 4



Imagem criada por IA

A partir de 14 perguntas, como Camões foi um poeta RAP ou um D. Juan ou um Inventor ou Utópico, os/as alunos/as procuraram responder de forma original e criativa.

Procuraram descobrir informação que não chega necessariamente aos conteúdos programáticos, ainda que tivessem, em alguns casos, que dar-lhes uso para fundamentar os seus argumentos; em outros, tiveram de ir mais além, a lugares que não são os lugares comuns estudados na sala de aula.

De repente, todos mergulhamos num universo desconhecido que não conseguiu senão aproximar-nos do homem extraordinário e ao mesmo tempo misterioso que Camões foi e o trabalho que se segue é um exímio exemplo disso.

Camões foi um D. Juan?

João Felizardo 10.º 3, Daniel Antunes, 10.º 2B e Dinis Correia 10.º 3

Estará o maior poeta de Portugal associado ao mito do sedutor insaciável, egoísta e transgressor D. Juan ou haverá uma diferença profunda na forma como ambos viam o amor?

Para explorarmos a verdadeira essência desta questão que parece corroer a identidade de Camões, torna-se importante desmistificar a imagem estática e puramente canónica do poeta, resgatando o seu estilo de vida mundano no centro da Lisboa quinhentista.

É importante referir que a mundividência de Camões está presente na dualidade entre o requinte aristocrático e a vivência marginal. Afastado momentaneamente de Coimbra, o autor submerge na atmosfera efervescente da capital, frequentando tanto os salões palacianos da corte como os ambientes boémios e turbulentos da urbe. É neste cenário de contrastes que sobressai o seu temperamento impetuoso e galante, amplamente documentado em episódios de indisciplina e confrontos físicos – dos quais o ferimento de Gonçalo Borges é o exemplo paradigmático que culminaria no seu encarceramento no Tronco de Lisboa.

Esta reconfiguração biográfica revela que o lirismo camoniano não emerge de uma idealização abstrata, mas sim de uma atividade social tumultuosa. Consequentemente, a sua personalidade afetiva e a multiplicidade das suas “musas” – desde as damas da corte, como D. Catarina de Ataíde, até às paixões trágicas do Oriente, como Dinamene – atestam uma envolvimento emocional legítima.

Ao contrário do desapego lúdico que caracteriza o sedutor ficcional D. Juan, as paixões de Camões são marcadas por uma densidade psicológica onde o sujeito poético se entrega, sofre e se transforma através da experiência amorosa, exatamente como descreve na sua lírica.

Este dilema existencial ganha contornos de verdade quando analisamos os testemunhos críticos compilados por Juromenha. Evoca-se a crueza da intervenção sensual camoniana, sublinhando que o poeta viveu de forma inteiramente oposta aos privilégios cortesãos de ou-

tros escritores europeus: Camões subsistiu num cenário onde se viu “pobre, perseguido, desterrado”, com a sua juventude e integridade física severamente consumidas por “climas ferozes” e pela “tumultuosa ocupação das armas”.

Os dados presentes na biografia corroboram esta perspetiva de desamparo, indicando que a existência do autor foi fustigada por tantas deceções que transformavam qualquer espectro de esperança numa ilusão tão vã como caduca. Tudo aquilo em que ele tentava acreditar – o reconhecimento da corte, a estabilidade financeira ou o sucesso militar – revela-se ilusório e passageiro.

A sua mundanidade, portanto, longe de ser um palco de conquistas fáceis, foi um território de provações. Esta divergência dolorosa com a realidade transparece no próprio conteúdo da sua poesia, estabelecendo um espelho perfeito entre o homem que sofre e o sujeito poético que o descreve. No conhecido soneto autobiográfico “Onde porei os olhos que não veja”, Camões interpreta este desterro ao excluir: “Passo a vida em perpétuo desvario / Vem-me o mal d’um reboço e d’um engano / Fujo o perigo, e no perigo caio.”

Esta falência das expectativas terrenas impede que o sujeito poético encare o amor sob uma perspetiva de posse. Em vez de instrumentalizar o afeto, Camões espiritualiza-o através da memória e da perda. O exemplo mais penoso reside nos sonetos dedicados à perda da sua musa oriental, Dinamene, cujo desaparecimento trágico no naufrágio do rio Mekong – onde o poeta salvou os seus escritos à custa da própria segurança – inspirou versos de pura desolação, como no soneto “Alma minha gentil, que te partiste”.

Este soneto comprova que a poesia de Camões nasce da vulnerabilidade e do sofrimento real, e não de um plano calculado de conquista. Como indica Juromenha, o poeta “geme na canção” porque viveu um amor verdadeiro e devastador. Esta profunda dor serve de base para contrastar a sua sensibilidade humana com a frieza e o desapego total de D. Juan.

Ao cruzar a biografia de Camões com outros modelos literários, o dilema acentua-se: estará o poeta mais próximo da sedução aparente e utilitarista do Escudeiro de Gil Vicente, ou da vulnerabilidade e sofrimento genuínos da Poesia Trovadoresca? É fundamental salientar a anatomia conceptual do modelo que serve de contraponto ao paradigma camoniano. O mito de D. Juan projeta uma figura que ultrapassa o amor cortês: ele vive para desafiar e desrespeitar todas as normas morais e sociais, ignorando a justiça da Terra e o poder do Céu.

O núcleo das ações de D. Juan não reside na satisfação do desejo, mas sim na mecânica do engano e na profanação da honra. O objeto de sedução é instrumental: o prazer emana da eficácia do ardil e da consequente ruína social da vítima. O seu ritmo frenético é sintetizado no famoso refrão “tan largo me lo fiáis”, que reflete a ilusão de que o castigo iminente está distante, permitindo-lhe consumir existências por orgulho próprio.

Enquanto D. Juan habita a esfera da imunidade cínica, manipulando os afetos sem nunca se deixar permear por eles, a vivência de Camões sugere uma permeabilidade absoluta à dor. Coloca-se, assim, o impasse definitivo: poderá um homem que registou em si as cicatrizes da perda partilhar da mesma matriz desumanizada do sedutor sevilhano, ou será a poesia camoniana o antídoto contra o cinismo de D. Juan?

“... a poesia de Camões nasce da vulnerabilidade e do sofrimento real, e não de um plano calculado de conquista.”

“ Camões não partilha da matriz de D. Juan. Onde o sedutor barroco instrumentaliza o afeto para acumular troféus efêmeros, o poeta português escolhe o caminho da entrega total.”

A distinção reside na assimetria das suas éticas passionais. O arquétipo de D. Juan habita uma realidade onde o outro é um mero instrumento de profanação e onde o tempo é consumido freneticamente através do engano. Ele manipula o afeto sem se deixar ferir por ele. Nos opostos desta conduta edifica-se a dimensão humana de Luís de Camões. Conforme atestam os relatos dos seus desterrados e da “tumultuosa ocupação das armas”, o vate português surge-nos curvado sobre a crueza da terra. Camões não é consumido pelo engano; ele entrega-se. Na sua lírica, o sujeito poético despe-se do seu próprio ego para se converter na essência do ser amado, emergindo como a verdadeira vítima da intensidade das suas afeições.

Esta divergência fulcral reflete-se na arquitetura dos respetivos modelos textuais e pode ser marcada a partir de três eixos fundamentais:

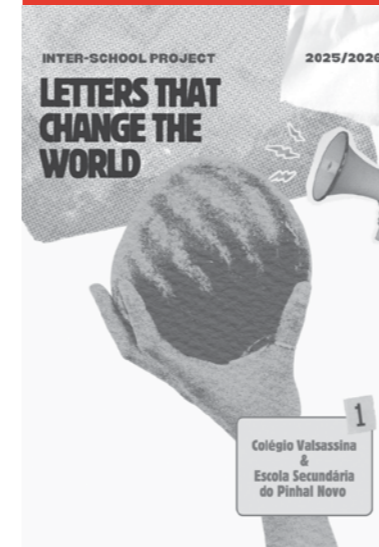
- **A Natureza do Erro:** Engano deliberado e a perfídia social em D. Juan; fatalidade cósmica ou cegueira voluntária do amante em Camões, como se vê no soneto “Tanto de meu estado me acho incerto”: “Daqui procedo eu, daqui me engano.”
- **O Estatuto do Outro:** Vítima instrumentalizada e despojada da sua honra em D. Juan; musa idealizada e agente de elevação espiritual em Camões, visível em “Transforma-se o amador na cousa amada”.
- **A Vivência do Tempo:** Dinamismo frenético e urgência do consumo carnal em D. Juan; estagnação melancólica, memória e eternização da dor em Camões.

No que toca à conceção do objeto amado, a disjunção é igualmente profunda: enquanto o sedutor barroco reduz o valor da mulher, transformando-a num troféu efêmero e descartável, Camões aproxima-se da temática lírica associada ao modelo petrarquista, fortemente influenciado por Petrarca e Leão Hebreu.

Para o poeta português, o amor surge como um princípio de união ontológica e de elevação espiritual, levando o amador a abdicar voluntariamente do seu ego e da sua individualidade para se fundir na essência do ser amado. Este conceito, presente no soneto “Transforma-se o amador na cousa amada”, demonstra de forma clara que o desejo camoniano prescinde da posse física sistemática, espiritualizando-se e eternizando-se através da memória e da alma.

Consequentemente, este mapeamento comparativo, sustentado quer pela biografia trágica de Juromenha, quer pelo artigo literário de Jorge de Sena, fornece os elementos finais para formularmos uma conclusão acerca da nossa interrogação.

Em suma, a dúvida que guiou o nosso trabalho resolve-se na distância inacessível entre a vida real do poeta e a natureza predatória do mito sevilhano. Associar estas duas personalidades seria uma confusão infundada. Camões não partilha da matriz de D. Juan. Onde o sedutor barroco instrumentaliza o afeto para acumular troféus efêmeros, mantendo-se emocionalmente imune, o poeta português escolhe o caminho da entrega total. Marcado pela herança da “coita”, semelhante ao amor cortês na poesia trovadoresca, o sujeito poético camoniano abdica do seu ego e aceita o sofrimento implícito à paixão. Longe de ser um burlador, Camões é o oposto heroico de D. Juan: ele purifica o amor através da dor real, da saudade e da dignificação do ser amado.



Exemplos de cartas dos/as alunos/as

Dear stranger,
Thank you for your letter in advance. I personally believe that young people can make a big difference in the future by being kind, responsible and willing to help others.
They can protect the environment, support their communities and use technology in positive ways. By studying hard and sharing new ideas young people can help create a better world for everyone.
Best regards, João

Dear correspondent,
I hope you're doing well! I'm 16-year-old student, probably like you, and as part of this exchange, I've been thinking about activism and the role of young people. Everywhere we look there are more and more young voices speaking about some problems. It's an extraordinary work, but at the same time it made me wonder how much impact young people actually have.

Sometimes it feels like adults are the ones making the difference in the world and it feels that our voices and our contributions aren't enough. Other times, we can see many examples of young people making decisions and making a difference. So, my question is – Do you think young people really have enough power to make a difference?
I'd love to hear you and some examples that you might have experienced.
Thanks for reading!

Letters that Change the World: Uma experiência de partilha e reflexão

Maria João Godinho e Catarina Campbell Professoras de Inglês

No âmbito do estágio curricular da Professora de Inglês Catarina Campbell, os/as alunos/as da turma 11.º 1C, do Colégio Valsassina, participaram numa atividade muito especial que os/as levou a comunicar de forma pouco habitual nos dias de hoje: através da troca de cartas.

Esta iniciativa resultou de uma colaboração entre duas docentes, a Professora Catarina Campbell do Colégio Valsassina e uma Professora do Agrupamento de Escolas de Pinhal Novo. Ao longo de algumas semanas, os/as alunos/as das duas turmas corresponderam-se anonimamente, partilhando ideias, opiniões e reflexões sobre temas trabalhados nas respetivas aulas. Enquanto os/as alunos/as do Colégio Valsassina abordaram os temas *Human Rights* e *Discrimination*, os/as alunos/as do Agrupamento de Escolas de Pinhal Novo escreveram sobre *The World of Work*.

O caráter anónimo da atividade tornou a experiência ainda mais interessante. Os/As participantes não conheciam a identidade dos/as colegas com quem trocavam correspondência, o que permitiu uma partilha genuína de perspetivas sobre questões que os preocupam e interessam enquanto jovens cidadãos. Apenas no final da atividade foi revelada a identidade dos correspondentes.

Numa época em que a comunicação entre jovens acontece quase exclusivamente através de meios digitais e das redes sociais, esta troca de cartas proporcionou uma experiência diferente e enriquecedora. De certa forma, trouxe de volta a tradição dos *pen friends*, uma prática muito comum em décadas passadas, que permitia estabelecer laços e conhecer novas realidades através da escrita.

Como resultado deste projeto, foi elaborado um livro que reúne cópias de todas as cartas trocadas. Este trabalho esteve em exposição no Museu das Línguas, integrado no evento “Um Dia na Escola”, permitindo à comunidade educativa conhecer e valorizar esta experiência de aprendizagem, de intercâmbio cultural e de desenvolvimento das competências de comunicação em língua inglesa.



Num tempo em que tantas vezes se fala das religiões através do conflito, do medo ou do extremismo, os/as alunos/as de Ciência Política do 12.º ano tiveram a oportunidade de ouvir duas perspetivas diferentes, mas profundamente convergentes na defesa do diálogo, da convivência e do respeito mútuo. No dia 11 de maio, recebemos Khalid Sacoor Jamal, antigo aluno do Colégio Valsassina e representante da Comunidade Islâmica, e Pedro Gil, especialista em comunicação da Igreja Católica, para uma conversa franca sobre religião, sociedade e perceções públicas. Mais do que uma aula sobre religião, foi um exercício de escuta, de pensamento crítico e de compreensão do Outro, algo cada vez mais necessário no mundo atual.



Entrevista completa

Enquanto presidente do Instituto de Cooperação Luso-Árabe, como avalia atualmente as relações entre comunidades muçulmanas e cristãs em Portugal?

Khalid Sacoor Jamal (KSJ): Temos uma relação excelente. E diria que tal deriva sobretudo do facto de os interlocutores ou protagonistas se conhecerem para além do crivo institucional, i.e temos laços de profunda amizade, e este é o desafio para o futuro. Existem várias iniciativas de cooperação nas dimensões social e cultural que fortalecem o entendimento entre as comunidades. Sou suspeito, pois encontrei bons amigos e irmãos neste universo, mas creio que tal é também um mérito da enorme generosidade e acolhimento da comunidade cristã. Embora possam surgir desafios e preconceitos, nós, portugueses, temos sabido demonstrar uma capacidade significativa de promover o pluralismo e o respeito pela diversidade religiosa.

O Papa tem insistido muito na cultura do encontro. Esta mensagem está realmente a chegar às comunidades locais?

Pedro Gil (PG): A cultura do encontro está a chegar a muitas comunidades, sobretudo através de experiências concretas de amizade e serviço. Desde há 60 anos que a Igreja Católica tem sido incansável em promover encontros inter-religiosos, por vezes gerando receios internos. Há, porém, muito caminho a fazer: é mais fácil falar de encontro do que criar hábitos reais de escuta, de convivência e de colaboração. Mas a determinação é grande e desistir não é opção.

Quais consideram serem os maiores desafios (globais, políticos, e/ou sociais, entre outros) que marcam o nosso tempo?

KSJ: Excelente pergunta. Vou listar alguns, não por ordem de importância, e resistindo à tentação do pessimismo, pois estou certo de que o futuro será melhor do que o passado: as alterações climáticas e a degradação ambiental. A desigualdade económica e a crise de confiança nas instituições. A desinformação e a manipulação da opinião pública. A erosão de uma cultura de paz e de harmonia entre os povos. As migrações e o envelhecimento demográfico. A saúde global. E por fim: a progressiva desumanização da sociedade.

PG: Desafio para os estados: não desistir da diplomacia e do diálogo. Desafio para os políticos: pôr o bem comum acima do interesse pessoal. Desafio para os crentes: apostar no esforço por compreender quem tem outra fé. Desafio para os não crentes: não fechar apressadamente o *dossier* de Deus. Desafio para cada um: procurar o que é verdadeiro e bom acima do que é agradável e divertido. Desafio à cultura digital: procurar o silêncio, a conversa olhos nos olhos, a experiência da natureza.

Em tempos de polarização e discursos de ódio, qual deve ser o papel das religiões?

PG: As religiões lembram ao homem que o homem não é... Deus. Esta lembrança não é infantil ou inútil. O grande perigo moderno é querer destronar Deus e colocar no seu lugar seja o poder, o dinheiro, o prazer ou simplesmente o “eu” superla-



tivo. A polarização e o ódio são as metástases do cancro do orgulho prepotente de quem esquece que não se autocriou, nem sequer se deu a si mesmo o nome que tem, não vai viver para sempre, e um dia terá de prestar contas dos seus actos.

KSJ: As religiões devem procurar ser o que são: instrumentos para a promoção da paz e de fraternidade universais. E é nessa simples mensagem que assenta uma disponibilidade desarmada para conhecer e entender o próximo. A religião só me interessa se me tornar uma pessoa melhor. Creio que a fé ajuda na criação de empatia e existe até um estudo da *London School of Economics* que nos diz que a fé ajuda na criação do nosso bem-estar. Surpreendente, não?

Qual é hoje o maior desafio da comunicação religiosa num mundo digital e polarizado?

KSJ: Ter uma abordagem que consiga manter-se fiel aos valores e princípios dos dogmas religiosos, mas permeável à conjuntura e ao clima de aceleração em que vivemos. A comunicação deve ser ligeira, mas tal não significa superficial. E, sobretudo, ser apelativa, para os mais jovens. Os líderes religiosos têm de assimilar a ideia de que dispõem de um só minuto para ganhar e conquistar o seu público e podem e devem servir-se do universo digital para a partilha dos seus conteúdos.

PG: A comunicação religiosa ajudará se conseguir

lembrar esta ideia do Papa Ratzinger. O Outro com quem discutes não é um “erro de casting” do Criador. Nem é o produto casual e sem sentido da evolução. Essa pessoa é fruto de um pensamento de Deus, é querida, é amada por Deus, e é necessária. É muito maior que os seus erros. Quanto mais tratares o Outro segundo a versão melhorada dele próprio, mais provável é que ele seja atraído a viver essa versão.

O que aprenderam através do diálogo inter-religioso?

KSJ: Aprendi que posso discordar de tudo aquilo que o outro diz, mas devo respeitar e até procurar compreender o seu ponto de vista. Numa lógica de Voltaire, não preciso de estar contigo, mas isso não significa que esteja necessariamente contra ti. E que tal aceitação não é inata e deve ser treinada. Aprendi que, para conhecer Jesus no Islão, ajuda saber o que o Cristianismo pensa dele.

PG: Aprendi a ter grandes amigos que pensam de modo oposto a mim em temas fundamentais. Aprendi que as melhores conversas são as pessoais, e não as feitas para um público. Aprendi que a simpatia abre melhor a porta para compreender o Outro. E aprendi que, perante as divergências entre religiões, a resposta não está na discussão ou na violência, mas em pedir a Deus – que existe e se interessa por nós – que nos ilumine e conduza à verdade plena.

Our Times

O jornal dos nossos tempos

Edição Especial (a direita) da autoria dos nossos alunos de Ciência Política - 2025/2026



A melhor forma de conhecer este jornal (em ficheiro PDF) é fazer o download para lê-lo em computador ou tablet, mas pode também consultá-lo no seu smartphone. Para isso basta aceder ao endereço URL associado ao código QR.

Alunos de Ciência Política Criam Jornal sobre “Os Tempos em que Vivemos”

Marco António Professor de Ciência Política

Os alunos e as alunas de Ciência Política do 12.º ano do Colégio Valsassina assumiram o papel de repórteres nos 2.º e 3.º. Períodos do ano letivo e criaram o *Our Times*, o jornal dos nossos tempos – um jornal digital de edição especial e única, com 22 trabalhos de reportagem, entrevista, análise, opinião e biografia.

O projeto nasceu da inspiração no tema anual do Colégio, “Descobrir (o) Tempo”, e procurou responder a uma pergunta simples, mas exigente: que tempo é este, em que vivemos?

O ponto de partida foi a atribuição de assinaturas digitais do jornal Público, no âmbito do Plano Nacional das Artes (PNA), que permitiu à turma acompanhar jornalismo profissional, escolher temas da atualidade, para depois desenvolverem os seus próprios trabalhos.

Em declarações à Gazeta Valsassina, Sara Velasco, coordenadora Intermunicipal do PNA, afirmou:

“A atribuição de assinaturas digitais do jornal Público aos alunos e professores envolvidos nos projetos distinguidos constitui um importante reforço da dimensão educativa desta iniciativa. Mais do que garantir o acesso regular a informação de qualidade, esta parceria promove hábitos de leitura, estimula o pensamento crítico e contribui para a formação de cidadãos mais informados, participativos e conscientes do mundo que os rodeia”.

Cada grupo de alunos/as envolvidos/as neste projeto teve a missão de escolher um tema, pesquisar informação, contactar fontes e entrevistar pelo menos uma pessoa especialista ou diretamente ligada ao assunto abordado, e produzir o trabalho final, por escrito ou em formato multimédia. O resultado foi um jornal que aborda temas nacionais, como habitação, políticas públicas, democracia, partidos políticos, e assuntos globais, como guerra e geopolítica, inteligência artificial, economia internacional, política europeia e americana, entre outros.

“Foi um enorme gosto ser entrevistado pelos alunos de Ciência Política do Colégio Valsassina” – testemunha à Gazeta Valsassina Pedro Cordeiro, Editor de Internacional do jornal Expresso, e entrevistado para o *Our Times*: “Preparados e conhecedores dos assuntos que abordaram nos seus trabalhos, todos eles desafiantes e oportunos, obrigaram-me a pensar, numa simpática troca de ideias. Estado de Direito na América de Trump, a motosserra de Javier Milei ou a interminável guerra no Irão foram propostas que mostram que estes jovens estão conscientes do mundo que os rodeia. Uma razão para crermos no futuro.”

Mais do que produzir uma publicação escolar, o objetivo foi aproximar os/as alunos/as de uma experiência concreta de cidadania: fazer perguntas, ouvir especialistas, confrontar dados, organizar ideias e comunicar com responsabilidade. Num tempo marcado pela velocidade da informação e pela circulação constante de opiniões – nem sempre partilhadas com o maior sentido de responsabilidade – e de muita (demasiada) desinformação, o projeto *Our Times* procurou precisamente sensibilizar para o contrário: tempo para pesquisar, tempo para escutar e tempo para pensar.



Intercâmbio Erasmus+ com a escola Zespół Szkół Samorządowych w Sułkowicach – Łęgu, Polónia

No âmbito de um intercâmbio Erasmus+, entre os dias 16 e 19 de março, o Colégio recebeu um grupo de 19 alunos/as da escola *Zespół Szkół Samorządowych w Sułkowicach – Łęgu*, de Sułkowice, na Polónia.

Ao longo de quatro dias, o Valsassina tornou-se um espaço vivo de encontro entre culturas, onde o tempo foi essencial para construir relações, para partilhar experiências e para aprender em conjunto.

A semana começou com uma visita guiada ao Colégio, dinamizada por alunos/as do 9.º ano, que proporcionou aos/às estudantes polacos/as um primeiro contacto com a Quinta Valsassina e com a dinâmica escolar. Seguiu-se uma aula aberta de línguas, envolvendo turmas do 6.º ano, onde portugueses/as e polacos/as trocaram expressões nas suas línguas. No segundo dia, alunos/as de ambas as nacionalidades apresentaram os seus países e cidades, partilhando aspetos culturais, tradições e referências identitárias. A manhã terminou com atividades desportivas, reforçando o espírito de equipa e a proximidade entre todos.

O programa prosseguiu com *flash* debates, nos quais grupos mistos de alunos/as debateram temas surpresa, promovendo o pensamento crítico, a argumentação e a comunicação em língua inglesa. No último dia, a atividade “mapas de arroz” desafiou os/as participantes a criar representações geográficas e emocionais, num exercício criativo que cruzou expressão artística e reflexão pessoal.

Entre palavras, gestos e partilhas, reforçou-se a importância do encontro e da construção de uma cidadania europeia assente no respeito, na empatia e na colaboração.

Intercâmbio Erasmus+ com Estudantes do Polo Liceale G. Mazzatinti, Itália

O Colégio Valsassina recebeu, entre 13 e 16 de abril, 10 alunos/as e duas professoras do Polo Liceale G. Mazzatinti, da região da Úmbria, Itália, no âmbito de um projeto Erasmus+ dedicado ao tema “Democracia, Cultura e Juventude na Europa”.

Ao longo de quatro dias, os/as alunos/as participaram em atividades de intercâmbio académico, cultural e humano, refletindo sobre o papel dos/as jovens na democracia europeia, os sistemas políticos de Portugal e de Itália e temas atuais da União Europeia.

O programa incluiu uma aula com o correspondente da CNN Portugal em Bruxelas, António Assis Teixeira, uma visita à Gare Marítima de Alcântara, com obras de Almada Negreiros, e uma simulação do Parlamento Europeu, com debates entre os alunos/as italianos e os/as estudantes do Valsassina.

Foi uma experiência rica em partilha, aprendizagem e cidadania europeia, reforçando os laços entre as duas instituições.

TEMPO PARA diálogo intercultural

Pontes de História: O sucesso do intercâmbio Erasmus+ entre Lisboa e Nantes

Daniela Louro Professora de História

O Colégio Valsassina e o *Collège de Saint-Sébastien-sur-Loire* (Nantes, França) uniram-se num projeto marcante de cidadania, de cultura e de partilha. Ao abrigo do programa Erasmus+, o projeto “Pontes de História: Da Idade Média aos Descobrimentos, entre Nantes e Lisboa” envolveu um total de 38 alunos/as portugueses/as e franceses/as, divididos em duas fases inesquecíveis.

Duas cidades, duas semanas de descobertas

A primeira fase decorreu entre 18 e 25 de janeiro, com o Colégio Valsassina a abrir as portas para receber 19 alunos/as franceses/as. Ao longo de uma semana intensa, os/as jovens exploraram os paralelismos históricos entre as duas cidades, desde o período medieval até à Época dos Descobrimentos. Através de atividades pedagógicas, jogos históricos, visitas de estudo e dinâmicas de trabalho colaborativo, os/as estudantes reforçaram competências digitais, sociais e interculturais. Mais do que isso, a integração nas famílias de acolhimento proporcionou laços profundos e uma verdadeira imersão no quotidiano português.

A segunda fase não tardou e, entre 21 e 28 de março, foi a vez do grupo português viajar até território francês para o tão esperado reencontro. Durante esta semana em Nantes, os/as nossos/as alunos/as exploraram os encantos da cidade, visitaram o Mont Saint-Michel, na Normandia – onde imergiram no fantástico mundo medieval –, frequentaram as aulas na Escola Saint-Sébastien e vivenciaram de perto o sistema de ensino e os hábitos locais. O resultado? Uma aprendizagem prática sobre o diálogo intercultural e o que significa, verdadeiramente, ser um cidadão europeu.



“... aprender novas culturas e tradições, desenvolver competências linguísticas e criar memórias que nos acompanharão ao longo da vida.”

Eu adorei a experiência. Perceber como outros vivem pode, por vezes, ser assustador, porque implica mudar hábitos, mas achei que valeu muito a pena. No meu caso, ajudou-me a compreender as dificuldades dos outros, tanto em casa como na escola, e a conhecer novas pessoas, uma nova língua e um novo espaço.

Madalena Maia 8.º A

A nossa escola tem muita sorte em poder participar no Programa Erasmus+, pois este projeto permite conhecer mais países e cidades, aprender novas culturas e tradições, desenvolver competências linguísticas e criar memórias que nos acompanharão ao longo da vida.

Maria Joana Câmara 8.º B

Diria que este programa permite explorar realidades completamente diferentes e é precisamente nessa diversidade que reside o seu maior valor. É um desafio interessante, que obriga à adaptação e à aprendizagem através da experiência do Outro. Se o objetivo for crescer enquanto pessoa, vivendo verdadeiramente a diferença, este é o programa ideal. **Rodrigo Garcia 8.º B**

A experiência Erasmus é bastante diferente do que estamos habituados no contexto escolar. Temos a oportunidade de conviver com pessoas de outro país, muitas das quais se tornam amigas para a vida. Além disso, melhoramos a comunicação noutras línguas, como inglês e francês, e participamos em atividades muito diversificadas. É também muito interessante perceber como funcionam as rotinas e as relações familiares noutros países. No geral, é uma experiência enriquecedora e marcante. **Rosarinho Sinde 8.º D**

Gostei muito desta semana e acredito que nunca vou esquecer esta experiência. Foi incrível criar uma ligação tão forte com o meu correspondente. As famílias e os professores foram muito simpáticos. Considero que qualquer aluno/a deve participar!

Francisca Madeira 8.º A

Acho que este programa é uma boa forma de melhorarmos as nossas capacidades linguísticas e de manter a paz entre o mundo, para além das amizades que podemos fazer e de coisas sobre o mundo que podemos debater. **Vasco Lopes 9.º D**

É uma semana a não perder, com evolução na comunicação, aprendizagem sobre outras realidades, socialização com pessoas diferentes das que estamos habituados... Não só reaprendemos a nossa cidade e o nosso país, como conhecemos uma outra cidade com cultura, arquitetura, gastronomia, língua e modos de estar completamente diferentes. Resumidamente, aconselho imensamente esta experiência, esta semana, este tempo de viver em realidades cruzadas. **José Maria Dias 8.º B**



TEMPO PARA multilinguismo

Intercâmbios *European School Network*

Patrícia Branco Professora de Geografia e Coordenadora da Rede ESN no Valsassina

Os intercâmbios da rede *European School Network* (ESN) realizados no Colégio Valsassina têm vindo a afirmar-se como experiências educativas de elevado valor, promovendo a interculturalidade, a autonomia e o desenvolvimento de competências linguísticas e sociais dos/as alunos/as. Integrados numa perspetiva de educação europeia, estes projetos permitem aos participantes contactar diretamente com diferentes realidades culturais, reforçando o espírito de cidadania ativa e de colaboração internacional.

A participação ativa dos/as alunos/as do Colégio em projetos internacionais reforça a dimensão europeia da educação promovida pelo Valsassina, preparando-os/as para os desafios de um mundo cada vez mais interligado.

ESN, “Never Again” – Polónia

Entre 18 e 26 de abril de 2026, as alunas **Leonor Gomes** (10.º 2A) e **Carolina Gonçalves** (10.º 2A), foram até Varsóvia e Gdańsk, na Polónia para participar no seminário “Never Again”. Esta atividade, que reuniu 24 alunos/as de vários países europeus (Portugal, Turquia, Alemanha, França, Dinamarca, Espanha e Itália), promoveu o intercâmbio cultural e a reflexão sobre a história e os valores da cidadania europeia. Ao longo da semana, os/as participantes integraram atividades educativas e visitas a locais históricos marcantes, como: o monumento aos heróis do Gueto de Varsóvia; o campo de concentração de Stutthof; o Museu da Revolta de Varsóvia; o Instituto Histórico Judaico; e o Museu da Segunda Guerra Mundial.

ESN, “A Journey through Time” – Hungria

“A Journey through Time: Os transportes urbanos, passado e presente” foi o tema do intercâmbio que levou a aluna **Catarina Cardoso** (10.º 1B) até à Hungria. Entre 12 e 17 de abril de 2026, Budapeste foi o ponto de encontro de estudantes dos Países Baixos, Alemanha, França, Turquia, Polónia e Portugal para um projeto ESN inesquecível!

Ao longo desta semana, os/as alunos/as mergulharam na história dos transportes urbanos, explorando a evolução desde os antigos elétricos e autocarros até aos comboios suburbanos e caminhos-de-ferro de cremalheira, e debateram soluções sustentáveis para cidades mais eficientes.

EUSMUN, Istambul – Turquia

Entre 3 e 10 de maio, as alunas **Lueji Tomás** (9.º B), **Maria Pinto** (9.º B) e **Rita Marques** (9.º C), viajaram até Istambul para participar numa simulação da assembleia das Nações Unidas totalmente conduzida por alunos/as. Para além das nossas alunas, participaram estudantes de França, Países Baixos, Polónia e Itália. Em conjunto, refletiram sobre questões globais relacionadas com a Europa e com o mundo, propondo soluções para esses problemas.

ESN – Seasports, + França

Os/As alunos/as **Laura Jardim** (10.º 1A) e **Unay Delgado** (10.º 1B) foram conhecer as magníficas paisagens da Provence, à beira do mar Mediterrâneo e a cidade de Marselha. O projeto ESN – *Seasports* decorreu ao longo da semana de 17 a 23 de maio e contou com a participação de alunos/as da Roménia, Hungria, Países Baixos, Itália, Alemanha, Espanha, Finlândia e Turquia. Os/As alunos/as praticaram diversas atividades desportivas, entre as quais se destacam: vela, *stand up paddle*, canoagem, *surf* e *windsurf*. Tiveram também a oportunidade de participar em excursões a Carrières de Lumière e Aix en Provence.

Blue Week 2026

Entre os diversos intercâmbios dinamizados ao longo do ano, destaca-se a *Blue Week*, um projeto dedicado à literacia e à sustentabilidade dos oceanos. Promovido pelo Colégio, a *Blue Week* realizou-se entre os dias 19 e 25 de abril de 2026, e reuniu 18 alunos/as provenientes de França, Turquia, Polónia, Alemanha, Países Baixos, Roménia, Hungria e Finlândia, acolhidos por famílias portuguesas. Esta experiência proporcionou uma verdadeira imersão nos hábitos e costumes nacionais e incentivou, simultaneamente, a prática da língua inglesa, adotada como língua de comunicação durante toda a semana.

A *Blue Week* foi concebida com o objetivo de sensibilizar os/as jovens para a importância da preservação dos oceanos e dos ecossistemas marinhos. Através de uma abordagem dinâmica e interdisciplinar, os/as participantes envolveram-se em atividades educativas, culturais e desportivas que promoveram não apenas a aprendizagem formal, mas também experiências práticas, enriquecedoras e significativas.

O programa foi cuidadosamente estruturado para proporcionar um equilíbrio entre aprendizagem, cultura e lazer. A semana teve início com a receção dos/as participantes e a apresentação do campus do Valsassina, promovendo desde cedo a integração do grupo. Entre as atividades realizadas destacam-se a visita ao Oceanário de Lisboa; a participação num *quizz* temático; uma excursão cultural a Sintra, que incluiu a visita ao Palácio Nacional de Sintra; atividades de aventura no Parque Pedra Amarela; uma aula de surf na Costa da Caparica; e uma visita a Lisboa, com passagem pelo Castelo de São Jorge, pela Torre de Belém e pelo Mosteiro dos Jerónimos. O programa culminou com um jantar de encerramento, momento de convívio, partilha e celebração das experiências vividas.

Os testemunhos dos participantes refletem o impacto profundo desta experiência de intercâmbio. A aluna Julia, da Roménia, destacou a dimensão humana e emocional da semana vivida: “This past week has been incredible in so many ways. It was an amazing experience to find out so much about a culture that started out foreign, but is now so close to my heart. (...) the family that took me in and took care of me all week, as if I was their third daughter. (...) All in all it was a week filled to the brim with magic.”

Também Laura Mosescu-Dobra sublinhou a diversidade das atividades realizadas e o vínculo criado com a família de acolhimento: “To take part in Blue Week in Lisbon was one of my most unforgettable experiences of the school year. (...) On another day, we spent the morning at Costa da Caparica beach trying to surf (...) it was one of the most memorable experiences. (...) I was really disheartened when it was time to go through security and leave my host.”

Através da *Blue Week*, os/as alunos/as reforçaram competências linguísticas, desenvolveram a consciência ambiental e aprofundaram valores como a empatia, a cooperação e a cidadania global, demonstrando o papel transformador que os programas de intercâmbio podem assumir no percurso educativo dos jovens.



Pensar o Museu, Criar uma História

Marta Magalhães da Silva Professora de Oficina de Artes
Joana Valsassina Curadora de Arte Contemporânea



Ao longo do ano, temos partilhado nas edições anteriores da Gazeta os passos dados no projeto “Pensar o Museu, Criar uma História”, que envolveu a turma 12.º 4 de Oficina de Artes, a curadora Joana Valsassina, o Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Calouste Gulbenkian e o Museu do Design (MUDE).

Nesta edição damos a conhecer as peças apresentadas na exposição que teve lugar no dia 17 de abril, no Auditório do Colégio e que contou com a visita de mais de 300 alunos/as e professores/as, do Jardim de Infância ao 12.º ano.

Nesta exposição, cada aluna apresentou uma peça original, fruto da reflexão pessoal e de um olhar crítico sobre os temas explorados na visita ao museu. A liberdade criativa, quer formal quer conceptual, permitiu apresentar uma exposição que espelha a diversidade de interesses e ideias, e a originalidade da identidade artística de cada aluna.

O voo para o desconhecido

Catarina Correia 12.º 4

O *voo para o desconhecido* explora a ideia de dar uma nova vida aos objetos e materiais do quotidiano, retirando-os do seu contexto habitual e permitindo que estes possam fazer parte de mil e uma histórias (título da visita-guiada concebida a partir da exposição “Xerazade”, patente no CAM).

A representação de um pássaro, neste voo para o desconhecido, pretende simbolizar a mudança de país que irei viver no próximo verão para iniciar os meus estudos no estrangeiro. A peça é composta por inúmeros objetos e materiais que me representam, ou estão associados a memórias minhas. A sua estrutura tripartida, fragmentada, remete para as dúvidas e receios associados a esta mudança. Por outro lado, esta fragmentação abre espaço para tudo o que está para vir.

Sonho aceso

Sofia Amaral 12.º 4

Para que servem as coisas? No olhar de um adulto, um candeeiro serve para iluminar. No olhar de uma criança, pode ser muito mais. Inspirado num castelo de desenhos animados de infância, este *abajur* transforma um objeto doméstico numa pequena fonte de imaginação. A luz lembra o momento de deitar em que são contadas histórias, e os sonhos surgem, quando o quarto se torna palco de aventuras, reinos e personagens inventadas. Assim, o candeeiro deixa de ser apenas funcional e passa a ser um convite a imaginar, mostrando como o design pode reacender memórias e formas de brincar.

Em cima: Rita Machado 12.º 4 apresenta a sua peça a um grupo de alunos/as do 2.º Ciclo
No meio: Sofia Briosa 12.º 4 apresenta a sua peça a um grupo de alunos/as do Ensino Secundário
Em baixo: Catarina Correia 12.º 4 apresenta a sua peça a um grupo de alunos/as do Jardim de Infância

Fora da lei

Margarida Couto 12.º 4

A peça *Fora da lei* surge como reflexão sobre a perceção e função dos objetos, inspirada nas obras observadas no Museu do Design (MUDE). O relógio, com dois metros de diâmetro e números soltos e desordenados, aparenta ser ilegível, desafiando a sua utilidade. Questiona-se a relação entre aparência visual e função. Apesar da desconcertante ausência de orientação, continua possível ler as horas, a partir da perspetiva de cada observador. O objeto convida à reflexão sobre o tempo enquanto convenção humana e sobre a forma como lhe atribuímos significado e importância.

O que fica por dizer

Rita Machado 12.º 4

Inspirada na exposição “Habitar a Contradição”, de Carlos Bunga, que explora o silêncio como elemento central, também esta peça apresenta o silêncio como algo que pode ser entendido como positivo ou negativo. A boca cosida simboliza o silêncio que surge pela impossibilidade de falar, enquanto os jornais recortados apontam para a ideia de fragmentação da informação. A obra sugere uma censura por fatores externos ou uma autocensura. A agulha suspensa faz-nos pensar num gesto recente, inacabado e possivelmente reversível.

Casa das memórias imperfeitas

Margarida Silva 12.º 4

Esta peça tem como ponto de partida três obras da exposição “Habitar a Contradição”, patente no Centro de Arte Moderna, que me levaram a explorar os conceitos de memória, efémero e casa. A peça é um jogo da memória, onde cada cartão está uma memória que se liga a mim. A ideia de par é trabalhada para mostrar que a mesma experiência pode deixar marcas diferentes, em cada pessoa e em cada tempo. Este jogo assume a escala humana, com os seus planos a delimitarem um espaço de “casa”.



A aluna Margarida Couto 12.º 4 apresenta a sua peça *Fora da Lei* a um grupo de alunos do 1.º Ciclo

Entre mundos

Filipa Santos 12.º 4

A peça apresentada consiste num par de sapatos de salto alto que explora contrastes. Um deles transmite a ideia de luxo, sofisticação e elegância, enquanto o outro sugere simplicidade, funcionalidade e uso quotidiano. Um privilegia a forma, o outro a função. Poderão os dois ser entendidos como objetos de *design*? A contradição entre dois objetos pode revelar significados mais amplos sobre identidade, aparência e valor, no contexto social contemporâneo atual.

Slide

Sofia Briosa 12.º 4

Inspirado em três peças do acervo do MUDE, este projeto apresenta uma criação original: uma mesa com candeeiro integrado num sistema deslizante. A peça sugere movimento, adaptação e transformação do espaço, levando o visitante a pensar sobre a relação entre forma e função. *Slide* foi construída maioritariamente com materiais reciclados.



TEMPO PARA construir

Os Contos de Infância Ganham Vida

Margarida Basto e Nancy Ribeiro Professoras de Educação Tecnológica

Pode um conto infantil transformar-se numa lição de Educação Tecnológica? Os/As alunos/as do 6.º ano provam que sim. O desafio? Pensar nos cenários das suas histórias favoritas em três dimensões, dominando as escalas e superando desafios técnicos de forma criativa! Nas aulas de Educação Tecnológica, do 2.º e do 3.º Períodos, as turmas do 6.º ano resgataram as histórias do papel para as transformar em maquetes tridimensionais.

Primeiro, a reflexão: “Qual foi a história que mais me marcou?” Depois, a passagem do pensamento para o plano bidimensional através do desenho.

Seguindo o método de resolução de problemas, os/as alunos/as realizaram uma breve pesquisa de imagens, cruzando, depois, essas referências com as suas próprias ideias e imaginação. Com a ajuda do desenho, cada aluno/a planificou o seu projeto, desenhando a planta e alçado do espaço a criar, quais arquitectos e designers de interiores.

Na fase seguinte, os/as alunos/as perceberam rapidamente que construir uma maquete seria muito mais difícil do que colar algumas peças, ou comprar miniaturas feitas; o projeto verificou-se ser um exercício de precisão e de engenho, de modo a garantir que todos os elementos ficassem proporcionais ao espaço.

A curiosidade floresceu quando os/as alunos/as começaram a exploração de materiais não convencionais. Através da experimentação orientada, os alunos descobriram que:

- Caixas de ovos podiam transformar-se em paredes de pedra rústica;
- Cartão reciclado cortado meticulosamente dava vida a telhados de ardósia ou soalhos de madeira;
- A aplicação de tinta com esponja permitia simular o desgaste do tempo nas paredes, ou que tintas podiam simular o brilho do tijolo.

Foi um desafio constante. Além de criar as paredes e chão, os/as alunos/as também exploraram alguns mecanismos simples, como portas e janelas que funcionam. Criar estes mecanismos e espaços 3D (em miniatura!) exigiu muita dedicação, paciência e bastante experimentação, contudo, apesar do nível de dificuldade, fazia-se sentir na sala de aula o entusiasmo dos/as alunos/as. A sala 24 transformou-se num verdadeiro estaleiro criativo, onde a entreajuda e a descoberta de novas formas de manipular materiais foram a nota dominante.

Concluídas as paredes e o chão, era tempo de ocupar o espaço: criar o mobiliário e os elementos decorativos. Com o x-ato numa mão, a régua na outra e a pistola de cola quente a postos, os/as alunos/as deram corda à imaginação e, acima de tudo, à sustentabilidade. Cartão, embalagens ou tampas transformaram-se em texturas e mobiliário surpreendente, provando que um olhar criativo e a economia circular conseguem reinventar o mundo que nos rodeia.

O culminar deste projeto aconteceu no “Um Dia na Escola”, em que todas as histórias foram expostas, lado a lado, numa grande mostra da habilidade, imaginação e criatividade destes/as alunos/as.



A maquete foi realizada por todos/as os/as alunos/as do 6.º ano, o tema era “os contos” que nos marcaram na infância. O trabalho foi muito interessante (...) obtivemos resultados impressionantes. Para realizar o trabalho precisamos de tempo e dedicação. Este projeto foi divertido, envolvendo esforço, trabalho, diversão e muitas curiosidades.

Leonor Venâncio 6.º C

A maquete foi difícil de começar pois foi a primeira vez que fizemos uma. Depois de aplicar as escalas, fizemos o plano com as medidas. Foi divertido.

Manuel Xavier 6.º C

Concurso 8.º Ano: Logótipos

Nancy Ribeiro, Mafalda Simas e Margarida Basto Professoras de Artes Visuais

No primeiro período letivo, as aulas de Educação Visual transformaram-se em verdadeiros estúdios de design. O desafio lançado aos/às alunos/as do 8.º ano não era apenas “desenhar”, mas sim dar um rosto gráfico ao tema do ano da escola: “Descobrir (o) Tempo”. Mais do que um exercício escolar, este projeto foi uma imersão profunda no mundo do Design de Comunicação, em que a criatividade se cruzou com o rigor técnico e a visão crítica.

Criar um logótipo é um exercício de síntese extrema. Para chegar ao resultado final, os/as alunos/as percorreram um caminho estruturado em três fases fundamentais:

- a Investigação e a Desconstrução: antes do primeiro esboço, veio a observação. Os/As alunos/as analisaram logótipos icónicos, decidindo como cores, formas e tipografias comunicam mensagens complexas de forma instantânea;
- o Rigor do Minimalismo, isto é, o “menos é mais”. Com um sentido crítico apurado, os/as jovens designers exploraram conceitos, simplificaram formas e procuraram a essência visual do que significa “descobrir (o) tempo”. Cada linha desenhada tinha de ter um propósito;
- por fim, concluíram com a Memória Descritiva: o projeto culminou na elaboração de um cartaz de apresentação, em que os/as alunos/as defenderam as suas escolhas, justificando a simbologia e a paleta cromática utilizada, unindo a expressão plástica à competência comunicativa.

Para enriquecer este desafio, o projeto foi a concurso, reunindo todos os trabalhos no Padlet. A componente teórica deu lugar à adrenalina da competição. Colocando-se na pele de profissionais que disputam um pitch no mercado de trabalho, os/as alunos/as submeteram as suas propostas a um concurso escolar. A votação, realizada através da plataforma Padlet, envolveu a comunidade escolar do Colégio e trouxe uma camada de emoção extra ao projeto. Não se tratava apenas de uma nota, mas sim de ver o seu trabalho reconhecido pelos pares: “Foi um desafio enriquecedor sentir a responsabilidade de criar algo que representasse toda a escola” (testemunho dos/as alunos/as).

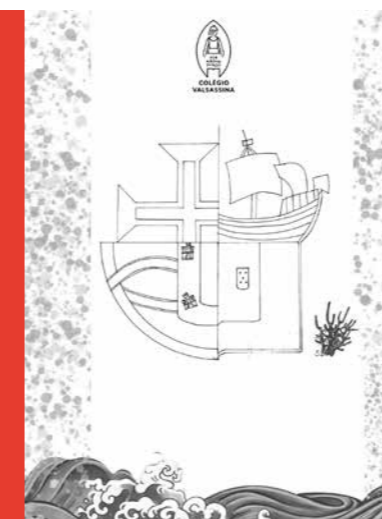
Parabéns a todos os/as alunos/as do 8.º ano pelo brio, pela capacidade crítica e por provarem que, na nossa escola, o talento não perde tempo, descobre-o!

O trabalho sobre o logótipo que tinha como tema: “Descobrir (o) Tempo” serviu para me ensinar várias coisas sobre o logótipo e as regras que temos de seguir para o tornar visualmente apelativo. A parte mais difícil do trabalho foi a inicial, pensar num logótipo novo, que não existia, foi muito complicado porque hoje em dia é difícil inventar

João Baptista 8.º C

O trabalho do logótipo foi muito interessante, porém complicado. Escolher um logótipo simples e que possui uma mensagem complexa é um trabalho desafiante.

Rita Mendes 8.º A



Guilherme Baptista 8.º D



William Li 8.º D



Leonor Coimbra 8.º D



Ritmos da Humanidade: a linha do tempo em movimento, 1.º Ciclo



Robótica, 6.º Ano



Upcycling: O futuro tem tempo!
Cidadania e Desenvolvimento, 8.º Ano

Mercado Rural, 5.º B

Subida da rampa do Valsassina

A que sabe a lua?
Equipa da Biblioteca e 3 anos

Sarau Valsagym
Academia de Desporto

Ukulele: o tempo em forma de canção
6.º Ano

Flores do Tempo
Expressão Plástica, 1.º Ciclo

É tempo de... Um Dia na Escola 2026

No dia 30 de maio foi tempo de... participar, aplaudir, conviver, jogar, partilhar, descobrir. Depois de um ano letivo a “Descobrir (o) Tempo” nas suas mais diversas facetas – nas Ciências, na História, nas Artes e nas Línguas – e a descobrir tempo para aprender, para se surpreender, para brincar e para ser; foi tempo de preparar mais uma edição de “Um Dia na Escola”.

Neste dia em que convidamos toda a comunidade escolar a celebrar tudo o que vivemos e aprendemos durante o ano letivo, houve tempo para dançar ao som dos vários ritmos da Humanidade (atuação do 1.º Ciclo), para viajar na Máquina do Tempo com os 4 anos, para colocar uma peça no puzzle coletivo, para discursar no Jardim dos Diretores com o 3.º Ciclo e com o Ensino Secundário, para construir caminhos para futuro num tapete de *Upcycling* (Cidadania), para ser *Teacher for a day* (2.º Ciclo). Foi tempo de dar um salto ao futuro numa visita à obra do Edifício do Jardim de Infância, de descobrir a que sabe a Lua conduzidos pela equipa da Biblioteca. Pudemos telefonar para o passado, o presente ou o futuro (Filosofia para Crianças), aplaudimos os grupos do Academia de Desporto no Sarau Valsagym e viajámos pelo tempo no labirinto criado pelos Departamento de História dos 2.º e 3.º Ciclos.

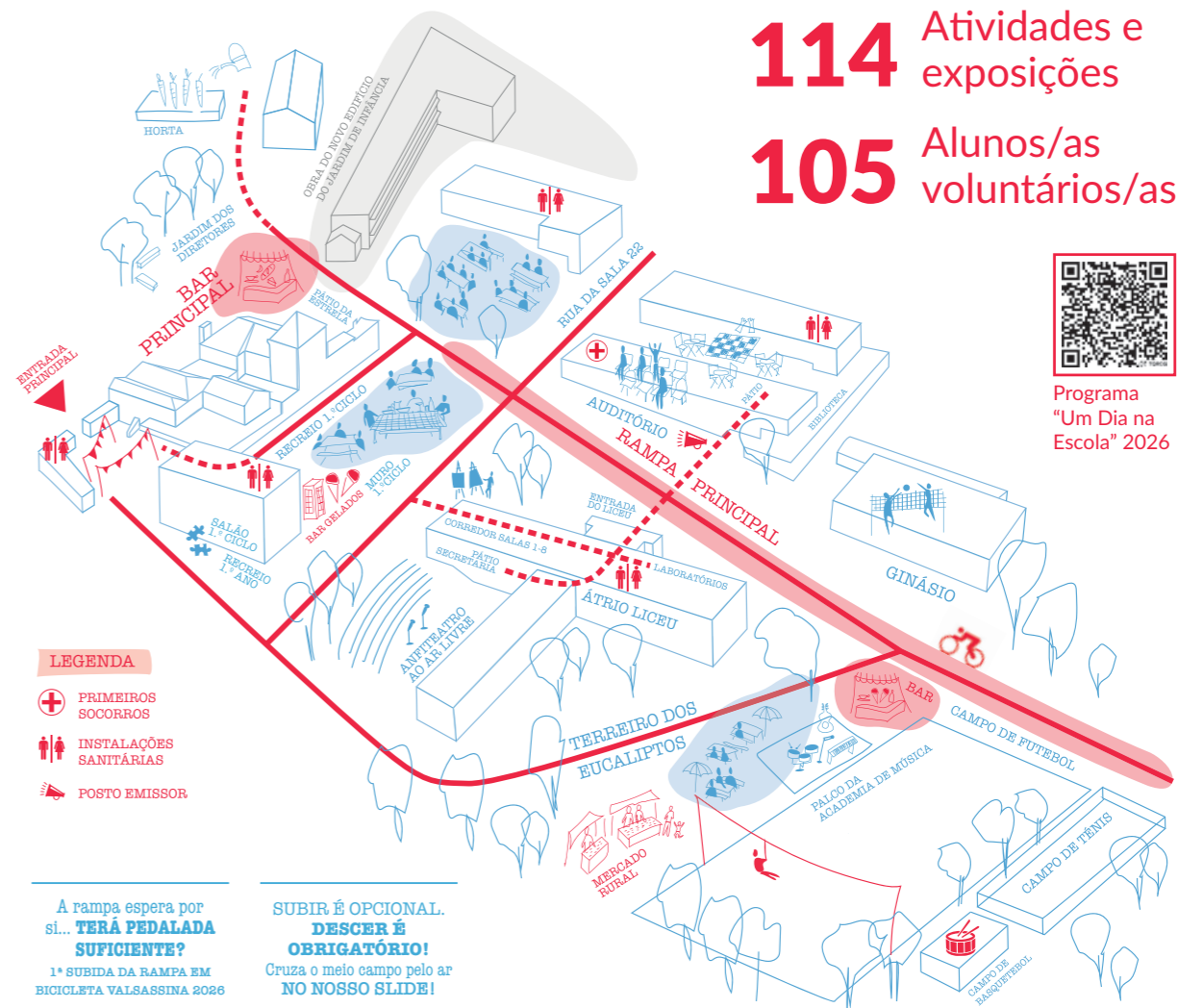
Houve tempo e lugar para todos. Os mais corajosos aventuraram-se na Subida da Rampa em bicicleta, os mais curiosos descobriram as iguarias do Mercado Rural, os mais ritmados participaram no *workshop* de bombos, os mais aventureiros voaram sobre o campo no slide.

Todos juntos celebrámos um ano onde o tempo ganhou forma e se transformou em experiências memoráveis e aprendizagens significativas.

Colégio Valsassina

umdiaaescola.cvalsassina.pt

É TEMPO DE...



114 Atividades e exposições
105 Alunos/as voluntários/as



Programa
"Um Dia na Escola" 2026

TEMPO PARA ser curioso

Aprender Fora do Colégio, Crescer para Dentro: Saída de campo a Mira d'Aire, Foz Côa e a Constância

Sílvia Firmino Professora de Ciências Naturais

Elsa Braz Professora de Educação Física e Coordenadora na Direção Pedagógica

Graça Luís Professora de História



Num tempo marcado pela pressa, pelos horários apertados e pela constante necessidade de cumprir metas, há aprendizagens que exigem outra velocidade. Aprender implica tempo. Tempo para observar, experimentar, questionar, errar, refletir e voltar a tentar. Foi precisamente esse o espírito que acompanhou a saída pedagógica a Mira d'Aire, Foz Côa e Constância: criar espaço e tempo para os/as alunos/as serem mais curiosos/as, mais autônomos/as, mais conscientes e mais presentes.

Ao longo de vários dias, os/as alunos/as tiveram oportunidade de sair da rotina habitual da sala de aula e mergulhar em contextos reais de aprendizagem, onde a natureza, a Ciência, a História e o Património deixaram de ser apenas conteúdos programáticos para passarem a ser experiências vividas.

O roteiro integrou diferentes locais de elevado valor científico, cultural e humano. Em Mira d'Aire, os/as alunos/as exploraram as Grutas de Mira d'Aire, contactando diretamente com estruturas geológicas formadas ao longo de milhares de anos. Mais do que observar estalactites e estalagmites, foi possível compreender a dimensão do tempo geológico e perceber como a Terra guarda marcas silenciosas da sua própria história. A visita ao Museu do Fóssil complementou esta experiência, permitindo relacionar conteúdos científicos com

evidências concretas da evolução da vida e das transformações do planeta.

Já em Foz Côa, os/as alunos/as contactaram com um património único e profundamente simbólico. A visita ao Museu do Côa e às gravuras rupestres da Penascosa permitiu viajar até aos primeiros gestos de comunicação humana. Num mundo dominado pelo imediato e pelo digital, parar diante de marcas deixadas há milhares de anos trouxe uma perspetiva diferente sobre identidade, memória e permanência. Houve tempo para escutar, interpretar, questionar e imaginar quem foram aqueles que, muito antes de nós, sentiram necessidade de deixar sinais da sua existência.

A dimensão pedagógica desta saída foi construída precisamente nessa articulação entre conhecimento e experiência. Os objetivos passaram por consolidar aprendizagens desenvolvidas em diferentes disciplinas, promover o contacto com o património natural e cultural, estimular a curiosidade científica e reforçar competências sociais e pessoais fundamentais. Fora do contexto habitual, os/as alunos/as são constantemente desafiados a adaptar-se, colaborar, gerir rotinas, respeitar regras comuns e desenvolver autonomia.

A descida do rio Zêzere e Tejo constituiu uma das atividades de maior entusiasmo entre os/as parti-

Adorei a visita a Foz Côa e, sinceramente, não senti falta do telemóvel, pois era tudo bastante interessante. Adorei ver o Museu, ver as gravuras (...). **Valquíria Ribeiro 7.º A**

Gostei muito da visita a Foz Côa, uma vez que os sítios que visitámos eram muito interessantes e descobri coisas que nunca tinha ouvido falar, como, por exemplo, uma rocha que tinha 13 gravuras.

Teresa Sottomayor 7.º A

A visita a Foz Côa foi muito interessante e informativa, não senti falta do telemóvel, pois tínhamos muitas atividades interativas. Adorei a canoagem e conhecer uma cidade nova. **Thiago Ortega 7.º A**

Eu gostei bastante da viagem a Foz Côa, diverti-me muito e aprendi imenso! Visitámos sítios muito interessantes. Foi uma oportunidade incrível para aprendermos de uma forma diferente!

Francisca Vasconcelos 7.º C

Eu gostei muito da viagem, aprendemos bastante, tanto em história como em ciências. Gostei muito da descida ao rio, por ser uma dinâmica diferente. Foi uma oportunidade muito interessante e divertida. **Maria Pereira 7.º C**

Foz Côa foi uma experiência muito divertida onde aprendi muito! Gostei mais de ir à gruta e aprender sobre os minerais e ver as gravuras rupestres, que foram muito interessantes! **Beatriz Martins 7.º C**

Eu gostei muito, foi um fim de semana que nos despertou interesse. Foi uma experiência única. **Maria Inês Teixeira 7.º C**

cipantes. Integrada na componente de Educação Física da visita, esta experiência permitiu desenvolver competências de cooperação, autonomia e espírito de entreajuda, ao mesmo tempo que desfrutávamos do património natural da região. Num ritmo diferente daquele a que estão habituados/as no quotidiano, tiveram oportunidade de observar a paisagem, contactar com a biodiversidade local e experimentar o desafio de avançar em conjunto, valorizando a importância da colaboração e do respeito pelo meio natural.

Desde a observação das formações calcárias das grutas até à interpretação das gravuras rupestres ou à cooperação necessária durante a descida do rio em canoa, os/as alunos/as procuraram equilibrar descoberta, reflexão e convivência. As caminhadas, os momentos de observação direta, as visitas guiadas, os desafios de grupo e os tempos de partilha permitiram criar experiências significativas, onde aprender aconteceu de forma natural e integrada. Muitas vezes, são estes contextos menos formais que deixam as aprendizagens mais duradouras.

Mas esta viagem foi também uma oportunidade para algo cada vez mais raro: desacelerar. Houve tempo para conversar sem distrações, para olhar a paisagem com atenção, para ouvir o silêncio das grutas ou contemplar o vale do Côa. Tempo para estar com os outros e, ao mesmo tempo, consigo próprio. Tempo para Ser.

Porque educar não é apenas transmitir conteúdos. É ajudar cada aluno a construir relação consigo, com os outros e com o mundo. E essa construção exige experiências reais, contacto humano, movimento, descoberta e tempo vivido com significado.

Ao regressarem, os/as alunos/as trouxeram certamente novos conhecimentos. Mas trouxeram também algo mais difícil de medir: memórias, perguntas, desafios superados, conversas inesperadas e uma compreensão mais profunda de que aprender pode acontecer muito para além da sala de aula.

Num mundo que insiste em acelerar, talvez uma das maiores aprendizagens que a escola pode proporcionar seja precisamente esta: ensinar a parar, observar e dar tempo ao crescimento. Tempo para aprender. Tempo para descobrir. Tempo para Ser.



TEMPO PARA ESTAR Ao Ritmo do Galinheiro

em contato com a natureza

João Dias Professor de Geografia e Coordenador do Projeto
Maria Ribeiro de Carvalho, Sofia Linhares e Maria Bivar Educadoras de Infância

Foi com esta fotografia (em baixo à esquerda) que, em Outubro, a Direção do Colégio lançou o desafio à comunidade escolar para começar um novo capítulo na horta do Colégio Valsassina – ter um galinheiro como mais uma ferramenta para despertar aprendizagens.

Como vem sendo prática no Colégio Valsassina e em particular na horta, os/as alunos/as são convocados/as a assumirem um papel ativo na tomada de decisões e na construção das ideias. Dando aos/às alunos/as agentes o papel transformadores e não apenas espectadores passivos do que é proposto, o processo torna-se mais motivador, educativo e responsabilizador. Um grupo de voluntários/as do 7.º e 9.º anos reaproveitaram materiais e usaram ferramentas antigas há muito guardadas. Com formões, serrotes, plainas, macetas, grampos e pinturas de alunos/as dos 5 anos, construiu-se o galinheiro e aprendeu-se um pouco de carpintaria.

No dia 22 de abril, quando se celebra o Dia da Terra e se assume o compromisso com a sustentabilidade ambiental e a preservação da natureza, foi inaugurado o galinheiro e dadas as boas vindas a duas galinhas e um galo.

Desde então, este projeto tem proporcionado aos/às alunos/as do Jardim de Infância experiências únicas de contacto direto com a natureza e com os animais. Através da participação nos cuidados diários, como alimentar as galinhas, acompanhar o seu bem-estar e passear com elas, as crianças desenvolvem o sentido de responsabilidade, o respeito pelos seres vivos e a capacidade de cuidar do Outro.

Esta interação próxima, permite-lhes descobrir as características de outro ser vivo e compreender as suas necessidades. Ao mesmo tempo, vão construindo conhecimento sobre o mundo natural e a proveniência de alguns alimen-

tos. As aprendizagens acontecem de forma prática, lúdica e significativa, através da observação, da exploração, das conversas em grupo e do registo das descobertas, promovendo o desenvolvimento global da criança.

Para além da participação dos/as alunos/as, os grandes protagonistas deste projeto, o projeto envolveu, de forma voluntária e entusiasta, outros membros da comunidade escolar – Gonçalo Rico (Recursos Humanos), como consultor do bem-estar animal e cumprimento das normas sanitárias, e Paula Penim (equipa do refeitório) que diariamente seleciona os desperdícios do refeitório para alimentar as galinhas. Estas participações são mais um reflexo do sentido de comunidade que se vive no Colégio Valsassina onde se descobrem interesses e valores comuns.

É fantástico assistir ao ambiente que se vive no recreio dos 3 anos e às interações do grupo com a horta, com o jardim e com as galinhas. De facto, é terapêutico fazer uma pausa na horta do Colégio e observar a forma tranquila e divertida como os mais pequenos descobrem o mundo a brincar.

No futuro, as Ciências Naturais, a Geografia, a sustentabilidade, a pegada ecológica, a economia circular terão mais significado para estes/as alunos/as. Este projeto – e a ligação que estão a estabelecer com o mundo natural – poderá impulsioná-los a serem protagonistas na transformação mais sustentável e respeitadora da natureza no nosso planeta.

No Colégio Valsassina há lugar para todas as experiências: projetos de robótica, projetos científicos (premiados internacionalmente), produções e prémios literários e de artes visuais e também para um recreio com um galinheiro e uma horta.

Na década de 1950, onde é hoje a sala 26, a antiga diretora Maria Frederica Valsassina Heitor (1908-1994) alimentava as suas galinhas...



Guia de Aves e Plantas da Quinta das Teresinhas



No dia 12 de maio, a Quinta das Teresinhas deu palco à celebração da natureza, da criatividade e da aprendizagem viva, com o lançamento do *Guia de Aves e Plantas da Quinta das Teresinhas*. A sessão reuniu alunos/as, professores/as, convidados/as e famílias num encontro marcado pela música, pela ciência e pela emoção.

O projeto, desenvolvido ao longo de vários anos, envolveu mais de 100 alunos/as e professores/as na identificação de aves e plantas da Quinta, na investigação científica, no processo de ilustração científica e ainda de escrita criativa, transformando o Guia num verdadeiro exercício de aprendizagem interdisciplinar.

Convidado especial da sessão, António Bagão Félix, economista, professor universitário e autor do livro *Quarenta Árvores em Discurso Directo* definiu o *Guia* como “um livro desafiante, sensível e pedagógico”.

Intervenção apresentada na sessão de lançamento do *Guia de Aves e Plantas da Quinta das Teresinhas*

António Bagão Félix. Economista e Professor Universitário

É um gosto poder associar-me ao lançamento do *Guia de Aves e plantas da Quinta das Teresinhas*. Um livro desafiante, uma ocasião de discernimento, uma sensibilidade responsável, um contributo didáctico, uma via de generosa redistribuição geracional de conhecimento. Neste enquadramento, este *Guia* é um livro belo, sensível, pedagógico. Uma feliz expressão do modo como K. Lineu definiu a ciência botânica: *Scientia amabilis*.

Este livro não é para ser lido por fora. É que somos convidados a tomar parte da sua viagem, a peregrinar pela rota das plantas e das árvores da Quinta das Teresinhas. Dei comigo a ler as diferentes partes do livro como se, diante de um palco, se juntassem, em sinestesia, sonoridades, movimentos, cores, luzes, fragrâncias.

Trata-se de um livro-semente. As palavras são também sementes, movidas pelo despertar constante da curiosidade e pela capacidade de nos espantarmos ou surpreendermos.

Ao ler este *Guia*, lembrei-me do que escreveu o poeta inglês William Blake (1757-1827):

Ver um mundo num grão de areia,
E um céu numa flor do campo,
Capturar o infinito na palma da mão
E a eternidade numa hora

Este guia é um lugar onde a arrogância biológica morre. Um clamor contra a indiferença e contra a ingratidão ainda dominantes na sociedade e nos poderes públicos.

Percorrendo o livro, podemos entender melhor o que é a harmonia da natureza botânica. Cada planta é um valor em si mesma. Pressente-se a magia da descoberta da biodiversidade sempre sem fim. Na floresta, na montanha escarpada, no bosque, na seara, nas quintas e jardins na rua até, irmanam-se, entre o acaso e o silêncio, árvores, arbustos, herbáceas, suculentas, gramíneas, musgos e líquenes, ervas daninhas proscritas, mas de inigualáveis inflorescências, e tantas outras preciosidades botânicas, produto da persistente simbiose entre a natureza espontânea e um habitat esculpido pelo tempo e no tempo. Um caminho em que nada se perde, mas nem tudo se transforma.

A natureza não pode ser meramente instrumental. Nos tempos que correm e mais do que nunca, o uso dos recursos vegetais e ambientais não pode ser separado do respeito por consistentes exigências morais. Impõe uma visão, não de exclusivismo antropocêntrico, mas de um equilibrado biocentrismo que nos possa conduzir a uma ordem harmoniosa do ser humano e da natureza. Ao me-



“A este guia bem se pode aplicar o que Pablo Neruda disse: ‘Livro, quando te fecho abro a vida’”



nos, ditada pelo princípio da necessidade. Uma ética ambiental do futuro que não é uma ética para o futuro, mas para hoje. Citando o Papa Francisco, temos de saber ouvir “os gemidos da irmã Terra”. A Arca de Noé simboliza a aliança entre a natureza humana e o mundo senciente. O ser humano, como colaborador do Criador e não como dominador absoluto.

Como escreveu Edgar Morin, “a Terra depende do Homem que depende da Terra”. Uma quinta na cidade que contrasta com a “ecologia do asfalto e semáforos” e a insensibilidade de quem vê na árvore um adversário e não um aliado. A lenta agonia de alguns espaços verdes, a dificuldade em conservar uma árvore com a dignidade de que é merecedora, a monocultura adversária da imperativa biodiversidade, a escolha ignorante ou desleixada de espécies plantadas, são infelizes ilustrações do que se deve evitar.

Somos mais ricos em tecnologia, mas mais pobres em Natureza. As leis do mercado têm prevalecido inexoravelmente sobre as leis da Natureza. As estatísticas não reflectem a realidade. O PIB é cada vez mais um indicador imperfeito e incompleto. Discutimos até à náusea 0,1% do PIB (2,3 euros por mês por cada habitante), enquanto, entre 2000 e 2024, estima-se que arderam 3,4 mil milhões de hectares sem que o tal PIB tenha dado sinal de alarme. E porquê? Porque este indicador não considera a depreciação do “capital natural”.

Por isso, este *Guia* é também uma forma de gratidão, de homenagem, de reconhecimento. A árvore olha-nos e diz-nos que a vida na Terra depende dela e da transformação limpa da energia luminosa em energia química, possibilitada pela fotossíntese. Haverá um dom assim tão gratuitamente generoso para a nossa possibilidade de respirar e de viver?

O tempo botânico é um tempo diferente do nosso. Sem a nossa pressa. Nesta vossa quinta, como bem exprime o Director Pedagógico, Dr. João Gomes, “o tempo desacelera e abre-se espaço para o inesperado, encontro e silêncio”. Li, algures, que a medida da paciência é o intervalo de tempo entre a minúscula semente e o aparecimento do primeiro fruto. Através de um modo soberanamente silencioso. Aprendi a olhar para a dignidade da árvore e para o tempo que nela está para lá do tempo: um tempo de senciência quase espiritual. Com garbo sem sobrançeria, exuberância sem artificialismo, riqueza sem ostentação, beleza sem maquilhagem.

Vejo neste vosso *Guia* o convite para usufruir a serenidade de um pôr-do-sol, a ternura de uma flor a desabrochar, o bailado de folhas de uma bétula ao fim da tarde, a serenidade outonal inventada e oferecida pelas árvores, “onde é possível correr à chuva, apanhar sol, subir às árvores, cair e levantar-se, sujar as mãos na terra” (João Gomes, Director Pedagógico).

E também a descoberta da minúcia na infinitude do que nos é oferecido. Dizia Antoine de Saint-Exupéry, que “homens cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim e não encontram o que procuram. E, no entanto, o que eles buscam poderia ser achado numa só rosa”.

A primeira ligação com uma espécie vegetal é a de a conhecer pelo nome. Respeitar a árvore impõe saber chamá-la. Cito, a este propósito, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han no seu livro sobre jardinagem *Louvor da Terra*: “tento aprender o maior número possível de

“O tempo botânico é um tempo diferente do nosso.”



Tília-de-folhas-pequenas



Ameixoeira-dos-jardins

nomes de plantas. É uma traição tê-las no jardim sem conhecer os seus nomes. Sem nomes não é possível interpelá-las. O jardim também é um lugar da interpelação. Os nomes das plantas e árvores são palavras de amor”.

Em conclusão, muitos parabéns por esta iniciativa de um modelo escolar de referência de valor na e para a sociedade, de espaço de realização pessoal, cívica integral, de oportunidade de redistribuição geracional de saberes e aptidões. Com o imperativo da memória e o incitamento do futuro. De inquietação, de perguntas, de descoberta, de sabedoria, de pensamento crítico, de qualidade, de sementeira. A este guia bem se pode aplicar o que Pablo Neruda disse: “Livro, quando te fecho abro a vida”.

Permitam-me que termine lendo um texto meu que há tempos escrevi num livro que relatava a vida de uma árvore por ela mesma:

O mundo do homem perguntou-me se o jardim é a minha casa. Respondi que o meu corpo é o jardim. O mundo do homem perguntou-me se eu estou antes de nós. Respondi que sem o nós, não há o eu. O mundo do homem perguntou-me se sou feliz na vida. Respondi que cada jornada é uma vida inteira. O mundo do homem perguntou-me se me perguntam a idade. Respondi que a minha vida contém todas as idades. O mundo do homem perguntou-me se sorriu no Inverno. Respondi que o Inverno sorri comigo. O mundo do homem perguntou-me se tenho medo da morte. Respondi que nunca tive medo da vida. O mundo do homem perguntou-me se, no bosque cerrado, havia escuridão. Respondi que, no bosque cerrado, a luz elimina as trevas. O mundo do homem perguntou-me se vejo o brilhante azul no céu. Respondi que o verde na terra é celestial.

O mundo do homem perguntou-me se, na dúvida, acho a certeza. Respondi que certeza e dúvida se unem nas minhas raízes profundas.

O mundo do homem perguntou-me se já senti a indiferença à minha volta? Respondi que prefiro a indiferença de não ter a resposta do que o desprezo de não merecer a pergunta.

O mundo do homem perguntou-me, por fim, se tenho a resposta. Respondi que ainda não tenho a pergunta do homem do mundo.

Colégio Valsassina, 12 de Maio de 2026
(Por opção do autor, este texto não segue o AO90)



Cerejeira

TEMPO
de investigar

Detetives dos Decibéis, Missão: Escola Mais Silenciosa!

Como um Projeto Sobre o Ruído Transformou a Aprendizagem e o Ambiente Escolar

Andreia Cortes Professora titular da turma 3.º B

Vivemos rodeados de sons. O toque da campainha, as conversas no corredor, a agitação do recreio ou o movimento da cantina fazem parte do quotidiano escolar e são tão naturais que, muitas vezes, passam despercebidos. No entanto, em momentos de reflexão, os/as alunos/as começaram a demonstrar preocupação relativamente ao excesso de ruído em alguns momentos do dia-a-dia, sobretudo no refeitório, nas entradas para a sala de aula e até em determinados momentos dentro da própria sala.

Nas conversas surgiam frequentemente: “Há muito barulho no corredor”, “Às vezes é difícil ouvir”, “Com barulho não consigo concentrar-me.” Foi precisamente desta escuta atenta das observações e inquietações dos/as alunos/as que nasceu a vontade de compreender melhor esta realidade. Pouco a pouco começaram a surgir novas perguntas: “Será que na nossa escola há muito barulho?” ou “Será que o ruído afeta a nossa aprendizagem?”

Estas questões deram origem ao projeto “Detetives dos Decibéis, Missão: Escola mais silenciosa!” desenvolvido pelos/as alunos/as do 3.º ano B. Mais do que um projeto de ciência, esta investigação constituiu uma verdadeira oportunidade de aprendizagem ativa, permitindo aos/as alunos/as observar, questionar, experimentar, interpretar dados e procurar soluções para um problema real da nossa escola.

O principal objetivo do projeto consistiu em estudar os níveis de ruído em diferentes espaços da escola e compreender de que forma estes poderiam influenciar a concentração e a aprendizagem. Ao longo do trabalho, os/as alunos/as assumiram o papel de pequenos/as investigadores/as e realizaram medições do ruído em vários locais da escola, como por exemplo, no refeitório, no recreio, na sala de aula, nos corredores e na biblioteca. As medições foram efetuadas em diferentes momentos do dia identificados como períodos de maior agitação, recorrendo a aplicações de medição sonora em decibéis.

Paralelamente, foi desenvolvida uma experiência de atenção, na qual os/as alunos/as realizaram a mesma tarefa em duas condições distintas: uma em ambiente silencioso e outra em ambiente com ruído moderado. Os resultados revelaram que os locais com maior movimento apresentavam níveis sonoros mais elevados e que, em ambiente com ruído, os/as alunos/as cometiam mais erros e demonstravam maior dificuldade de concentração. Esta investigação permitiu-lhes compreender que o ruído não representa apenas um incómodo momentâneo, podendo influenciar a atenção, a aprendizagem, a comunicação e o bem-estar no contexto escolar.

Um dos aspetos mais significativos deste projeto foi o facto de os/as alunos/as não se limitarem à observação do problema. Após a análise e discussão dos resultados, procuraram encontrar estratégias concretas que contribuíssem para melhorar o ambiente escolar.



Desta forma, nasceu o *Semáforo do Ruído*, um sistema visual de autorregulação sonora criado pelos/as alunos/as, acompanhado pela implementação de sinais silenciosos para as transições e pela realização de campanhas de sensibilização junto dos colegas de outras turmas. Foram também elaborados cartazes com mensagens distintas e afixados em diferentes zonas do 1.º Ciclo. Estas mensagens passaram a integrar o quotidiano escolar e contribuíram para uma maior consciência coletiva relativamente à importância do ambiente sonoro.

Após a implementação das estratégias, os/as alunos/as voltaram a medir os níveis de ruído e verificaram uma redução significativa do barulho em alguns espaços, sobretudo durante as transições. Esta dimensão prática permitiu-lhes compreender que a ciência não serve apenas para estudar fenómenos, mas também para melhorar a realidade que nos rodeia.

Ao longo deste percurso, os/as alunos/as desenvolveram múltiplas competências científicas, sociais e pessoais. Aprenderam a formular hipóteses; recolher e interpretar dados; analisar resultados; comunicar conclusões; trabalhar em equipa; tomar decisões fundamentadas em evidências. Desta forma, as aprendizagens realizadas foram muito além da componente científica. Os/as alunos/as desenvolveram competências de escuta ativa, responsabilidade, cooperação, pensamento crítico e autorregulação, percebendo que o ruído não é apenas uma questão de som, mas também de respeito pelo outro, bem-estar coletivo e qualidade das relações no espaço escolar.

A possibilidade de participarem ativamente na resolução de um problema real revelou-se particularmente significativa, permitindo-lhes sentir que as suas ideias, ações e decisões podem desencadear mudanças concretas no ambiente que os rodeia. Numa escola em que o tempo é frequentemente vivido ao ritmo das tarefas e dos conteúdos programáticos, este projeto constituiu, acima de tudo, um verdadeiro “Tempo para SER”. Tempo para SER curioso... SER investigador... SER colaborativo... SER responsável... SER consciente... SER capaz de transformar...

Ao longo deste processo, os/as alunos/as descobriram que a ciência pode nascer das pequenas perguntas do quotidiano e que, mesmo sendo crianças, têm capacidade para investigar, refletir e contribuir ativamente para a melhoria da comunidade em que se inserem.

O projeto culminou com a conquista do 1.º prémio no Congresso Pequenos Cientistas em Ação e representou um reconhecimento muito especial do trabalho desenvolvido. Contudo, o maior resultado deste projeto não se traduziu apenas na distinção recebida, mas sobretudo na transformação observada no ambiente escolar e na forma entusiasta como os/as alunos/as olham para a ciência e para o seu papel enquanto cidadãos. Porque, no final, aprender ciência foi também aprender a ouvir. Ouvir os sons, os outros e o espaço que todos partilhamos diariamente.

E talvez tenha sido precisamente isso o mais importante: perceber que pequenas ações, quando sustentadas pela curiosidade, pela investigação e pela vontade de melhorar, podem ter um impacto verdadeiramente significativo.

Trabalho apresentado e distinguido com o 1.º Lugar no Congresso Nacional Cientistas em Ação 2026 (Categoria 1.º Ciclo), organizado pelo Centro de Ciência Viva de Estremoz.

Aprender a Ser com Ciência: Experimental, comunicar e crescer

Fórum de Clubes Ciência Viva na Escola

Andreia Cortes Professora titular e Coordenadora Clube Ciência Viva do 1.º Ciclo
Mariana Marques Coordenadora 1.º Ciclo

No Valsassina, o Clube Ciência Viva do 1.º Ciclo tem vindo a afirmar-se como um espaço privilegiado de aprendizagem ativa, onde a Ciência é vivida com curiosidade, rigor e entusiasmo. Este Clube evidencia como o ensino experimental pode contribuir para o desenvolvimento integral dos/as alunos/as, promovendo não apenas conhecimentos, mas também competências essenciais para a vida.

Assente em metodologias de ensino experimental e aprendizagem baseada em projetos, o Clube Ciência Viva desafia os/as alunos/as a assumir um papel ativo na construção do seu próprio conhecimento. Através da exploração de questões do quotidiano – *Porque é que os patos não vão ao fundo?*, *Onde estão os germes?*, *Porque pintamos as casas de branco?* – os/as alunos/as são estimulados/as a observar, questionar, formular hipóteses, experimentar e tirar conclusões fundamentadas.

Ao longo do 1.º Ciclo, esta abordagem traduz-se numa diversidade de projetos científicos que cruzam diferentes áreas do saber e promovem uma aprendizagem verdadeiramente interdisciplinar. Desde a exploração do mundo natural, com investigações como “Biodiversidade do Solo – Invertebrados”, “Crescer, Transformar, Voar – A magia da metamorfose” ou “Biodiversidade Urbana – Pequenos hóspedes, grande impacto”, até à consciência ambiental, os/as alunos/as são desafiados/as a observar, questionar e compreender o mundo que os rodeia. Paralelamente, exploram fenómenos do quotidiano, como em “O segredo das pinhas: o que as faz abrir?”, “Porque muda a cor da flor das hortênsias?” ou “Detetives dos Decibéis”, alargando o seu olhar científico a diferentes contextos. A ciência cruza-se ainda com áreas como a arte e a alimentação, em projetos como “Biopinturas: Pinturas com microrganismos” ou “Gastronomia Molecular: Ciência e magia na cozinha”, evidenciando o seu caráter transversal e criativo. Desta forma, os/as alunos/as não só constroem conhecimento científico sólido, como desenvolvem uma consciência mais crítica, curiosa e informada sobre a realidade envolvente.

O trabalho desenvolvido culmina frequentemente em momentos de partilha, como o Congresso Nacional Cientistas em Ação, onde os/as alunos/as apresentam os seus projetos, comunicam resultados e refletem sobre o processo de investigação. Estas experiências reforçam competências como a comunicação, o pensamento crítico e a capacidade de argumentação.

Neste contexto, destaca-se também a participação no Fórum Nacional dos Clubes Ciência Viva na Escola 2026, que teve lugar em Santarém. O Colégio esteve representado por oito alunos/as, acompanhados/as pela professora Andreia Cortes (Professora Titular do 1.º Ciclo e Coordenadora do Clube Ciência Viva do 1.º Ciclo) e pelo



“... os/as alunos/as não só constroem conhecimento científico sólido, como desenvolvem uma consciência mais crítica, curiosa e informada sobre a realidade envolvente.”



Professor Diogo Gonçalves (Professor de Ciências, 2.º Ciclo), – que assumiram com entusiasmo e responsabilidade o papel de coautores do trabalho desenvolvido.

Quatro alunos/as do 3.º ano – **Francisco Gouveia, José Felner, Leonor Silva e Pilar Ribeiro** – participaram com o projeto “A Pele – Um escudo protetor”, desenvolvido no 1.º ano, explorando a função da pele como barreira essencial à proteção do organismo. Por sua vez, quatro alunos/as do 5.º ano – **Afonso Rosa, Lourenço Santos, Maria Eduarda Alvim e Mariana Rodrigues** – deram a conhecer o projeto “Posso Pintar com a Luz do Sol? – Cianotipia”, realizado no 4.º ano, em que investigaram os efeitos da luz solar em processos químicos, criando imagens através de uma técnica científica e artística.

A participação no Fórum revelou-se uma experiência particularmente enriquecedora. Para além da partilha de projetos, os/as alunos/as tiveram a oportunidade de contactar com outras escolas, de conhecer diferentes abordagens e de refletir sobre o seu próprio percurso de aprendizagem. Comunicar com o público, responder a questões e representar o Colégio contribuiu significativamente para o desenvolvimento da confiança, da autonomia e do sentido de responsabilidade.

Como referiram alguns/mas dos/as alunos/as participantes: “Gostei muito da feira da ciência, foi divertido transmitir a experiência da cianotipia com os meus colegas. Foi muito interessante ver as experiências das outras escolas (...)” (**Afonso Rosa**); “(...) Quando montámos a nossa banca, tivemos logo várias pessoas muito interessadas (...)” (**Pilar Ribeiro**); “Foi incrível ver toda a tecnologia e a variedade de experiências que havia. Vimos carros com painéis solares e um cão robô que nos cumprimentava” (**José Felner**). “Adorei este dia!”, realçou Maria Eduarda Alvim. Esta aluna destaca também a importância de “estar com os amigos, (...)”, diverti-me imenso e aprendi muitas coisas novas. Foi uma experiência que nunca vou esquecer”.

Também os/as Encarregados de Educação destacam o impacto destas experiências: “Ficamos muito contentes que tenha oportunidade de viver estes momentos porque lhe permite melhorar a sua capacidade de comunicar ideias e porque lhe desperta a curiosidade e a imaginação” (pais do aluno Francisco Gouveia).

Mais do que transmitir conteúdos, o Clube Ciência Viva do 1.º Ciclo promove uma aprendizagem significativa e duradoura. Ao longo deste percurso, os/as alunos/as desenvolvem competências fundamentais como a curiosidade, o espírito crítico, a resiliência e a capacidade de comunicar – competências que vão muito além da sala de aula.

É neste equilíbrio entre saber, fazer e partilhar que se concretiza verdadeiramente o Aprender a Ser: formar alunos/as capazes de pensar, de questionar e de intervir de forma consciente no mundo que os/as rodeia.



TEMPO de Explorar

Tempo para Cozinhar, com Muita Ciência!

Tânia Gonçalves Professora titular do 2.º C

A nossa aventura pela gastronomia molecular começou com um trabalho de férias de Natal, em que cada aluno/a apresentou uma receita tradicional desta época. A partir daí, surgiu uma grande curiosidade: como pode a ciência transformar a cozinha tradicional? Foi assim que descobrimos a gastronomia molecular, que estuda as transformações físicas e químicas que ocorrem nos alimentos durante a sua preparação.

Para aprofundarmos os nossos conhecimentos, convidámos a chef da cozinha do Colégio, que nos explicou a técnica da esferificação, muito utilizada na gastronomia molecular, que permite transformar líquidos em pequenas esferas semelhantes a “caviar”.



Em complemento, também recebemos a visita da mãe da Carmo Rebelo e do pai do Duarte Coimbra, especialistas na área da ciência alimentar, que dinamizaram uma aula muito divertida sobre a composição dos alimentos e a importância da química e da física na cozinha.

Durante as atividades experimentais, produzimos esferas de sumo de frutos vermelhos através da esferificação e esparguete molecular de brócolos através da gelificação.



A gelificação é uma técnica que consiste na formação de um gel a partir de um líquido utilizando agentes gelificantes. Neste caso, utilizou-se ágar-ágar, uma substância extraída de algas que tem a capacidade de formar gel quando arrefece. Ficámos fascinados ao descobrir que era possível transformar a textura e a apresentação dos alimentos sem alterar o seu sabor.

Além disso, a atividade experimental mostrou-nos que os alimentos podem tornar-se mais apelativos e interessantes, especialmente para quem normalmente não gosta de certos vegetais. Por exemplo, transformar brócolos em esparguete molecular pode tornar este vegetal mais divertido e atrativo para as crianças, adolescentes e até adultos, incentivando-os a experimentar e consumir alimentos saudáveis de uma forma diferente.

Ao longo do projeto, aprendemos ainda conceitos científicos importantes, como átomos e moléculas, percebendo que todos os alimentos são constituídos por pequenas partículas e que muitas transformações da cozinha acontecem ao nível molecular. Um átomo é a unidade mais pequena da matéria, enquanto uma molécula é formada pela ligação de dois ou mais átomos. Também foi muito enriquecedor conhecermos a molécula da água.

Foi um projeto muito especial, que permitiu aprender ciência de forma prática, divertida e saborosa, transformando a cozinha num verdadeiro laboratório. Quando cozinhamos, tudo se transforma. Cada prato esconde um conjunto de moléculas e cada dentada é uma experiência científica!

Trabalho apresentado e distinguido com uma Menção Honrosa no Congresso Nacional Cientistas em Ação 2026 (Categoria 1.º Ciclo), organizado pelo Centro de Ciência Viva de Estremoz

Gostei muito de fazer as bolinhas de sumo, porque pareciam caviar! **José Maria Caieiro 2.º C**

Aprendi que a cozinha tem (muita) ciência. **Eduardo Silva 2.º C**

Foi uma das experiências mais engraçadas que fizemos este ano! **Leonor Moreira 2.º C**

FuelSense: Desenvolvimento de um biossensor aquático alimentado por uma célula de combustível de etanol para deteção em tempo real de tetraciclinas

Rita Braz, Sofia Costa e João Núncio 12.º 1A

Trabalho realizado na disciplina de Biologia sob a supervisão do Professor João Gomes

O uso excessivo de antibióticos em setores como a saúde, a pecuária e a aquacultura tem contribuído para a contaminação dos ecossistemas aquáticos, sendo as tetraciclinas frequentemente detetadas em efluentes de ETARs. Os métodos convencionais de deteção apresentam elevada sensibilidade, mas implicam custos elevados, instrumentação complexa e baixa portabilidade, limitando a monitorização em tempo real.

O presente projeto procura dar resposta a estes problemas por meio de uma solução sustentável e inovadora que explora as potencialidades das células de combustível como fonte de energia para um biossensor capaz de detetar a presença de tetraciclinas em ambientes aquáticos.

Neste projeto, modificou-se o ânodo de uma célula de combustível com um polímero de impressão molecular, especialmente desenhado para a deteção de tetraciclinas em ambientes aquáticos. Esta metodologia permite converter a célula de combustível num transdutor eletroquímico autónomo, cuja potência gerada varia proporcionalmente à concentração de tetraciclinas presente na amostra. A plataforma sensora foi integrada numa tira de papel, projetada para flutuar na água, com o ânodo em contacto direto com o meio a ser analisado, permitindo medições *in situ* de forma simples e sustentável. Esta adaptação permite uma maior portabilidade e flexibilidade em comparação com as células de combustível convencionais, que são habitualmente construídas com placas de metal. Além disso, esta abordagem apresenta elevada

seletividade, podendo ser adaptada a diferentes contaminantes aquáticos, abrindo caminho para aplicações em monitorização ambiental e estudos de poluição por antibióticos.

O biossensor proposto utiliza um Polímero de Impressão Molecular (PIM), uma tecnologia que permite, a partir de um polímero sintético com cavidades moldadas, o reconhecimento seletivo de uma molécula-alvo, neste caso, as tetraciclinas, de forma precisa e sensível. O desenvolvimento do biossensor incluiu a síntese do Polímero de Impressão Molecular na presença de tetraciclinas, assim como a preparação do Polímero Não Impresso (PNI) e de um controlo, que serviram para validar a especificidade e a funcionalidade do biossensor.

A metodologia adotada permitiu que a célula de combustível funcione como um transdutor eletroquímico autónomo, cuja potência variava consoante a concentração de tetraciclinas presente.

A preparação do Polímero Não Impresso permitiu comprovar a especificidade do PIM, uma vez que o PNI não possui cavidades específicas para o reconhecimento das tetraciclinas. Relativamente ao Polímero de Impressão Molecular (PIM), os resultados obtidos permitiram definir uma relação linear ($y = -0.1404x + 0.1822$) com um coeficiente de determinação de 0.97, o que evidencia um ajuste (muito) forte do modelo de regressão aos dados obtidos. A relação linear apresenta um declive negativo ($m = -0.1404$), o que confirma a relação: quanto maior a concentração de antibiótico, menor os valores de potência obtidos.





Poster científico



Poster de empreendedorismo



Podcast

Deste modo, os resultados obtidos demonstraram a viabilidade do sistema, evidenciando boa sensibilidade, seletividade e resposta linear para diferentes concentrações de tetraciclinas, validando a prova de conceito: um biossensor capaz de detetar a presença de tetraciclinas em ambientes aquáticos explorando as potencialidades das células de combustível como fonte de energia.

Em complemento à dimensão científica, o plano de trabalho incluiu um processo de empreendedorismo baseado numa metodologia do tipo *Lean Startup*.

A proposta apresentada com este projeto apresenta elevado potencial para aplicações em monitorização ambiental, especialmente em contextos remotos ou de emergência.

Agradecimentos

Gostaríamos de expressar o nosso sincero agradecimento à Dra. Rita Cardoso, do Departamento de Engenharia Química da Universidade de Coimbra, pelo apoio e orientação científica na montagem do biossensor, bem como pela sua disponibilidade e dedicação.

Agradecemos igualmente à Dra. Liliana Carneiro, da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, por toda a atenção e apoio científico e pela colaboração na construção da célula de combustível.

Reconhecemos ainda a ambas a disponibilização dos seus laboratórios e de todos os materiais, fundamentais para a concretização deste projeto. Estamos muito gratos.

Trabalho apresentado no Congresso Nacional Cientistas em Ação 2026 (Categoria Ensino Secundário), organizado pelo Centro de Ciência Viva de Estremoz, onde foi distinguido com o 1.º Lugar.

Trabalho apresentado na Mostra Nacional de Ciência (Concurso Nacional Jovens Cientistas e Investigadores) onde foi distinguido com: Prémio Especial CEiiA e Prémio de representação de Portugal na Mostra *I giovani e le scienze* 2027, Milão

Repair: Parafuso ortopédico reabsorvível e piezoelétrico que promove a regeneração óssea

Trabalho realizado na disciplina de Biologia sob a supervisão do Professor João Gomes

Os parafusos metálicos convencionais usados na estabilização interna de fraturas no centro do fémur e da tibia, zonas com baixa vascularização, apesar de eficazes, requerem frequentemente uma segunda cirurgia para remoção, o que nos levou à procura de alternativas biodegradáveis.

Este projeto propõe o desenvolvimento de um parafuso ortopédico piezoelétrico reabsorvível, destinado à estabilização de fraturas ósseas e à promoção ativa da regeneração tecidual. Neste contexto, foi selecionado o ácido poli-L-láctico (PLLA), um polímero biocompatível e reabsorvível, combinado com um hidrogel de quitosano e β -Glicerolfosfato, incorporado no interior do parafuso através de um design inovador em duas peças com um compartimento interno e um sistema de libertação controlada (*slow release*). Ao hidrogel foram adicionadas nanopartículas piezoelétricas de titanato de bário ($BaTiO_3$) e óxido de zinco (ZnO), bem como hidroxiapatita, conferindo propriedades osteoindutivas, antimicrobianas e de suporte à mineralização óssea. Desta forma, este *scaffold* não

só contribui para a criação de um microambiente mais favorável à regeneração óssea, mas também reduz o risco de infeção e de resposta adversa por parte do organismo.

O design experimental incluiu testes de mineralização, ensaios de citotoxicidade e testes mecânicos, com o objetivo de avaliar, respetivamente, a bioatividade, não citotoxicidade e resistência do material.

A mineralização *in vitro* dos parafusos foi realizada para avaliar a capacidade de promover a formação de um revestimento mineral biologicamente adequado, prevenindo a bioatividade do implante *in vivo*, propriedade importante para aplicações relacionadas com a medicina ortopédica.

Os resultados obtidos demonstraram um desempenho positivo em todos os testes, evidenciando a capacidade de formação de matriz mineral, ausência de efeitos citotóxicos e propriedades mecânicas adequadas à aplicação clínica. Através de microscopia eletrónica foi possível observar a cristalização de minerais nos parafusos.



Assim, o dispositivo desenvolvido apresenta potencial para assegurar a estabilização da fratura e, simultaneamente, estimular a regeneração óssea, reduzindo complicações e eliminando a necessidade de intervenção cirúrgica adicional.

O desenvolvimento de soluções inovadoras na área da ortopedia regenerativa é essencial para ultrapassar as limitações dos implantes convencionais. A integração de biomateriais biodegradáveis com propriedades piezoelétricas e bioativas surge como uma abordagem promissora, permitindo não só garantir a estabilidade mecânica necessária, mas também estimular a regeneração óssea. Neste contexto, este trabalho propõe uma estratégia que contribui para abordagens clínicas mais eficazes, seguras e menos invasivas em ortopedia regenerativa.

Agradecimentos

A realização deste projeto não teria sido possível sem a contribuição de várias pessoas do Instituto de Bioengenharia e Biociência (IBB) do Instituto Superior Técnico (IST). Assim, gostaríamos de agradecer ao Doutor João Carlos Silva, pelo apoio e orientação ao longo de todo o projeto; ao investigador Pedro Marcelino, pelo apoio no design 3D do parafuso e na sua impressão; à Mestre Mafalda Santos, pelo acompanhamento e orientação nos testes laboratoriais; e, ao coordenador do Departamento de Ortopedia e Traumatologia do Hospital CUF Cascais e doutorado em Bioengenharia e Engenharia Biomédica no IST, Nuno Ribeiro, que contribuiu para a validação (científica e clínica) e para o aperfeiçoamento do projeto numa perspetiva clínica e prática.



Poster científico



Poster de empreendedorismo

Trabalho apresentado no Congresso Nacional Cientistas em Ação 2026 (Categoria Ensino Secundário), organizado pelo Centro de Ciência Viva de Estremoz, onde foi distinguido com uma Menção Honrosa.

Trabalho apresentado na Mostra Nacional de Ciência (Concurso Nacional Jovens Cientistas e Investigadores) onde foi distinguido com: 2.º Lugar e Prémio de representação de Portugal na Regeneron ISEF (*International Science and Engineering Fair*) 2027, EUA



Alunas do Colégio Valsassina representaram Portugal na Science Expo Belgium 2026, em Bruxelas

Entre 24 e 29 de março, cerca de 300 jovens cientistas apresentaram os seus projetos na *Science Expo Belgium*. Portugal esteve representado com dois projetos desenvolvidos por alunos/as do Agrupamento de Escolas de Barcelos e do Colégio Valsassina.

Mafalda Mesquita e Maria Rita Henriques, alunas do Valsassina, orientadas pelo Professor João Gomes, desenvolveram, ao longo do ano letivo 2024/2025, o estudo “NewPLastic”. Com este trabalho, as alunas desenvolveram um bioplástico feito a partir de polilactido (PLA), um polímero de ácidos orgânicos, obtido através de cascas de batata, de forma a reduzir o desperdício alimen-

tar e o uso de plásticos derivados do petróleo. O bioplástico produzido pode ter diversas aplicações pela sua biodegradabilidade, biocompatibilidade, boas propriedades mecânicas e facilidade de processamento.

Organizada pela *Jeuness Scientifiques*, esta mostra reuniu estudantes entre os 12 e os 20 anos de 12 países do mundo, numa exposição de projetos científicos de diversas áreas de pesquisa e de inovação.

A seleção para representar Portugal neste evento resultou do prémio conquistado no Concurso Nacional para Jovens Cientistas 2025, organizado pela Fundação da Juventude.

newPLastic: Production of a bioplastic from polylactic acid extracted from potato peels

Mafalda Mesquita e Maria Rita Henriques 12.º 1A (2024/2025)

Contemporary lifestyles, particularly in Portugal, are based on the very intensive consumption of natural resources, which, globally, has proven to be unsustainable (Schmidt & Truninger, 2022). Food waste and the environmental impacts associated with high plastic production and use are two examples of problems that contribute to the current scenario.

According to a study conducted by the European Union in 2022 on food waste and its impact on the environment, economy, and society, each European citizen wastes 132 kg of food, and more than half of this waste comes from households (CUE, 2025).

In turn, according to a report by the Organization for Economic Cooperation and Development, annual production and the volume of plastic waste doubled between 2000 and 2019 (OECD, 2019). According to the same report, the consequences of plastic on the environment are also associated with a significant carbon footprint, with plastics contributing to 3.4 percent of greenhouse gas emissions. If production continues at its current rate of growth, global production is expected to reach 600 million tons by 2030, with most of this plastic being non-biodegradable and 30 to 50% of production destined for single-use applications.



Thus, in line with environmental concerns regarding the excessive use of common petroleum-based plastics, as well as an interest in working with food waste from both domestic and industrial environments, we sought to develop a sustainable and biodegradable material: a bioplastic made from polylactic acid (PLA), a polymer of organic acids obtained from potato peels.

The experimental design for the development of the project included the following stages: production of lactic acids through the hydrolysis of potato starch; neutralization of glucose to obtain sodium lactate, which was then converted into lactic acid; and, subsequently, the formation of an oligomer, production and purification of lactide, and ring-

opening polymerization, finally obtaining polylactic acid. Three batches of liquid PLA concentrate were obtained, totaling approximately 765 ml. A proof of concept was also carried out, obtaining starch from potato peels collected in a school cafeteria.

PLA can have several applications due to its biodegradability, biocompatibility, good mechanical properties, and ease of processing, such as in the food industry, biodegradable packaging, cosmetics, 3D printing, textiles and fashion, civil construction, electronics and robotics, biomedicine, and agriculture, without causing as much damage to the environment.

A experiência de representar Portugal na Science Expo Belgium

Mafalda Mesquita e Maria Rita Henriques 12.º 1A (2024/2025)

No 12.º ano [2024/2025] fomos desafiadas pelo Professor João Gomes a desenvolver um projeto científico de investigação no âmbito da disciplina de Biologia.

Depois de meses a escolher um tema, fazer pesquisa e trabalhar durante incontáveis tardes no Instituto Superior Técnico, parceiro do projeto, finalmente tínhamos um produto. Candidatámo-nos ao Concurso Nacional de Jovens Cientistas e Investigadores e à Mostra Nacional de Ciência, que se realizou no Porto, em maio de 2025. Fomos um pouco com medo, a duvidar se estaríamos à altura do desafio... No final, o júri de especialistas distinguiu o nosso projeto. Foi extremamente gratificante, ganhámos um prémio internacional que nos permitiu representar Portugal na Bélgica!

Representar Portugal num contexto internacional foi, sem dúvida, uma enorme responsabilidade, mas também um grande orgulho. Sentimos que levávamos connosco não apenas o nosso trabalho, mas também a dedicação do Colégio, dos professores e da investigação realizada pelos jovens em Portugal. Poder apresentar o projeto perante participantes de vários países fez-nos perceber a importância da ciência enquanto linguagem universal e mostrou-nos que o nosso trabalho tinha valor para além do contexto escolar.

Ao longo desta experiência desenvolvemos inúmeras competências, tanto a nível académico como pessoal. O próprio processo de investigação ensinou-nos a trabalhar de forma mais autónoma, organizada e crítica. Aprendemos a comunicar ciência de forma clara, a defender ideias perante diferentes públicos e a adaptar-nos a situações novas e desafiantes. Além disso, o contacto com estudantes internacionais permitiu-nos melhorar a nossa capacidade de comunicação, de cooperação

References

- CUE, Conselho da União Europeia. (2025). *O impacto do desperdício alimentar*.
- OECD (2022). *Global Plastics Outlook. Economic Drivers, Environmental Impacts and Policy Options. Report*. 22 Feb. 2022. Accessed on Mar. 21st, 2025, at www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2022/02/global-plastics-outlook_a653d1c9/de747aef-en.pdf.
- Schmidt, L. & Truninger, M. (2022). *Terceiro grande inquérito sobre sustentabilidade (sumário executivo)*. Observa, Observatório de Ambiente, Território e Sociedade. Universidade de Lisboa. Instituto de Ciências Sociais. Accessed on Mar. 2nd, 2025, at feed.continente.pt/media/gxsfukau/sumario_executivo_iii_grande_inquerito.pdf.

e de adaptação a diferentes culturas e perspetivas.

Da *Science Expo Belgium* destacamos sobretudo a diversidade e qualidade dos projetos apresentados. Foi muito interessante perceber como estudantes de diferentes países abordavam problemas científicos distintos, muitas vezes com perspetivas inovadoras e criativas. O ambiente vivido durante o evento era extremamente inspirador, marcado pela curiosidade, pela partilha de conhecimento e pelo entusiasmo comum pela investigação científica.

Para além da componente científica, esta experiência teve também uma dimensão social e cultural muito rica. Nos primeiros dias convivemos apenas com os restantes participantes internacionais, num grupo muito numeroso e multicultural, o que tornou tudo ainda mais especial. Criámos ligações e amizades com pessoas de vários países, partilhando experiências, culturas e formas diferentes de ver o mundo. Tivemos ainda a oportunidade de visitar cidades como Bruxelas e Bruges, que nos impressionaram pela sua beleza, história e diversidade cultural.

Foi uma experiência extremamente enriquecedora em todos os sentidos. Cientificamente, permitiu-nos crescer enquanto estudantes e aprofundar competências ligadas à investigação e à comunicação científica. Social e culturalmente, abriu-nos horizontes, promoveu o contacto com novas realidades e proporcionou memórias e amizades que certamente iremos guardar durante muitos anos. Acima de tudo, mostrou-nos como a escola e a ciência podem criar oportunidades verdadeiramente únicas.

Viagem Científica e Cultural à Space Expo e aos Países Baixos

Ana Isabel Cunha Professora de Matemática

Andreia Luz Professora de Biologia e Geologia e Coordenadora na Direção Pedagógica

Pedro Jorge Professor de Física e Química

Entre os dias 29 de março e 1 de abril, 35 alunos/as do Ensino Secundário trocaram a sala de aula pelas ruas, museus e centros de investigação dos Países Baixos. Durante quatro dias, Ciência, Arte, História e descoberta caminharam lado a lado, numa experiência que foi muito mais do que uma simples visita de estudo: foi uma oportunidade de aprender através da observação, da curiosidade e da partilha.

Amsterdão, Haia e Noordwijk foram cenários de aprendizagens vividas no terreno, onde cada espaço visitado desafiou os/as alunos/as a olhar para o conhecimento de forma integrada e a perceber que as fronteiras entre disciplinas são apenas aparentes.

O primeiro dia levou o grupo ao *Rijksmuseum*, em Amsterdão, um dos mais importantes museus dos Países Baixos. Munidos de um guião, os/as alunos/as foram convidados/as a descobrir as múltiplas ligações entre a Arte e a Ciência. A análise dos jogos de luz e sombra em obras como *A Ronda da Noite*, de Rembrandt, revelou como conceitos de ótica e observação científica podem estar presentes numa pintura do século XVII.

As descobertas não tardaram a surgir. “A luz tem um papel tão relevante em pinturas”, destacou **Helena Valente** (10.º 1A), surpreendida com a dimensão científica escondida nas obras de arte. Também **Beatriz Cardoso** (10.º 2A) sublinhou que “o *Rijksmuseum* mostra como a ciência influenciou a pintura holandesa, especialmente no uso da luz, da ótica e da anatomia”.

Para alguns/mas alunos/as, esta aproximação foi inesperada. “A arte e a ciência têm mais aspetos em comum do que pensava”, observou **Francisca Monteiro** (10.º 1B). **Helena Valente** (10.º 1A) acrescentou que “a arte regista uma grande parte da ciência ao longo do tempo, mostrando os avanços do ser humano”. Já **Gabriel Pombal** (11.º 1C) encontrou nos quadros uma outra perspetiva: “O avanço científico é muito bem representado nas pinturas. Por exemplo, o quadro da mulher anémica [*De bleekzuchtige dame*, da autoria de Samuel van Hoogstraten; obra pintada entre 1660 e 1678] mostra como antes não havia recursos para determinar as causas de uma doença”.

No segundo dia, Haia foi palco de novos desafios. No *Omniversum*, exposições interativas levaram os/as alunos/as a refletir sobre sustentabilidade, *fast fashion*, biodiversidade, ecossistemas e ainda sobre a presença de padrões matemáticos na natureza, como a sequência de Fibonacci. A Ciência revelou-se, mais uma vez, como uma poderosa ferramenta para compreender os desafios do mundo atual.

A aprendizagem prosseguiu pelas ruas da cidade, através de um *peddy-paper* interdisciplinar que transformou o espaço urbano num laboratório a céu aberto. Resolver desafios de Matemática, Física e Biologia exigiu espírito crítico, cooperação e criatividade.

Entre os momentos mais divertidos, **Tomás Caetano** (10.º 1B) destacou “a visita ao museu em Haia”, enquanto **Gabriel Pombal** (11.º 1C) e **João Rodrigues** (11.º 1A) recordaram com entusiasmo o desafio de “medir distâncias entre árvores usando uma progressão aritmética”. Para **Maria Inês Venâncio** (10.º 1B), o momento mais memorável foi “tirar uma fotografia criativa e simétrica em Haia”, mostrando que também a imaginação encontrou espaço nesta experiência.

Ainda nesse dia, os/as alunos/as visitaram o *Mauritshuis* onde, em pequenos grupos, conheceram algumas das mais emblemáticas obras da pintura neerlandesa, incluindo a célebre *Rapariga do Brinco de Pérola*, de Johannes Vermeer.

O terceiro dia foi, para todos/as, o ponto alto da componente científica da viagem. No *Museu Corpus*, os/as alunos/as embarcaram numa viagem imersiva pelo interior do corpo humano. Percorrendo os diferentes sistemas do organismo, consolidaram conhecimentos de Biologia e Fisiologia de forma dinâmica e interativa.

“O museu *Corpus* foi incrível!”, resumiram **Sofia Machado** (12.º 1A) e **Constança Sá** (12.º 1A). **Gabriel Pombal** (11.º 1C) realçou ter ficado surpreendido ao descobrir “que os nossos olhos funcionam como as câmaras”, evidenciando como uma explicação simples pode transformar a forma como entendemos o nosso próprio corpo.

Durante a tarde, a visita à *Space Expo* abriu as portas do fascinante universo da exploração espacial. A palestra dedicada à observação da Terra a partir do espaço e a visita guiada ao museu permitiram conhecer melhor a história das missões espaciais, desde os primeiros voos tripulados até aos atuais projetos de regresso à Lua e de exploração de Marte. A possibilidade de entrar numa réplica em tamanho real da Estação Espacial Internacional tornou a experiência ainda mais marcante. “O tamanho e o funcionamento da ISS surpreenderam-nos porque não fazíamos ideia!”, realçaram **Valéria Ferreira** (11.º 1A) e **Francisca Varela** (11.º 1A).

Helena Valente (10.º 1A) destacou uma descoberta que a fez olhar para os satélites de outra forma: “O facto de os satélites estarem a orbitar a Terra devido a moverem-se muito rapidamente. Nunca tinha pensado que seriam puxados pela gravidade e que funcionava dessa maneira. Achei muito interessante a forma como o ser humano ultrapassou esse problema”.

A complexidade da vida dos astronautas também impressionou os/as alunos/as. **Afonso Bouça** (10.º 1A) referiu “a dificuldade dos astronautas e a quantidade de tempo que demoram a vestir os fatos para as caminhadas espaciais”, enquanto **Francisco Silva** (10.º 1A) salientou “a exigência física para ser astronauta, muito mais complicada do que imaginava inicialmente”.

Mas talvez o mais importante tenha sido perceber que a Ciência desperta novas perguntas. “Será possível haver vida em Marte?”, questionaram **Valéria Ferreira** (11.º 1A) e **Francisca Varela** (11.º 1A), levando consigo uma dúvida que continua a alimentar a curiosidade e o desejo de saber mais.

No quarto e último dia, a Casa de Anne Frank proporcionou uma experiência profundamente humana e emotiva. Através dos audioguias, cada aluno/a percorreu o espaço ao seu ritmo, confrontando-se com a realidade vivida durante a Segunda Guerra Mundial. O contacto com o anexo secreto onde Anne Frank e a sua família permaneceram escondidos transformou páginas de livros de História numa experiência concreta e próxima, promovendo reflexões sobre liberdade, discriminação, tolerância e direitos humanos.

Antes do regresso a Lisboa, houve ainda tempo para explorar Amsterdão e absorver, pela última vez, o ambiente vibrante da cidade.

Mais do que uma “alternativa” à rotina escolar, esta viagem constituiu uma experiência educativa. A possibilidade de aprender em contextos reais permitiu consolidar conhecimentos de forma prática e contextualizada, assim como desenvolver competências pessoais e sociais essenciais ao crescimento dos alunos e alunas.

Entre museus, desafios, descobertas científicas e momentos de convívio, fortaleceram-se amizades, construíram-se memórias e despertaram-se novas inquietações. A Ciência encontrou a Arte, a História dialogou com o presente e a aprendizagem tornou-se multidimensional.

Porque educar é também proporcionar experiências que permitam aos/as alunos/as descobrir o mundo e descobrir-se a si próprios. Durante quatro dias, houve tempo para tudo isso: tempo de aprender, tempo de partilhar, tempo de ser e tempo de crescer.



TEMPO PARA Aprender Fazendo

Pequenos Engenheiros, Grandes Conquistas: A robótica no Valsassina

José Rainho e Pedro Rosa Professores de Informática e de Robótica

Desde a sua introdução no currículo do Valsassina, em 2018, a disciplina de Robótica no Colégio Valsassina tem assumido um papel importante na preparação dos/as nossos/as alunos/as para os desafios do século XXI. Longe de ser apenas uma aula sobre legos e códigos, este espaço curricular tornou-se num laboratório de competências, onde a criatividade se cruza com o rigor científico e onde o “aprender fazendo” ganha uma dimensão prática mas muito divertida.

A nossa abordagem pedagógica baseia-se no despertar do pensamento tecnológico através de uma metodologia estritamente *hands-on*. Utilizando o sistema *Lego Mindstorms EV3*, um kit versátil que integra motores, sensores e uma vasta gama de componentes estruturais, os/as alunos/as do 6.º ano são desafiados/as a assumir o papel de cientistas e de engenheiros/as. A organização semestral da disciplina permite-nos trabalhar com grupos reduzidos, garantindo que cada pequeno grupo de trabalho disponha de um kit completo. Esta dinâmica favorece uma aprendizagem personalizada, onde o erro não é visto como um fracasso, mas como uma etapa essencial do processo. Ao programarem robôs para resolver problemas do quotidiano ou superar obstáculos em pista, os/as alunos/as desenvolvem competências de pensamento computacional, de lógica abstrata e resiliência.

A vitalidade da Robótica no Colégio reflete-se nos nossos Torneios de Robótica Valsassina, competições internas, que celebraram recentemente a sua 5.ª e 6.ª edições. Nestes eventos, o entusiasmo dos/as alunos/as é visível. Cada turma apura a sua

melhor equipa (a que obteve os melhores tempos em contexto de aula) para disputar a grande final na prova de “seguidor de linha”. Ver estes robôs, integralmente concebidos e programados pelos/as alunos/as, a percorrer autonomamente itinerários sinuosos de curvas e contracurvas, é o culminar de meses de dedicação. Mais do que a busca pelo menor tempo, estes torneios celebram a ética desportiva, a superação e a partilha de conhecimentos.

Se internamente o entusiasmo é grande, é nas competições nacionais que a maturidade e os conhecimentos dos/as nossos/as alunos/as brilham com especial intensidade. No passado mês de abril, Barcelos acolheu a maior competição nacional, o Festival Nacional de Robótica. A nossa equipa de alunos/as do 6.º ano, constituída por **Camila Ângelo, Diogo Afonso, Madalena Falcão, Manuel Xavier, Maria Leonor Martins, Mateus Silva, Rafael Pinto e Sofia Gonçalves**, levou o nome do Colégio Valsassina ao pódio, conquistando um honroso **3.º lugar na categoria First Challengers**. Para estes jovens de 11 e de 12 anos, a viagem com mais de 700 km foi muito mais do que uma competição; foi um exercício de autonomia e de crescimento pessoal. Gerir emoções, partilhar estadias, discutir soluções técnicas com estudantes muito mais velhos e conhecer tecnologia de ponta expandiu os seus horizontes de forma indelével.

Algumas semanas antes, a participação na RoboParty 2026, em Guimarães, foi outro marco importante. Os/As alunos/as **Alice Brito (6.º D), Aurora Santos (6.º D), Madalena Faria (6.º C), Manuel Barroso (6.º C), Manuel Esteves (6.º D) e Rodrigo Dias**



(6.º C) demonstraram que a competência técnica não escolhe idades. Durante três dias intensos na Universidade do Minho, construíram robôs do zero, soldaram componentes e calibraram *hardware* e *software*. Competindo lado a lado com alunos/as do Ensino Secundário, as construções da equipa não só completaram percursos complexos, como brilharam na vertente artística, coordenando uma coreografia musical com quatro robôs em simultâneo. O destaque estendeu-se ao desporto, com o aluno Manuel Esteves a alcançar a 4.ª eliminação no torneio de ténis de mesa, mostrando o quão eclético é o Colégio Valsassina.

A Robótica no Colégio Valsassina é, hoje, muito mais do que uma disciplina técnica; é um veículo de formação humana. O sucesso deste projeto é visível no entusiasmo de quem o vive, e é recompensador ver que também as famílias reconhecem o valor transformador desta disciplina. Ao aliarmos o rigor académico à emoção das competições, estamos a formar não apenas futuros engenheiros ou programadores, mas cidadãos autónomos, resilientes e apaixonados pelo saber. Resta-nos, assim, celebrar estes/as pequenos/as engenheiros/as que, entre engrenagens, cabos, circuitos e linhas de código, desenharam o futuro e atingiram grandes conquistas.

A participação da nossa filha no Festival Nacional de Robótica foi uma experiência muito especial. Para nós, ainda mais significativa por mostrar como é importante continuar a aproximar mais raparigas das áreas da tecnologia, da engenharia e da inovação.

Vasco Falcão, pai de Madalena Falcão 6.º B

O mais interessante foi poder ver de perto robôs de maior complexidade do que estava habituado, e presenciar outros tipos de organização e de trabalho das outras equipas.

Manuel Esteves 6.º D

Para além do entusiasmo com que o Rafael viveu cada momento, é de sublinhar o impacto positivo que esta participação teve no seu crescimento pessoal e académico, contribuindo, de forma muito positiva, para o desenvolvimento da sua autonomia e confiança. (...) A interação com alunos/as de outras escolas e o contacto com diferentes projetos permite-lhes conhecer realidades distintas, trocar experiências e compreender que o conhecimento também se constrói em colaboração.

Carla Ferreira, mãe de Rafael Pinto 6.º B



Testemunhos (versão completa)

[A participação na RoboParty, em Guimarães] permitiu-me aprender e experimentar várias coisas que nunca tinha feito. Por exemplo, montámos um robô a partir do zero, e tivemos de soldar peças e pô-las na placa da forma correta.

Madalena Faria 6.º C

[No Festival Nacional de Robótica] vi muitos robôs com funções extraordinárias, (...) impressoras 3D, óculos de realidade virtual, um robô de tarefas domésticas e um drone que limpava telhados. (...) Gostei imenso deste evento e saímos com um prémio de 3.º lugar na prova mais difícil!

Leonor Martins 6.º A



TEMPO PARA **PET: Polymer Extraction Technology**

criar soluções

Marta Santos 12.º 1B e Vasco Isidoro 12.º 1A

Trabalho realizado na disciplina de Física sob a supervisão do Professor Pedro Jorge

No âmbito da disciplina de Física do 12.º ano, ao longo deste ano, estivemos a desenvolver um projeto relacionado com uma das maiores preocupações ambientais da atualidade: os microplásticos. Apesar de serem ameaças para os ambientes marinhos, ainda não há formas verdadeiramente eficientes de os remover da água. Por isso, o nosso projeto baseia-se na seguinte questão: E se os microplásticos fossem magnéticos?

Para os magnetizar, utilizamos nanopartículas de óxido de ferro, sintetizadas por nós no laboratório do Colégio. Estas partículas vão ser absorvidas, ou seja, aderir superficialmente, aos microplásticos. Depois disso, quando expostas a um campo magnético, as nanopartículas são atraídas por ele, levando consigo os microplásticos, e removendo-os da água!

Como forma de implementar este procedimento, desenhamos um protótipo que possa facilmente ser amplificado para ser implementado em ETAs e ETARs. Para isso, fizemos um sistema com 2 recipientes: no primeiro, adicionamos as nanopartículas à água que contém microplásticos e promovemos a sua adsorção utilizando ultrassons. Depois, a água flui num tubo em espiral que induz um leve efeito centrífugo, que aumenta a exposição dos microplásticos ao campo magnético que criámos no segundo recipiente.



Neste sistema, ainda só registámos taxas de remoção de 52%, mas identificámos ajustes que devem aumentar estes valores até aos 91%.

Com este projeto participámos na **Mostra de Ciência do Colégio**, no **Prémio Atlântico Júnior** e na **Mostra Nacional de Ciência (Concurso Nacional Jovens Cientistas e Investigadores)**, onde fomos distinguidos com o **prémio de representação de Portugal na Science Expo Belgium 2027**.

GyroNaut

Frederico Brehm, Gustavo Ferreira e Tomás Ministro 11.º 1C

Trabalho realizado na disciplina de Física sob a supervisão do Professor Pedro Jorge



A estabilidade das embarcações em ambiente marítimo é um dos desafios mais antigos e persistentes da engenharia naval. Qualquer corpo que flutue está permanentemente sujeito à ação imprevisível das ondas e do vento, que provocam oscilações desconfortáveis e perturbam a precisão da rota. Embora existam soluções tradicionais como pesos ou quilhas fixas, estas acabam frequentemente por aumentar o arrasto da embarcação, reduzindo a sua velocidade e mostrando-se incapazes de responder de forma dinâmica às constantes mutações da água.

O projeto GyroNaut surge precisamente para explorar uma alternativa viva e inteligente a este problema. A proposta consistiu no desenvolvi-



mento de um protótipo de embarcação equipado com um mecanismo interno de estabilização giroscópica composto por três rodas que giram a alta velocidade. O conceito base é familiar a qualquer

pessoa e assemelha-se ao equilíbrio de um pião ou de uma bicicleta em movimento: ao rodarem intencionalmente, estas estruturas criam uma resistência natural que contraria os balanços provocados pela ondulação, devolvendo o equilíbrio ao barco de forma autónoma. A embarcação foi equipada com discos metálicos ligados a motores a girar a mais de oito mil rotações por minuto criando grande momento angular. O sistema foi testado em água e obteve-se uma redução máxima de oscilação de cerca de 500%.

O GyroNaut foi levado a concurso na competição Atlântico Júnior e apresentado na Mostra Nacional da Ciência (Concurso Nacional Jovens Cientistas e Investigadores), onde a sua originalidade e execução prática foram distinguidas com o **Prémio Especial CEiiA**, que premeia a inovação tecnológica jovem. Mais do que os prémios, fica a certeza de que a ciência, quando abordada com curiosidade e espírito prático, pode ser um terreno tão desafiante quanto divertido.

RadiantSeed

Ana Borba, Diogo Abreu e Maria Inês Venâncio 10.º 1B

Trabalho realizado na disciplina de Física sob a supervisão do Professor Pedro Jorge

Na sociedade atual, existe a necessidade de encontrar alternativas sustentáveis para aumentar a produção alimentar e reduzir as contaminações microbianas nas culturas sem recorrer a métodos que tragam riscos para a saúde humana. Assim, o objetivo deste projeto foi avaliar o impacto de diferentes tempos de exposição à radiação UV-C na germinação e no crescimento inicial de sementes de milho doce, procurando garantir a qualidade do produto.

RadiantSeed não nasceu apenas a partir de uma proposta do Professor de Física, Pedro Jorge, mas também da pesquisa e do encontro de um método que prometia ajudar a resolver um problema relevante. Foram testados cinco grupos de sementes expostos a diferentes tempos de radiação (0h, 4h, 6h, 8h e 10h) e monitorizados ao longo de um mês. Os resultados demonstraram que a eficácia da radiação UV-C depende da dose aplicada. O grupo exposto durante 8 horas apresentou a melhor taxa de germinação, maior crescimento e ausência de mortalidade, enquanto exposições de 4 e 6 horas prejudicaram o desenvolvimento das plantas. Além disso, apesar do grupo de 10 horas ter tido melhores resultados do que o grupo de controlo, esses não foram tão bons quanto os de 8 horas, sendo assim possível afirmar que a radiação em excesso começa a prejudicar o desenvolvimento das plantas. Concluiu-se assim que a radiação UV-C é uma tecnologia económica e sustentável com potencial



aplicação na agricultura e na indústria alimentar.

Em maio de 2026, fomos à **Mostra Nacional da Ciência (Concurso Nacional Jovens Cientistas e Investigadores)**, no Porto, uma experiência que nos permitiu apresentar o nosso projeto a pessoas conhecedoras na área, enquanto conhecíamos o trabalho de outros/as estudantes. Ficámos muito felizes por sairmos desta competição com uma **Menção Honrosa**.

Empreender no Valsassina

Constança Raquette Professora de Economia C

No passado dia 17 de março, os/as alunos/as das turmas 12.º 2A e 12.º 2B apresentaram no Colégio a Mostra de Empreendedorismo Valsassina 2026, resultado do trabalho desenvolvido ao longo do ano na disciplina de Economia C.

A manhã começou com sessões de *pitching*, em que cada grupo teve quatro minutos para apresentar o seu projeto, e prosseguiu com a visita às bancas, onde foi possível experimentar protótipos e conhecer de perto as soluções desenvolvidas.

Num exercício de empreendedorismo ativo, os/as alunos/as partiram da observação, da escuta e da compreensão das necessidades dos/as outros/as, com o objetivo de criar propostas de valor relevantes para a sociedade. Para isso, realizaram entrevistas, questionários, observações de campo, testes de protótipos e validações, e desenvolveram ideias consistentes e originais.

O júri contou com o Professor Manuel Heitor, o Professor João Gomes, Leonor Cintra e Duarte Martins, antigos/as alunos/as do Colégio, que destacou os projetos:

- **Europlay**, uma plataforma de literacia financeira gamificada, criada para ajudar jovens estudantes e trabalhadores a desenvolver competências fundamentais na área da gestão financeira. Trabalho da autoria de **Martim Cabral, José Rocha e Vicente Pires** (12.º 2A)
- **Let's Talk**, um *software* desenvolvido para facilitar a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. A aplicação móvel utiliza a câmara do telemóvel para captar a língua gestual utilizada pela pessoa surda, traduzindo imediatamente os gestos para texto. Trabalho da autoria de **Francisco Vinagre, Inês Quental, Guilherme Tabora e Rita Rebelo** (12.º 2A)
- **Nexus, The Box**, uma iniciativa que procura combater a solidão e a perda de estímulos cognitivos em idosos institucionalizados. Através de caixas de memórias personalizadas, construídas a partir das histórias de vida, gostos e experiências de cada pessoa, o projeto reúne fotografias, músicas, jogos e objetos simbólicos que despertam emoções, reforçam a autoestima e preservam a identidade. Trabalho da autoria de **Sofia Lameira, Sara Rau e Francisca Pinheiro** (12.º 2A).



Mostra de empreendedorismo Valsassina

Tempo para Refletir: Job Shadowing em Nantes

Carla de Almeida Professora de Português e de Francês

No passado mês de março, tive a oportunidade de acompanhar os/as alunos/as do projeto “Erasmus+ Pontes de História: da Idade Média aos Descobrimentos” ao *Collège Sebastian sur Loire*, em Nantes, onde fiz *job shadowing* numa turma de francês, língua não materna.

Os/As alunos/as que frequentam estas aulas são designados por EANA (*Élèves Allophones Nouvellement Arrivés*). Chegados/as recentemente a França, estes/as alunos/as cuja língua materna não é o francês são integrados/as no sistema educativo, através do ensino de Francês Língua de Escolarização (FLS), visando a inclusão progressiva em turmas regulares.

Claire Liégeois, a quem muito agradeço a disponibilidade, abriu as portas da sua sala de aula, partilhando comigo a sua prática docente de uma forma despreocupada.

A turma era composta por sete alunos/as oriundos da Nigéria, Espanha, Sérvia, Eritreia, Somália e Japão. Frequentam várias escolas de Nantes, mas reúnem-se para aprender francês no *Collège Sebastian sur Loire*, três vezes por semana com aulas de três horas por dia.

Enquanto Professora de francês no Colégio Valsassina, verifiquei que as aulas de iniciação de língua estrangeira que leciono e estas a que assisti têm muitas semelhanças, quer nos conteúdos lecionados, quer nas estratégias aplicadas. No entanto, em termos comunicacionais, nas minhas aulas de francês, caso seja necessário, posso recorrer pontualmente à língua portuguesa ou inglesa quando os/as alunos/as não entendem algo que quero transmitir. Tal não acontece nas aulas a que assisti, pois os/as alunos/as não dominam a língua francesa, nem a inglesa. Por isso, muitas vezes, a linguagem gestual é o único recurso. Ainda assim, estes/as jovens, ao fim de seis meses de aulas, já conseguem comunicar oralmente e por escrito em francês, o que é surpreendente. Um exemplo que também não posso deixar de salientar foi o de um aluno vindo da Eritreia que, apenas aos 12 anos, entrou no processo de alfabetização pela primeira vez já nesta escola.

Desta experiência trouxe a partilha, não só de conhecimento, mas também de afetos. A sala de aula é um lugar de aprendizagem, sim, porém, não

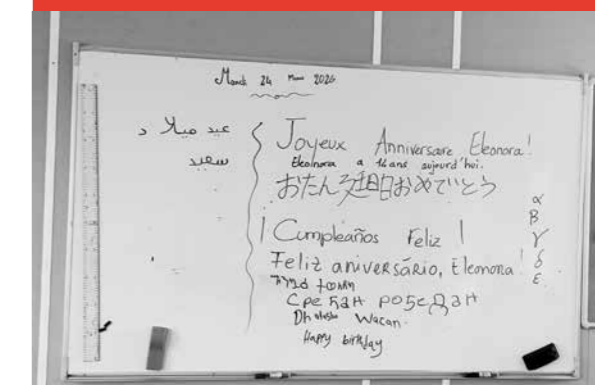
se inicia a aula sem que cada aluno/a fale um pouco de como se sente nesse dia – se está bem, se aconteceu algo que o/a tenha afetado, se precisa de ajuda da Professora ou de algum colega. Houve também uma aula em que se comemorou o aniversário de uma aluna e todos escreveram no quadro as felicitações na sua língua materna. Acredito que estes exemplos de prática interpessoal contribuíram para que a turma me aceitasse de braços abertos, sempre preocupada em fazer com que me integrasse, mesmo sabendo que estava de passagem.

O suporte emocional é fundamental para estes/as alunos/as não desistirem de ir a duas escolas no mesmo dia para aprender a língua do país que os acolheu. Ao longo da semana, constatei que esta relação de proximidade entre professor/a e alunos/as é pois, uma mais valia para melhores aprendizagens, expressas no verdadeiro sucesso educativo.

Adorei! A todos os envolvidos nesta experiência, só me resta dizer:

Merci bien!

“... não se inicia a aula sem que cada aluno/a fale um pouco de como se sente nesse dia.”



PROGRAMA Erasmus+

Escolas Sem Fronteiras: Tempo de abrir janelas para o mundo

Marina Martins Professora de Ciências Naturais e de Cidadania
Daniela Morais Professora de Filosofia e de Cidadania

Recentemente, o **Programa Erasmus+** levou-nos até à Islândia. No meio do gelo, do fogo e de uma cultura moldada pela solidariedade, tolerância e inclusão, descobrimos que *educar para a cidadania* exige muito mais do que transmitir conteúdos: requer sermos um modelo de boas práticas, vestirmos verdadeiramente a camisola da equipa global e, antes de tudo, mostrar a coragem e a humildade necessárias para aprendermos com o Outro.

Na Islândia, na escola Saemurdaskoli, há uma expressão que todos repetem como um mantra diário perante as dificuldades que surgem no dia a dia: *þetta reddast** – expressão traduzida para português como “no final, tudo se vai resolver”. Esta filosofia de vida, que remete para a resiliência, calma e otimismo e que vimos posta em prática nas salas de aula, nos corredores e nos gabinetes, moldou a nossa viagem (e, na verdade, a nossa vida também!) e é o maior ensinamento que trazemos de volta para casa, para a nossa família, para os/as nossos/as alunos/as e para toda a comunidade escolar.

Encontrámos uma escola que é o reflexo de uma sociedade que educa com base na liberdade individual e na responsabilidade coletiva, onde as crianças crescem autónomas, mas seguras e onde a confiança no próximo é inabalável. Uma cultura onde o civismo não se impõe com regras rígidas, mas constrói-se num orgulho partilhado em assegurar o bem comum e onde a valorização do essencial e o desapego ao consumo excessivo são valores fundamentais. Encontrámos uma escola onde o lema dita que, se estivermos confortáveis e nos sentirmos seguros, trabalhamos mais e aprendemos melhor: *Sim, andam todos descalços na escola! Sim, podem deitar-se no chão durante a aula! Sim, podem ouvir música, mascar pastilha e circular sem pedir autorização! Sim, podem escolher com quem querem trabalhar em cada tarefa e como querem ser avaliados em cada tema! Sim, têm bolas anti-stress na aula e fones anti-ruído que podem usar a qualquer momento! Sim, podem escolher parte das disciplinas que compõem o seu percurso escolar! Sim, têm sempre recreio no exterior, faça chuva ou faça chuva. Sim, o recreio não é vedado e o espaço para brincar é literalmente infinito! Sim, o foco está no que fazem bem e são premiados por isso, todos os dias! E sim, são o país mais feliz do mundo, e compreendemos perfeitamente porquê!*

Neste país de maravilhas naturais deslumbrantes, que tivemos também a oportunidade de conhecer, a dureza do clima ensinou-nos que ninguém sobrevive sozinho, que a entreaajuda é uma estratégia de vida natural e o sentido de comunidade está vivo em cada lugar.

Sentir a força da energia geotérmica e ver o respeito ancestral pelo ambiente, sagrado para os habitantes, molda a nossa forma de pensar o planeta. Trazer na bagagem a memória de um planeta vivo - o géiser

* pronuncia-se “thetta reddast”, com o “th” soprado como no inglês *thing*.



“... educar para a cidadania exige muito mais do que transmitir conteúdos: requer sermos um modelo de boas práticas...”



que pulsa, o solo que ferve, as cascatas infinitas, o arco-íris tangível, os vulcões adormecidos ou o recuo dos glaciares - transforma a ecologia descrita nos manuais escolares numa missão urgente para a sala de aula.

Testemunhar a imponente dança das estrelas do norte no céu da Islândia foi o reflexo da experiência transformadora que vivemos: a magia das auroras boreais recordou-nos que *Aurora* evoca o ato de brilhar e o romper de um novo dia, anunciando novos caminhos e novas formas de aprender e ensinar.

Regressamos por isso de coração cheio e com o olhar renovado. Não trouxemos apenas fotografias e lembranças de paisagens deslumbrantes, trouxemos histórias reais de tolerância, respeito pela natureza e pelos direitos humanos, igualdade de género e inclusão profunda.

Ensinar Cidadania e Desenvolvimento é, no fundo, “abrir as janelas da sala de aula” e preparar os/as nossos/as jovens para um mundo vasto, complexo e profundamente humano. Mais do que conteúdos, queremos transmitir aos/as alunos/as a força do *þetta reddast* ancorada na ideia de que “a sorte dá muito trabalho” e que apenas com uma vontade e esforço real para mudar o que não fazemos bem, poderemos melhorar.

Esta viagem pertence-nos e ficará para sempre na nossa memória, mas os frutos desta aprendizagem serão também, a partir de hoje, de cada um/a dos/as alunos/as que ajudamos a crescer, bem como de cada um/a dos/as colegas com quem partilhamos esta comunidade.

Um agradecimento especial e sincero à nossa equipa e coordenação do projeto Erasmus+. Foi o vosso empenho, trabalho de bastidores e dedicação à internacionalização do Colégio que tornaram possível esta viagem transformadora, cujos resultados começamos agora a colher juntos.

“... ‘abrir as janelas da sala de aula’ e preparar os nossos jovens para um mundo vasto, complexo e profundamente humano.”



PROGRAMA **Erasmus+** **Outdoor Learning: Formação Erasmus+, em Tenerife**

Sílvia Firmino Professora de Ciências Naturais



Uma sala de reuniões, inúmeros professores/as e uma proposta: “No próximo ano letivo [2025/2026] teremos a possibilidade de integrar o programa Erasmus+ destinado a professores”.

A ideia despertou imediatamente a minha curiosidade. Enquanto Professora de Ciências, acredito que a aprendizagem ganha significado quando ultrapassa os limites da sala de aula e se cruza com a observação do mundo real. Quando descobri a formação *Outdoor Learning*, em Tenerife, pareceu-me uma oportunidade única para aprofundar esta perspetiva e conhecer novas formas de ensinar através da exploração do meio envolvente.

Entre os dias 10 e 16 de maio, participei, assim, nesta ação de formação que reuniu professores da Grécia, da Polónia, da Eslovénia e da Croácia. Mais do que uma semana de aprendizagem, esta experiência representou uma oportunidade rara de dispor de algo que tantas vezes falta na vida de um/a professor/a: tempo.

Tempo para aprender. O curso permitiu explorar metodologias de aprendizagem em contexto exterior, refletindo sobre o potencial educativo dos espaços naturais e urbanos. Ao longo da semana, tivemos oportunidade de participar em atividades práticas, analisar estratégias pedagógicas centradas na observação e na experiência direta e discutir formas de tornar as aprendizagens mais significativas para os/as alunos/as.

Tempo para partilhar. A formação proporcionou momentos de diálogo sobre desafios comuns, práticas pedagógicas e realidades educativas distintas. A troca de experiências revelou-se uma das aprendizagens mais enriquecedoras da semana, permitindo conhecer novas perspetivas sobre o ensino e reforçando a dimensão europeia da educação.

Tempo para conhecer. Para além da componente formativa, a experiência incluiu atividades culturais que possibilitaram uma melhor compreensão da história, da cultura e da identidade de Tenerife. O contacto com uma realidade diferente, os percursos realizados na natureza e a observação da impressionante paisagem vulcânica da ilha contribuíram para uma aprendizagem que ultrapassou os limites da sala de formação.

As aprendizagens adquiridas apresentam um elevado potencial de aplicação na prática pedagógica. A valorização da observação direta, do trabalho de campo e da exploração do meio envolvente reforçou a convicção de que muitas das aprendizagens mais significativas acontecem quando os/as alunos/as têm a oportunidade de contactar com o mundo que os/as rodeia. Enquanto Professora de Ciências, esta experiência foi particularmente relevante, uma vez que permitiu aprofundar estratégias para aproximar os conteúdos curriculares do mundo que os/as alunos observam diariamente. Regressei com o sentimento de missão cumprida!

O programa Erasmus+ assume, neste contexto, um papel fundamental na formação contínua dos/as professores/as. Ao promover a mobilidade, a cooperação internacional e a partilha de boas práticas, contribui para o desenvolvimento profissional dos/as professores/as e para a inovação educativa. Mais do que uma formação, esta foi uma experiência de crescimento pessoal e profissional que reforçou a importância de continuar a aprender ao longo da vida.

Agora é colocar em prática aquilo que aprendi!



“A vertente prática da formação foi um dos pontos mais fortes, centrando-se no uso pedagógico de ferramentas inovadoras.”

A Inteligência Artificial e a Prática Pedagógica: Uma experiência de partilha em Palermo

Pedro Rosa Professor de Informática e de Robótica

No passado mês de abril, tive o privilégio de rumar à cidade de Palermo para, durante uma semana, participar na enriquecedora experiência do programa Erasmus+ e frequentar o curso *ChatGPT and AI for teachers: Artificial Intelligence in schools and education*. O programa reuniu professores/as de vários países europeus como Espanha, Irlanda, Alemanha, Estónia, Lituânia e Islândia, com o objetivo de explorar o impacto da Inteligência Artificial (IA) no ensino, procurando conhecer melhor como esta tecnologia pode transformar e melhorar os ambientes de aprendizagem em contexto escolar.

A IA já não é o futuro, é o presente. Toda a comunidade docente deve adaptar-se a esta nova realidade, aproveitando todo o seu potencial para enriquecer as aulas, tornando-as mais dinâmicas e criativas. O objetivo é criar conteúdos inovadores que façam a verdadeira diferença junto dos/as seus/suas alunos/as.

A vertente prática da formação foi um dos pontos mais fortes, centrando-se no uso pedagógico de ferramentas inovadoras. Aprendemos a trabalhar, entre outras, com plataformas como a *MagicSchool AI* e a *SchoolAI* para criar materiais didáticos personalizados, com o *Mizou* e o *Socrative* para dinamizar a avaliação formativa e com o *Study Mode* do *ChatGPT* e o design criativo do *Gamma App* para potenciar a otimização de conteúdos digitais. Estas ferramentas dotaram-nos de competências para promover o pensamento crítico e garantir uma utilização ética da tecnologia junto de cada aluno/a.

No que diz respeito à aplicação prática, o balanço é muito positivo. O conhecimento adquirido será direcionado para apoiar o percurso de cada aluno/a do Colégio, promovendo metodologias inovadoras, ativas e personalizadas. O objetivo passa agora por partilhar estas aprendizagens com os/as restantes docentes da nossa instituição, organizando momentos de colaboração para que também eles possam aplicar estas ferramentas no dia a dia das suas aulas.

Para além do trabalho em sala, houve também tempo para a vertente cultural, pois Palermo reúne cultura de diversas civilizações como poucos outros territórios no mundo. Um dos momentos mais marcantes foi a subida a pé ao Monte Pellegrino, que nos ofereceu uma vista fantástica e um contacto único com a natureza. Esta vivência complementou-se com a gastronomia siciliana, onde não faltaram as tradicionais pizzas e massas. A partilha de experiências com colegas de outras nacionalidades proporcionou também o intercâmbio cultural de cada país.

Em suma, a experiência em Palermo abriu novos horizontes na nossa abordagem ao ensino. Regresso com a certeza de que a Inteligência Artificial não substitui o papel do/a professor/a, mas atua como uma forte aliada na preparação da comunidade escolar para o futuro.

TEMPO PARA partilhar experiências

Tempo para Ser Professor: Colégio Valsassina acolhe estágio de observação

No âmbito do Projeto de Formação de Professores de Matemática em São Tomé e Príncipe (STP), promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) e pelo Ministério da Educação de STP, o Colégio Valsassina acolheu, durante duas semanas, dois professores sãotomenses para um estágio de observação de aulas. Esta experiência criou um tempo e espaço, que ultrapassou as urgências diárias das “planificações”, permitindo construir sentido através da presença, da escuta, da reflexão e do contacto com outras práticas pedagógicas.

A Formação de Professores em STP

Maria Hermínia Cabral. Diretora da FCG

A Fundação Calouste Gulbenkian tem uma parceria de décadas com os Países Africanos de Língua Portuguesa, com particular ênfase na formação e qualificação dos recursos humanos. Ao longo dos anos a metodologia de intervenção foi-se adaptando, em diálogo com diferentes atores dos países parceiros. Se durante vários anos o foco da cooperação da Fundação na área da Educação era o apoio e envolvimento em projetos de reforma e revisão curricular, atualmente, centra-se na área das Ciências Exatas, em particular na Matemática.

Esta intervenção surge como um contributo para melhorar os níveis de aprendizagem e de qualificações dos jovens daqueles países nas áreas CTEM, fundamentais para o desenvolvimento e para a integração na economia digital. Foram definidos dois objetivos: fomentar o gosto dos jovens pela disciplina e aumentar a oferta e o acesso à formação pós-graduada nesta área, procurando-se, assim, que os jovens optem por cursos nestes domínios e que os seus docentes melhorem as suas qualificações.

No caso de São Tomé e Príncipe, no período de 2019 a 2023 realizaram-se, com a colaboração da Sociedade Portuguesa de Matemática e a Sociedade São Tomense de Matemática, 5 edições dos Campos da Matemática Gulbenkian que acompanharam jovens do 9.º ao 12.º ano com classificações boas nesta disciplina. Com o objetivo de melhorar o desempenho dos professores e também, assim, fomentar o gosto dos jovens pela Matemática, em 2024, a Direção de Planeamento e Inovação Educativa de São Tomé e Príncipe desafiou a Fundação Calouste Gulbenkian para o apoio a um projeto de

formação de professores de Matemática do Ensino Secundário que assenta em 3 atividades: sessões *online* teóricas periódicas de atualização científica, sessões de formação inter pares em cada uma das escolas secundárias do país e um *bootcamp* no final do ano envolvendo todos os professores da disciplina do país. Este projeto tem contado com a participação ativa de Isabel Hormigo e de Joana Teles.

Os dois professores, Hernane Teixeira e Manuel Neto, que participaram em todas aquelas atividades, foram no final selecionados para a realização de um estágio em Portugal, repartido entre a Escola Secundária José Gomes Ferreira e o Colégio Valsassina.



Os Objetivos Pedagógicos

Isabel Hormigo. Professora cooperante da FCG

Este estágio, promovido pela FCG, pretendeu abrir caminhos de reflexão e inspiração para a melhoria da educação em STP. Num contexto insular, com desafios significativos no ensino da Matemática, a iniciativa procurou proporcionar um espaço de aprendizagem, partilha e análise crítica, favorecendo o diálogo pedagógico, a flexibilidade e a adaptação do ensino às necessidades dos/as alunos/as.

Num tempo em que aprender e ensinar são pressionados por ritmos, este estágio convida os participantes a desacelerar e a valorizar o tempo para pensar, duvidar, descobrir e construir. Ao acolher os professores, o Valsassina proporcionou-lhes sair do seu contexto e olhar para a prática com outra distância, outro ritmo e outras perguntas. Porque ser professor é também continuar a aprender, este tempo de pausa, reflexão e descoberta poderá traduzir-se em novas formas de ensinar, de envolver os alunos e de contribuir para a melhoria da educação em STP. Assim, a iniciativa afirma-se como um verdadeiro Tempo para Ser: ser professor, ser aprendiz, ser motor de mudança.

O Impacto em Quem Acolheu

Departamento de Matemática do 3.º Ciclo e do Ensino Secundário

Receber o Hernane e o Manuel nas nossas aulas para um período de observação e de partilha possibilitou conhecer diferentes realidades educativas e contextos de ensino. Destacamos os tempos de reflexão após cada aula, onde discutimos estratégias, partilhámos planos e analisámos abertamente conteúdos e metodologias. Esta troca de vivências e de materiais levou-nos a confrontar as diferenças entre os programas curriculares dos dois países. Foi relevante constatar que muitas práticas letivas são comuns a ambos os sistemas educativos, ao mesmo tempo que conhecemos diferentes abordagens de diferenciação pedagógica. Este processo, focado na busca contínua pela melhoria do ensino da Matemática, ajudou-nos a compreender melhor os desafios e as estratégias adotadas em países com realidades distintas, proporcionando-nos uma visão um pouco mais abrangente do Ensino da Matemática.

A Visão de Quem Observou

Manuel Neto. Professor (São Tomé e Príncipe)

Os resultados do estágio foram surpreendentes e positivos, especialmente as metodologias ativas do Colégio Valsassina. A forma como os/as alunos/as são incentivados desde muito cedo a serem autónomos é extraordinária e ajuda-os/as muito no seu percurso escolar. O acompanhamento do/a aluno/a pelo/a mesmo/a professor/a ao longo do Ciclo é diferenciador e benéfico pois cria conhecimento mútuo, proximidade e familiaridade – pretendendo implementar esta realidade na Direção da Escola de que faço parte. Notei uma enorme entrega e competência nos/as professores/as, excelente comportamento dos/as alunos/as em sala de aula e um clima de grande familiaridade também na Direção e pessoal não docente, o que – aliada à organização das dinâmicas escolares – garante o bom funcionamento da instituição. Gostaria que a minha Direção e o Colégio criassem laços de amizade para continuarmos a trocar experiências.



TEMPO PARA
celebrar

Viagem de Finalistas 9.º Ano: Barcelona 2026

Mafalda Pintão e Maria Évora 9.º A



Em abril de 2026, os/as alunos/as do 9.º ano partiram rumo a Barcelona para viver a tão aguardada viagem de finalistas. Foram dias especiais, repletos de emoções, de novas descobertas e de momentos inesquecíveis que ficarão guardados para sempre na memória de todos/as os/as que tiveram o privilégio de os partilhar.

Barcelona recebeu-nos de braços abertos e revelou-nos alguns dos seus mais fascinantes tesouros. Ficámos deslumbrados com a imponência da Sagrada Família, a obra-prima inacabada de Antoni Gaudí, e encantados com a criatividade e com as cores do *Parc Güell*, onde pudemos contemplar uma vista magnífica sobre a cidade. Passeámos pela animada *La Rambla*, mergulhámos na história e no encanto das ruas estreitas do Bairro Gótico e visitámos a deslumbrante Casa Batlló, onde a imaginação de Gaudí parece ganhar vida em cada detalhe.

Mas esta viagem foi muito mais do que monu-

mentos e visitas guiadas. Foi feita de conversas intermináveis, de fotografias improvisadas, de gargalhadas espontâneas e de momentos de pura partilha. No hotel, os pequenos-almoços apressados antes de mais um dia de aventuras, os jantares cheios de histórias para contar, as reuniões nos quartos, as confidências trocadas até tarde e as noites quase sem dormir transformaram-se em memórias preciosas, impossíveis de esquecer.

Entre os momentos mais emocionantes destacou-se a visita ao *PortAventura World*. Durante um dia inteiro, deixámo-nos contagiar pela adrenalina das montanhas-russas, pela magia dos espetáculos e pela alegria contagiante que se fazia sentir em cada atração. Entre gritos, desafios e muitas gargalhadas, reforçámos laços e criámos recordações que nos acompanharão para sempre.

Esta viagem representou o encerramento de uma etapa importante da nossa vida académica. Foi uma oportunidade para conhecer melhor a cultura espanhola, explorar locais históricos e artísticos de enorme riqueza e, acima de tudo, fortalecer amizades e construir novas cumplicidades.

No regresso a casa, trouxemos muito mais do que lembranças e fotografias. Trouxemos histórias para contar, saudades de momentos que passaram demasiado depressa e a certeza de que crescemos juntos nesta aventura. Porque há experiências que ficam registadas nos álbuns e outras que permanecem gravadas no coração. A viagem de finalistas a Barcelona foi, sem dúvida, uma delas: inesquecível, irrepetível e para sempre nossa.



Viagem de Finalistas 12.º Ano: Cabo Verde 2026

Finalistas do 12.º ano

Durante muitos anos ansiámos a chegada do dia em que nos pudéssemos intitular “Os Finalistas do Valsassina” e experienciar tudo o que vinha com este título. Ora, um dos momentos mais marcantes deste último ano no Colégio foi a mítica Viagem de Finalistas. No meio de muitos testes, apresentações e projetos, Cabo Verde sempre nos pareceu um horizonte distante; porém, veio muito mais rápido do que esperávamos. Tão rápido que muitos se viram, de um dia para o outro, nervosos porque ainda não tinham o passaporte feito. Mas, no final do dia, tudo correu bem e lá fomos nós. Embarcámos todos no avião que nos levou, muitos pela primeira vez, para outro continente.

Chegados à Ilha do Sal, a primeira coisa que ouvimos foi “Cabo Verde, *no stress*” e podemos dizer, com muito orgulho, que cumprimos fielmente esse mote. Foram dias de muita praia, piscina, dormir poucas horas à noite para garantir que ainda comíamos alguma coisa do pequeno almoço e ir logo de seguida para a praia passar umas vergonhas na dança das 11 da manhã. Tardes de muito movimento, de voleibol e de grandes escaldões. Já as noites foram feitas de canções nossas, trocas de quartos (cuidado, isto fica só entre nós, ninguém sabe), alçapões e voltas ao famoso triângulo das bermudas do hotel com os professores.

Esta mudança de paradigma, onde pudemos ver as mesmas caras que víamos todos os dias, mas agora noutra ambiente, foi uma bela forma de nos relacionarmos ainda mais. Se em Portugal vemos, inevitavelmente, uma certa divisão, em Cabo Verde presenciámos uma união entre todos. Os grupos juntaram-se, conhecemo-nos melhor uns aos outros, ajudámos, fomos ajudados e muito mais. Enfim, Cabo Verde trouxe-nos muitas memórias que vamos guardar durante muito tempo.

Agora, viajando um pouco, torna-se inevitável comparar esta ilha que nos acolheu tão calorosamente com a Ilha dos Amores, d’Os *Lusíadas*. A Ilha do Sal apareceu-nos quase no final do nosso percurso em jeito de recompensa por todo o nosso trabalho, tal como a Ilha dos Amores vai ao encontro dos marinheiros portugueses durante o regresso a Lisboa. Depois de passarmos por este longo caminho que foi o Valsassina, com os seus obstáculos e conquistas, a Direção decidiu presentear-nos com a possibilidade desta viagem. Mas que bela forma de nos recompensar! Falamos por todos quando agradecemos por estes dias.

Apesar de querermos, não nos vamos alongar mais, pois o que acontece em Cabo Verde fica em Cabo Verde. Despedimo-nos, então, com uma nostalgia de quem sabe que não poderá voltar a viver estes dias e admitimos a inveja dos que ainda vão passar por eles. Para estes deixamos um conselho final: aproveitem ao máximo!



TEMPO

para crescer

Finalistas 12.º ano

O final do ano letivo assinala também um momento muito especial: a despedida dos/as finalistas do 12.º ano, que agora encerram um ciclo no Colégio, a sua “segunda casa” ao longo de tanto tempo. Foram anos intensos, recheados de aprendizagens, de desafios e de conquistas, em que mostraram grande energia, curiosidade e capacidade de superação.

Para celebrar esse percurso único, reunimos no **Livro de Finalistas 2026** os testemunhos, reflexões e memórias dos/as alunos/as do 12.º ano. Partilhamos os textos dos alunos Vasco Martins e Gonçalo Silva, como forma de evocar a memória coletiva do percurso no Colégio.

“... redescobri-me enquanto pessoa, cimentando os meus conhecimentos e softskills para o contacto interpessoal.”

“Gosto de crescer”, escrevi no alto do meu 3.º ano, quando me pediram uma introdução pessoal. Passados quinze anos, continuo a senti-lo, mesmo que esse crescimento tenha sido tão natural, no Colégio, que quase passou despercebido.

Dos três anos, guardo o recreio, com os binóculos vermelhos e a horta que cultivámos, assim como o acompanhamento personalizado das minhas educadoras. Relembro ainda as minhas sessões de terapia que ajudaram a mais energética das crianças a transformar-se num jovem capaz de expressar as suas inúmeras ideias. As aulas de xadrez foram uma constante que marcou a minha transição para o 1.º Ciclo, cunhando-me, eternamente, como “Xadé”. Todas as manhãs, era, por excelência, o guarda-redes nas intensas “desafas”, custando-me vários joelhos esfolados e um punhado de óculos partidos. Com a entrada no 5.º ano, descobri o espaço-quinta do Colégio, sentindo a liberdade dos “furos” de sexta-feira à tarde. Passava os intervalos a defender a minha “glória” na mesa de pingpong, após intensas aulas de EVT, em que batalhava, ingloriamente, contra canetas de ponta fina. Com a entrada na adolescência, a pandemia deixou-me mais de um ano em casa, em aulas por videoconferência. Foi um período desafiante, mas que me fez valorizar o ensino presencial e as relações sociais do dia a dia.

Após voltar, num ápice, abeirava-me para o derradeiro estágio da minha jornada: ao ingressar no 10.º ano, percebi que a escolha por Economia não era só uma área, mas sim a decisão pela materialização antropológica do caos. Entre a pressão académica e a minha introversão nata, redescobri-me enquanto pessoa, cimentando os meus conhecimentos e softskills para o contacto interpessoal. Ressalvo ainda a minha experiência de voluntariado no CIJ, que culminou com as obras no presente ano, além da viagem cultural a Florença.

Gostava de deixar um profundo agradecimento à professora Daniela Louro, que lia os meus testamentos nos testes de História, à boa-disposição do senhor Santos e ao professor Marco António. Além do grande apoio na disciplina de Matemática, destaco a pedagogia do professor Nelson Gomes, nomeadamente com a iniciativa do coro natalício (e o seu regozijo a gravar-nos). Agradeço à professora Patrícia Rodrigues, que desenvolveu a veia artística inerte em mim, com a sua devoção única ao Português, cultivando-me o gosto pela sensibilidade poética na vida.

Cresci tanto neste lugar que, na cama de conforto que sempre foi, fiquei com os pés de fora, expostos à aragem dos desafios que se seguem. O Colégio será a almofada na qual me apoiarei para continuar a superar-me. Obrigado!

Vasco Martins 12.º 2B



Turma 12.º 1A



Turma 12.º 1B



Turma 12.º 2A



Turma 12.º 2B



Turma 12.º 3



Turma 12.º 4

Ao longo destes oito anos no Colégio Valsassina, fui construindo muito mais do que um percurso académico. Acima de tudo, fui construindo quem sou hoje. Entrei ainda com a curiosidade e aquela insegurança de quem está a começar uma nova etapa, sem imaginar o quanto este caminho me iria marcar.

Ser aluno Valsassina é viver diariamente um equilíbrio entre exigência e proximidade. É perceber que o rigor anda lado a lado com a empatia e que o verdadeiro crescimento acontece quando somos desafiados a ir mais além. Aqui, aprendi a pensar de forma crítica, a organizar o meu trabalho, a lidar com dificuldades e a valorizar o esforço como parte essencial de qualquer conquista.

Mas o que realmente torna estes anos inesquecíveis são as pessoas. Os colegas tornaram-se mais do que companheiros de turma, tornaram-se, muitos deles, amigos para a vida com quem protagonizei momentos inesperados. Foram eles que deram cor aos dias mais stressantes e tornaram cada passo o mais especial. Entre trabalhos de grupo, conversas nos intervalos e momentos de descontração, criámos memórias que levarei comigo para sempre.

A relação próxima com os professores é uma das marcas do percurso académico no Colégio. Mais do que transmitir conhecimentos, procuraram sempre conhecer-nos enquanto pessoas, apoiar-nos e incentivar-nos a dar o nosso melhor. Houve exigência, mas também compreensão, disponibilidade e uma proximidade que fez toda a diferença ao longo destes anos.

Também os funcionários tiveram um papel importante, muitas vezes discreto, mas essencial, contribuindo para que o Colégio fosse um espaço acolhedor e familiar. No meu caso, destaco pessoas como o Sr. Joaquim e Sr. Pedro, com quem fui falando várias vezes e que acabaram por presenciar o meu crescimento enquanto pessoa e enquanto aluno.

Se há algo que estes sete anos me ensinaram é que crescer não é apenas adquirir conhecimento, mas também aprender a ser mais responsável, mais resiliente e mais consciente, no fundo valores que refletem o que nos é ensinado desde que entramos.

Saio do Valsassina com um profundo sentimento de gratidão e orgulho por tudo o que vivi ao longo destes anos. Levo comigo não só as aprendizagens académicas, mas também os valores, as amizades e as experiências que me marcaram e que continuarão a acompanhar-me no futuro. Mais do que um Colégio, foi o sítio onde cresci, aprendi, errei e evoluí. Terá sempre um lugar especial na minha vida.

Gonçalo Silva 12.º 3

“Ser aluno Valsassina é viver diariamente um equilíbrio entre exigência e proximidade. É perceber que o rigor anda lado a lado com a empatia e que o verdadeiro crescimento acontece quando somos desafiados a ir mais além.”

Quadro de Honra 2.º Período 2025/2026

Do Quadro de Honra fazem parte os/as alunos/as que, no final de cada período, apresentem excelentes resultados escolares (média de 5 no Ensino Básico e de 17 valores no Ensino Secundário), quer no domínio curricular, quer no domínio dos complementos curriculares. Devem apresentar também um bom comportamento.

5.º ANO		
6459	Rafael Domingos	5.º A
6473	Maria Vasques	5.º A
6529	Catarina Carneiro	5.º A
6816	Catarina Gomes	5.º A
7807	Maria Tiago	5.º A
7843	Gonçalo Ribeiro	5.º A
7889	Maria Lourenço	5.º A
7957	Duarte Alpoim	5.º A
6478	Maria Alvim	5.º B
6484	Vasco Dias	5.º B
6491	Alice Gonçalves	5.º B
6518	José Medeiros	5.º B
6539	Mariana Botton	5.º B
6715	José Canaveira	5.º B
6941	Vera Pinheiro	5.º B
7813	David Antunes	5.º B
6445	Francisco Henriques	5.º C
6463	Luísa Pereira	5.º C
6495	Afonso Rosa	5.º C
6503	Tomás Pinto	5.º C
6507	Júlia Afonso	5.º C
6550	Maria Lemos	5.º C
6618	Mariana Lemos	5.º C
6897	Pedro Fernandes	5.º C
7806	Gabriela Frias	5.º C
7820	Rita Castilho	5.º C
7854	Samuel Pereira	5.º C
7861	Manuela Cardoso	5.º C
7898	Maria Dias	5.º C
7956	Maria Alpoim	5.º C
6439	Tomás Ribeiro	5.º D
6444	Sofia Rodrigues	5.º D
6458	Manuel Gil	5.º D
6504	Madalena van Zeller	5.º D
6511	Sofia Aguiar	5.º D
6525	Francisca Henriques	5.º D
7063	Isabel Almeida	5.º D
7358	Carolina Medina	5.º D
7822	João Ribeiro	5.º D
7947	Arya Dolatrai	5.º D

6.º ANO		
6241	Maria Martins	6.º A
6369	Vasco Almeida	6.º A
7645	Gabriel Pereira	6.º A
7646	Joana Rosa	6.º A
6237	Duarte Moreira	6.º B
6288	Rafael Pinto	6.º B
6362	Alice Brito	6.º B
6552	Vicente Medeira	6.º B
6682	Madalena Falcão	6.º B
7695	Pedro Guidi	6.º B
6209	Madalena Faria	6.º C
6306	Manuel Xavier	6.º C
6648	Sofia Gonçalves	6.º C
6881	Leonor Venâncio	6.º C
7681	Mateus Silva	6.º C
7774	Vicente Martinho	6.º C
6202	Francisco Caldeira	6.º D
6299	Aurora Santos	6.º D
6394	Camila Ângelo	6.º D
6570	Leonor Coelho	6.º D
7622	Bianca Vasconcelos	6.º D
7626	Joana Fernandes	6.º D
7793	Francisca Santos	6.º D
7.º ANO		
5967	António Nunes	7.º A
6027	Teresa Sottomayor	7.º A
6009	Bernardo Rodrigues	7.º B
7454	Miguel Maia	7.º B
7924	Matilde Louro	7.º B
6035	Gonçalo Ornelas	7.º C
6049	Francisco Machado	7.º C
7588	Beatriz Martins	7.º C
6050	José Machado	7.º D
6133	Maria Sousa	7.º D
6134	Pilar Moreira	7.º D
6304	Pedro Belo	7.º D
6341	Maria Gouveia	7.º D
6866	Maria Henriques	7.º D
7431	Francisco Poiares	7.º D
7446	Dinis Tiago	7.º D

7964	António Lourenço	7.º D
8.º ANO		
5749	Teresa Afonso	8.º A
5764	Carolina Domingos	8.º A
5773	Tomás Moreira	8.º A
5799	Gustavo Baltazar	8.º A
5823	Matilde Rocha	8.º A
5846	Diana Marques	8.º A
7046	Maria Felizardo	8.º A
5760	Margarida Dias	8.º B
5878	Rodrigo Garcia	8.º B
6142	Sara Salpico	8.º B
7116	Maria Aleluia	8.º B
7259	Tiago Torgal	8.º B
7382	Filipa Batista	8.º B
5775	Teresa Cintra	8.º C
5795	Clara Martinez	8.º C
6013	Leonor Santos	8.º C
6374	António Palma	8.º C
7250	Mia Correia	8.º C
5746	Benedita Pires	8.º D
6451	Maria Fernandes	8.º D
6574	Vitória Wu	8.º D
7254	Guilherme Baptista	8.º D
7304	Francisco Medina	8.º D
7737	Rosarinho Sinde	8.º D
7765	Francisco Prata	8.º D
9.º ANO		
5560	Olivia Videira	9.º A
5576	André Cruz	9.º A
5581	Filipe Paixão	9.º A
5762	Maria Évora	9.º A
6020	Matilde Sousa	9.º A
6310	Francisca Almeida	9.º A
7066	Maria Ruivo	9.º A
7115	Maria Capitão	9.º A
5519	Constança Valério	9.º B
5586	Maria Batalha	9.º B
5619	Madalena Paiva	9.º B
5647	Constança Valente	9.º B
6543	Carolina Esteves	9.º B

6863	Leonor Silva	9.º B
7020	Lueji Tomás	9.º B
7042	Catarina Ferreira	9.º B
7051	Inês Ferreira	9.º B
7148	Nicole Pereira	9.º B
5534	Inês Lameira	9.º C
5539	Mariana Fernandes	9.º C
7018	Maria Costa	9.º C
7032	Júlia Ribeiro	9.º C
7107	Inês Franco	9.º C
7124	Rita Marques	9.º C
7587	Maria Silva	9.º C
5531	Leonor Ferreira	9.º D
5594	Rita Resende	9.º D
5596	Mariana Gomes	9.º D
5607	Madalena Caetano	9.º D
5757	Martim Canas	9.º D
5809	António Mendes	9.º D
6195	Sara Silva	9.º D
6238	Sofia Amador	9.º D
7324	Tiago Colen	9.º D
7559	Guilherme Machado	9.º D
7969	Inês Rocha	9.º D
10.º ANO		
5383	Leonor Alves	10.º 1A
5390	João Monteiro	10.º 1A
5396	Alice Gomes	10.º 1A
5446	Afonso Bouça	10.º 1A
5833	Tomás Alves	10.º 1A
5951	Yuer Zhou	10.º 1A
5961	Helena Valente	10.º 1A
6051	Mariana Mata	10.º 1A
6370	Isabel Sampol	10.º 1A
6885	Mariana Piedade	10.º 1A
7166	Carolina Silva	10.º 1A
5379	Inês Silva	10.º 1B
5404	Diogo Abreu	10.º 1B
5424	Maria Santana	10.º 1B
6569	Joana Coelho	10.º 1B
6847	Ana Borba	10.º 1B
6882	Maria Venâncio	10.º 1B
7922	Lucas Kisslinger	10.º 1B
5373	Tomás Serrão	10.º 2A
5415	Leonor Gomes	10.º 2A
5549	Francisca Rosa	10.º 2A
6137	Mónica Wu	10.º 2A
6840	Carlota Vasconcelos	10.º 2A
6842	Matilde Baptista	10.º 2A
6959	Mariana Costa	10.º 2A
7308	Vasco Bagina	10.º 2A
5402	Pedro Nunes	10.º 2B
5622	Santiago Becker	10.º 2B

6848	Bento Borba	10.º 2B
5416	Flor Ferreira	10.º 3
7043	João Felizardo	10.º 3
7575	Julia Cardoso	10.º 3
11.º ANO		
5287	Duarte Baltazar	11.º 1A
5295	João Rodrigues	11.º 1A
5310	Matilde Pinto	11.º 1A
5462	Duarte Mendes	11.º 1A
5671	Maria Carvalho	11.º 1A
5712	Rodrigo Pissarra	11.º 1A
5713	Mateus Silva	11.º 1A
6664	Francisco Bailão	11.º 1A
7720	Beatriz Neves	11.º 1A
7730	Valéria Ferreira	11.º 1A
7741	Pedro Branco	11.º 1A
5297	Afonso Ferreira	11.º 1B
6680	Vasco Silvestre	11.º 1B
7735	Rodrigo Cunha	11.º 1B
5259	Inês Ferreira	11.º 1C
5260	Daniel Marques	11.º 1C
5267	Vasco Jesus	11.º 1C
5271	Lourenço Dourdil	11.º 1C
5274	Miguel Zlotnikov	11.º 1C
5276	Alex Xu	11.º 1C
5280	Catarina Mesquita	11.º 1C
5320	Joana Parreira	11.º 1C
5561	André Enes	11.º 1C
5803	Manuel Silva	11.º 1C
6698	Frederico Brehm	11.º 1C
6990	Gabriel Pombal	11.º 1C
7385	Tomás Ministro	11.º 1C
7726	Rodrigo Paradinha	11.º 1C
7732	Gustavo Ferreira	11.º 1C
5252	Matilde Ricardo	11.º 2
5256	Henrique Ferreira	11.º 2
5279	Catarina Mestre	11.º 2
6365	Diana Marques	11.º 2
6412	Maria Matias	11.º 2
6632	Tomás Folque	11.º 2
6720	Afonso Ribeiro	11.º 2
7193	Gonçalo Fernandes	11.º 2
7727	Inês Santos	11.º 2
7731	Diogo Martins	11.º 2
7736	Mariana Silva	11.º 2
7719	Mariana Diniz	11.º 3
7796	Pedro Rocha	11.º 3
5444	Leonor Neves	11.º 4
6783	Maria Pereira	11.º 4
12.º ANO		
5068	Tomás Mateus	12.º 1A
5115	João Claudino	12.º 1A

5129	Leonor Santana	12.º 1A
5208	João Neves	12.º 1A
5220	Sofia Fernandes	12.º 1A
5339	Madalena Cunha	12.º 1A
5831	Vasco Isidoro	12.º 1A
6375	Rita Braz	12.º 1A
6460	Sofia Carvalho	12.º 1A
6477	Tiago Rodrigues	12.º 1A
6509	Sofia Costa	12.º 1A
6901	Simão Pignatelli	12.º 1A
7117	Madalena Aleluia	12.º 1A
7527	Lucas Drago	12.º 1A
7589	Madalena Leonardo	12.º 1A
7605	Luana Cruz	12.º 1A
5114	Henrique Macedo	12.º 1B
5213	Tomás Limede	12.º 1B
5529	Marta Santos	12.º 1B
5931	Vicente Loureiro	12.º 1B
6441	Diogo Silva	12.º 1B
7396	Filipe Campos	12.º 1B
5086	Alexandre Guerra	12.º 2A
5090	Sara Rau	12.º 2A
5091	Inês Quental	12.º 2A
5122	José Rocha	12.º 2A
5127	Guilherme Taborda	12.º 2A
5278	Manuel Félix	12.º 2A
5463	Manuel Mendes	12.º 2A
5942	Raquel Ferreira	12.º 2A
6452	Martim Cabral	12.º 2A
6505	Madalena Rosário	12.º 2A
6798	Filipe Gama	12.º 2A
7196	David Matos	12.º 2A
7537	Vasco Veríssimo	12.º 2A
5065	Alexandre Carvalho	12.º 2B
5084	Vasco Martins	12.º 2B
5690	Cathy Zheng	12.º 2B
6435	Maria Ferreira	12.º 2B
7155	Guilherme Duarte	12.º 2B
7607	Maria Leitão	12.º 2B
5070	Maria Lopes	12.º 3
5094	Manuel Varandas	12.º 3
6447	Marta Ribeiro	12.º 3
6670	Manuel Gaspar	12.º 3
7413	Clara Guedes	12.º 3
7540	Leonor Louro	12.º 3
7742	Ana Sá	12.º 3
5106	Rita Machado	12.º 4
7346	Sofia Briosa	12.º 4
7529	Margarida Couto	12.º 4

COLÉGIO EM AÇÃO **Muito Além dos Resultados**

Elsa Braz Coordenadora da Academia de Desporto e Coordenadora na Direção Pedagógica

Quando o ano letivo chega ao fim, é inevitável recordar os torneios, as exibições, os encontros e os desafios que marcaram os últimos meses. Contudo, a verdadeira importância destas experiências não se encontra apenas nos resultados alcançados, mas em tudo aquilo que os alunos aprenderam durante este percurso.

Ao longo do ano, centenas de alunos/as participaram nas diversas atividades desportivas do Colégio. Uns descobriram novas modalidades, outros aperfeiçoaram competências já adquiridas, mas todos tiveram a oportunidade de crescer através do desporto.

Cada treino, cada competição e cada apresentação foram momentos de aprendizagem. Aprendeu-se a trabalhar em equipa, a respeitar regras, a lidar com vitórias e derrotas, a persistir perante as dificuldades e a assumir responsabilidades. Competências que ultrapassam o contexto desportivo e contribuem para a formação integral dos/as nossos/as alunos/as.

Muito além dos resultados, encontramos um percurso marcado pelo esforço, pelo compromisso e pelo crescimento. Um percurso feito de desafios aceites, dificuldades superadas, trabalho em equipa e competências desenvolvidas que acompanharão os/as alunos/as muito para além do contexto desportivo.

Independentemente da modalidade praticada, houve algo que uniu todas estas experiências: a vontade de aprender, evoluir e dar o melhor de si. Esse é o verdadeiro sucesso do desporto escolar.

Ao encerrarmos mais um ano letivo, celebramos não apenas as atividades realizadas, mas sobretudo os/as alunos/as que lhes deram vida. Porque o maior resultado alcançado não se encontra em medalhas, troféus ou classificações. Encontra-se no crescimento de cada criança e de cada jovem que, ao longo deste ano, encontrou no desporto uma oportunidade para aprender mais sobre si próprio e sobre os outros.

E essa será sempre a maior conquista.





“Pedalar para o Colégio é, assim, muito mais do que uma forma de transporte: é uma oportunidade de aprender, de partilhar experiências e de construir um futuro melhor.”

O Colégio Valsassina integrou este ano o projeto “Comboio de Bicicletas”, uma iniciativa promovida pela Câmara Municipal de Lisboa que incentiva a mobilidade sustentável e os hábitos de vida saudáveis entre os/as mais jovens.

O projeto consiste na realização de percursos de bicicleta para a escola através de rotas previamente definidas e acompanhadas, permitindo que os/as alunos/as se desloquem para o Colégio de forma segura, divertida e ecológica. A adesão à iniciativa superou as expectativas, contando já com mais de 20 alunos/as participantes neste primeiro ano.

O sucesso do projeto levou à criação de duas rotas distintas, permitindo abranger um maior número de famílias e facilitar a participação de alunos/as provenientes de diferentes zonas da cidade. Destinado aos/as alunos/as do 1.º e 2.º Ciclos, o Comboio de Bicicletas tem-se revelado uma experiência enriquecedora, tanto a nível educativo como pessoal.

Para além de desenvolverem competências relacionadas com a utilização segura da bicicleta e as regras de circulação, os/as participantes trabalham valores e competências fundamentais para o seu crescimento. Através desta experiência, os/as alunos/as reforçam a sua consciência ambiental e compreendem a importância da sustentabilidade nas escolhas do dia a dia. Simultaneamente, desenvolvem a resiliência, ao enfrentarem os desafios do percurso, e a cooperação, ao integram um grupo que se apoia mutuamente ao longo do trajeto.

A segurança é também uma prioridade desta iniciativa. Para além do acompanhamento ao longo dos percursos e do cumprimento das regras de circulação, todos os alunos e alunas participantes beneficiam de um seguro específico disponibilizado pela Câmara Municipal de Lisboa, garantindo uma proteção adicional às famílias e reforçando a confiança no projeto.

O Comboio de Bicicletas demonstra que pequenas mudanças nos hábitos diários podem ter um impacto significativo na qualidade de vida e no ambiente. O entusiasmo dos/as alunos/as e das famílias mostra que esta é uma iniciativa com potencial para continuar a crescer nos próximos anos, contribuindo para uma comunidade escolar mais saudável, sustentável e unida.

Dado o sucesso alcançado neste primeiro ano, a iniciativa terá continuidade no próximo ano letivo. A divulgação e o convite à participação serão realizados pelos/as coordenadores/as dos diferentes Ciclos, permitindo que mais alunos/as e famílias possam conhecer o projeto e integrar esta experiência de mobilidade ativa e sustentável.

Pedalar para o Colégio é, assim, muito mais do que uma forma de transporte: é uma oportunidade de aprender, de partilhar experiências e de construir um futuro melhor.

Tumbling Estreia-se no Colégio Valsassina com Resultados de Destaque

Eduardo Mendes. Professor de Educação Física

O presente ano letivo marcou o início de um novo projeto nas Academia de Desporto do Colégio Valsassina: a introdução do Tumbling, uma especialidade integrada na Ginástica de Trampolins.

Neste primeiro ano de implementação, foram lançadas as bases para o desenvolvimento da modalidade, contando com a participação de sete alunos/as. Sob a orientação do treinador Eduardo Mendes, com a colaboração do Professor Ruben Esteves, os/as alunos/as iniciaram o seu percurso nesta disciplina, desenvolvendo progressivamente as competências técnicas e desportivas necessárias à prática da modalidade.

Após os primeiros meses de treino e de aprendizagem, o grupo teve a oportunidade de participar na sua primeira competição oficial, o Campeonato Distrital de Tumbling.

A estreia competitiva revelou-se bastante positiva. A **equipa feminina** alcançou um excelente **3.º lugar** por equipas e o aluno **Rodrigo Barreto** conquistou o **2.º lugar** do pódio na sua categoria. Para além destes resultados de destaque, todos/as os/as alunos/as da equipa garantiram o apuramento para o Campeonato Nacional de Tumbling, um feito que ultrapassou as expectativas definidas no início do ano e que constituiu um motivo de grande orgulho para os treinadores.

A participação no Campeonato Nacional de Tumbling teve um importante caráter formativo, proporcionando a todos/as os/as participantes uma oportunidade única de aprendizagem, de crescimento e de contacto com um contexto competitivo de elevado nível.

Todos/as os/as alunos/as estão de parabéns

pelo empenho, pela dedicação e pela prestação demonstrados ao longo da época. Mais do que os resultados alcançados, importa destacar o desenvolvimento de competências fundamentais associadas ao desporto e à competição, como a superação pessoal, a resiliência, o espírito de equipa, a responsabilidade e a capacidade de trabalho.

O balanço desta primeira época é extremamente positivo e abre portas para o crescimento do projeto. No próximo ano letivo, a atividade de Tumbling terá continuidade no Colégio Valsassina, com o objetivo de alargar a participação a um maior número de alunos/as e de introduzir novas especialidades da Ginástica de Trampolins, proporcionando mais oportunidades de desenvolvimento desportivo e pessoal aos nossos alunos e alunas.

Estamos certos de que este é apenas o início de um percurso promissor para a modalidade no Colégio Valsassina.



Alunos do Valsassina em Ação nas Provas Mega Sprint e Mega Km

No passado dia 2 de março, a pista do Estádio 1.º de Maio, em Lisboa, recebeu a energia e a determinação dos/as nossos/as alunos/as, que participaram nas provas Mega Sprint e Mega Km, uma iniciativa promovida pela Coordenação do Desporto Escolar de Lisboa, em parceria com a Federação Portuguesa de Atletismo e a Fundação INATEL.

Entre velocidade e resistência, os/as alunos/as enfrentaram cada desafio com garra, colocando à

prova não só a sua preparação física, mas também o espírito de superação e a paixão pelo desporto. Ao longo da competição, destacaram-se pela atitude exemplar, pelo *fair play* e pela motivação constante dentro e fora da pista.

Mais do que os resultados alcançados, ficou evidente o orgulho com que representaram o Colégio, demonstrando união, dedicação e entusiasmo num ambiente marcado pela convivência e pelo incentivo à prática desportiva.

ACONTECEU



"Os Lusíadas como nunca os ouviu", pelo ator António Fonseca 9.º ano

No dia 25 de março de 2026, os/as alunos/as do 9.º ano do Colégio Valsassina tiveram a oportunidade de assistir à envolvente sessão «Os Lusíadas como nunca os ouviu – de Lisboa à Índia», dinamizada pelo ator António Fonseca.

Num registo cativante e próximo dos/as alunos/as, o ator deu nova vida à obra de Luís de Camões, cruzando a declamação de estâncias memorizadas com momentos de recriação bem-humorada e atualizada. Ao longo da sessão, os /as alunos/as foram também desafiados/as a participar ativamente, respondendo a questões sobre a obra colocadas pelo ator, o que tornou a experiência ainda mais dinâmica e envolvente.

Ao longo da sessão, revisitaram a histórica viagem de Vasco da Gama até à Índia, embarcando numa narrativa viva que aproximou a epopeia do seu universo.



Alunos do Valsassina premiados no Congresso Nacional Cientistas em Ação

Promovido pelo Centro Ciência Viva de Estremoz, o Congresso Nacional Cientistas em Ação pretende valorizar as atividades experimentais realizadas nas escolas, desde o 1.º Ciclo do Ensino Básico até ao Ensino Secundário.

Pretende-se promover o espírito crítico e científico através da realização de projetos em que o ensino experimental das ciências constitui uma prioridade, fortalecendo o contacto e a troca de ideias e experiências entre alunos do Ensino Básico e do Ensino Secundário, professores e cientistas. Este congresso permite também promover a divulgação e a comunicação da cultura científica e tecnológica

A edição de 2026 deste congresso realizou-se entre 16 e 18 de abril, nas instalações do Centro Ciência Viva de Estremoz.

O Colégio esteve representado com 12 trabalhos no 1.º Ciclo e com 2 projetos científicos no Ensino Secundário. Foram premiados os projetos

1.º Ciclo

- 1.º Lugar: "Detetives dos decibéis". Turma 3.º B, sob a coordenação da professora Andreia Cortes
- Menção Honrosa: "Gastronomia molecular". Turma 2.º C, sob a coordenação da professora Andreia Gonçalves
- Menção Honrosa: "Crescer, transformar, voar. A magia da metamorfose". Turma 1.º B, sob a coordenação de: Sofia Araújo (professora titular) e Camila Sousa (coordenadora da Biblioteca)

Ensino Secundário

- 1.º Lugar: "Desenvolvimento de um Biossensor Aquático Alimentado por uma Célula de Combustível de Etanol para Detecção em Tempo Real de Tetraciclinas". João Núncio, Rita Braz e Sofia Costa. Turma 12.º 1A, sob a coordenação do professor João Gomes
- Menção Honrosa: "Parafuso reabsorvível, piezoelétrico e osteoindutivo". Leonor Santana e Madalena Cunha. Turma 12.º 1A, sob a coordenação do professor João Gomes

22 de abril, Dia da Terra 2026

No Colégio Valsassina, o Dia da Terra foi vivido com as mãos na terra e os olhos no futuro. Entre 20 e 24 de abril, a Quinta do Valsassina foi um espaço de descoberta, onde cada atividade aproximou os/as alunos/as da natureza. Entre hortas, favas e árvores apadrinhadas, os/as mais novos/as aprenderam que cuidar do planeta começa em gestos simples. No dia 22 de abril, a energia foi contagiante: plantaram, observaram aves, ouviram histórias sobre biodiversidade e exploraram a natureza através da Arte e da Ciência. Houve também lugar para criar e saborear, desde oficinas de pão e receitas com favas ao lançamento do azeite "Quinta das Teresinhas". Cada momento reforçou a ligação à terra e à comunidade.



Sessões "Bichos à Solta"

Entre 15 e 23 de abril, a disciplina de Cidadania convocou os/as alunos/as para uma experiência diferente e envolvente. No âmbito do tema Bem-Estar Animal, os/as alunos/as do 6.º ano participaram na atividade "Bichos à Solta", dinamizada pela Casa dos Animais da Câmara Municipal de Lisboa.

Esta iniciativa teve como principal objetivo sensibilizar para questões essenciais como o bem-estar animal, a saúde pública, o abandono e a adoção responsável. Ao longo das sessões os/as alunos/as aprenderam, de forma prática e interativa, a importância de respeitar os animais e de assumir um papel ativo na comunidade.

Cada aluno/a saiu com a certeza de que pequenos gestos podem mudar vidas. Ficou a mensagem: cuidar, proteger e nunca ficar indiferente.



Feira das Universidades do Valsassina

No dia 23 de abril realizou-se a Feira das Universidades do Valsassina 2026, organizada por um grupo de 14 alunos/as do 12.º ano. O evento contou com a participação de mais de 28 instituições de Ensino Superior, que apresentaram a sua oferta formativa e esclareceram dúvidas dos/as alunos/as.

A Feira envolveu alunos/as do 9.º ao 12.º ano, sendo especialmente relevante para os/as finalistas, que se encontram em fase de decisão sobre o seu futuro académico.

Paralelamente à Feira, todos/as os/as alunos/as tiveram a oportunidade de se inscreverem em palestras temáticas (Artes, Saúde, Psicologia, Engenharia, Hotelaria e Economia) onde algumas universidades/faculdades apresentaram mais em detalhe a sua oferta académica, contribuindo assim para uma escolha mais informada por parte dos/as estudantes.

Um agradecimento especial a todas as instituições que colaboraram com o Colégio nesta atividade.

O nosso reconhecimento e forte agradecimento à equipa de organização da Feira das Universidades 2026, pela iniciativa e qualidade das dinâmicas, constituída pelos/as alunos/as do 12.º ano: Ana Sofia Sá, Catarina Correia, Filipe Gama, Francisco Aguiar, Henrique Macedo, João Claudino, João Neves, Madalena Cunha, Manuel Gaspar, Marta Santos, Sofia Briosa, Vasco Martins, Vasco Veríssimo.

9.º Ano no Castelo de S. Jorge: Entre o cómico e a crítica de Gil Vicente

Os/as alunos/as do 9.º ano do Colégio Valsassina trocaram as salas de aula pelas muralhas do Castelo de São Jorge, para uma aula de Português inesquecível.

No emblemático monumento onde o próprio Gil Vicente viveu e apresentou as suas primeiras obras, os nossos alunos e alunas assistiram à representação do 'Auto da Barca do Inferno', pela companhia Ar de Filmes/Teatro do Bairro.

Ridendo Castigat Mores. Mais do que uma simples peça de teatro, esta visita de estudo permitiu aos alunos mergulharem na sátira vicentina através da máxima latina "Ridendo Castigat Mores" (Rindo, se corrigem os costumes).

Num cenário que respira história, a crítica social do século XVI revelou-se surpreendentemente atual, desafiando os jovens a refletir sobre a ética e os valores da nossa própria sociedade.

Uma viagem às origens. A escolha do local não foi por acaso. A ligação histórica entre Gil Vicente e o Castelo de São Jorge proporcionou uma experiência imersiva, transformando o texto literário numa vivência palpável. Entre o Anjo e o Diabo, entre o riso e a reflexão, os nossos alunos puderam ver de perto como o teatro clássico continua a ser uma ferramenta poderosa de intervenção social.





Alunos do 6.º ano visitaram o Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas

No âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal, os/as alunos/as do 6.º ano participaram numa visita orientada ao Núcleo Museológico do Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas (MFA), localizado no Quartel da Pontinha, um dos espaços mais emblemáticos da Revolução de 25 de Abril de 1974.

Sob o mote “Um olhar sobre o 25 de Abril: dos antecedentes à revolução”, os/as alunos/as foram convidados/as a descobrirem e a compreenderem os acontecimentos que conduziram ao fim do Estado Novo e à conquista da democracia em Portugal, observando de perto o ambiente vivido pelos/as protagonistas.

A atividade permitiu relacionar os conteúdos abordados em sala de aula com o espaço físico onde a História aconteceu, promovendo uma aprendizagem mais significativa e envolvente. Além de consolidarem os conhecimentos sobre a História de Portugal contemporânea, os/as alunos/as refletiram sobre a importância da Liberdade, da Democracia e da participação cívica.

Foi uma atividade inesquecível que contribuiu para a valorização da memória coletiva e para a compreensão do significado do 25 de Abril enquanto marco fundamental da sociedade portuguesa.

II Dia da Música

16 de Maio de 2026 será para sempre recordado como o dia...

Da leveza.

Da Música em cada canto.

Da criatividade musical.

Da partilha.

Do bom gosto musical.

Do encontro.

Da vivacidade.

Da cooperação.

Da entrega.

Do trabalho de equipa.

O dia onde os valores se encontram e se transformam em melodia ou harmonia, ritmo ou cânone.

Maio Solidário

O mês de maio ficou marcado por uma intensa mobilização solidária da comunidade Valsassina, que participou em diversas iniciativas de voluntariado e apoio social. Entre as ações realizadas, destacou-se a campanha de recolha de bens para a instituição Apoio à Vida, permitindo reunir produtos essenciais para bebés de famílias em situação de vulnerabilidade. Associámo-nos à Operação Nariz Vermelho, contribuindo para a continuidade da missão dos Doutores Palhaços junto de crianças hospitalizadas. Apoiámos a *Make-A-Wish*, colaborámos no peditório nacional da Fundação Portuguesa de Cardiologia e na campanha Pirilampo Mágico, reforçando o compromisso com a inclusão de pessoas com deficiência.

A solidariedade estendeu-se também ao bem-estar animal, através do apoio à Missão SOS Animal, e culminou, no dia 31 de maio, com a participação de alunos/as, professores/as, pais e colaboradores/as na Campanha do Banco Alimentar, em Lisboa.

O sucesso destas iniciativas realça o espírito de entreajuda e de cidadania da comunidade Valsassina. A todos/as os/as participantes, o nosso agradecimento.

Espectáculo Teatral Camoinz Hépyco-Lyrico

No dia 2 de junho, a disciplina de Português convocou os/as alunos/as do 10.º ano a participar no espectáculo *Camoinz Hépyco-Lyrico*, da autoria de Gustavo Rubim, com os atores Simão Rubim e João Marta. Esta peça de teatro pretende dar a conhecer, e a relembrar, a obra de Luís de Camões, tanto na sua vertente lírica quanto épica. Brincando com a atualidade, Camões, agora feito personagem, integra uma conversa com um amigo, em que um é símbolo da antiguidade, e outro símbolo do contemporâneo, num diálogo que atravessa, com naturalidade, poemas conhecidos, feitos heroicos e musas inspiradoras que contribuíram para a riqueza da obra camoniana. Através de uma abordagem envolvente e criativa, o espectáculo *Camoinz Hépyco-Lyrico* procura despertar o interesse dos jovens pela obra camoniana, destacando a beleza estética, a musicalidade e a força expressiva dos textos de Camões, que permanecem como um legado cultural de inegável valor.

Missa de finalistas 12.º ano

No dia 5 de junho os/as alunos/as do 12.º ano celebraram a Missa de Finalistas. Prestámos uma homenagem aos/às finalistas e celebrámos as aprendizagens, os afetos e as vivências que marcaram e ainda marcam o seu percurso ao longo dos últimos anos nesta sua segunda casa. Foi também uma oportunidade para reunir a família Valsassina e para evocar as memórias, os cheiros do Espaço-Quinta, as brincadeiras e as relações de amizade que foram construídas desde cedo e que dão sentido ao crescimento e às experiências vividas e sentidas no Colégio.

Projetos de alunos do Valsassina distinguidos na Mostra Nacional de Ciência 2026

A inovação e o talento científico dos jovens estiveram em destaque na Mostra Nacional de Ciência 2026, que se realizou entre os dias 28 e 30 de maio, no Museu do Carro Elétrico, no Porto. O evento reuniu mais de 200 jovens cientistas que apresentaram 84 projetos inovadores, perante um júri de especialistas, composto por cientistas e investigadores.

O Colégio marcou presença com sete projetos desenvolvidos por alunos/as do 10.º, 11.º e 12.º ano, no âmbito das disciplinas de Biologia, Física e Química. O mérito e a qualidade dos trabalhos apresentados foram reconhecidos pelo júri, que distinguiu o Valsassina com um total de nove prémios.

- Projeto “REPAIR. Parafuso ortopédico reabsorvível e piezoelétrico que promove a regeneração óssea”. Autoria de: **Leonor Santana** e **Madalena Cunha**. Turma 12.º 1A
2.º Lugar e Prémio de representação de Portugal na Regeneron ISEF (*International Science and Engineering Fair*) 2027, EUA
- Projeto “FuelSense. Desenvolvimento de um Biossensor Aquático Alimentado por uma Célula de Combustível de Etanol para Detecção em Tempo Real de Tetraciclina”. Autoria de: **João Núncio**, **Rita Braz** e **Sofia Costa**. Turma 12.º 1A
Prémio Especial CEiiA e Prémio de representação de Portugal na *Mostra I giovani e le scienze* 2027, Milão
- Projeto “PET (Polymer Extraction Technology)”. Autoria de: **Marta Santos** e **Vasco Isidoro**. Turmas 12.º 1A e 12.º 1B
Prémio de representação de Portugal na Expo Science Belgium 2027
- Projeto “GHS SeaEagle”. Autoria de: **André Caetano**, **Francisco Albuquerque** e **João Claudino**. Turmas 12.º 1A e 12.º 1B
Prémio Especial CEiiA
- Projeto “GyroNaut”. Autoria de: **Frederico Brehm**, **Gustavo Ferreira** e **Tomás Ministro**. Turma 11.º 1C
Prémio Especial CEiiA
- Projeto “RadiantSeed”. Autoria de: **Ana Borba**, **Diogo Abreu** e **Maria Inês Venâncio**. Turma 10.º 1B
Menção Honrosa
- Prémio Professor. Professor João Gomes

Integrada no 34.º Concurso Nacional para Jovens Cientistas, a iniciativa, organizada pela Fundação da Juventude com o apoio da Agência Ciência Viva, continua a assumir um papel fundamental na valorização da ciência, da inovação e da criatividade dos jovens portugueses, incentivando novas gerações a desenvolver soluções para os desafios do presente e do futuro.

Caminhada Solidária 2026

No passado dia 4 de junho, a comunidade escolar voltou a reunir-se para a 3.ª edição da Caminhada Solidária. Aproveitando o cenário privilegiado do Parque da Bela Vista, alunos/as, famílias, professores/as, colaboradores/as e amigos/as do Colégio, foram convidados/as a desfrutar de uma manhã em contacto com a natureza, participando numa atividade simples, inclusiva e acessível a todos.

A iniciativa reforça a importância da participação ativa na construção de uma sociedade mais saudável e solidária, onde cada cidadão assume um papel na transformação da sua vida e da comunidade que o rodeia.

O valor angariado com esta ação destina-se às instituições apoiadas pelo Colégio e pelos seus alunos/as: o Centro de Informação Juvenil (CIJ) da Paróquia de São Maximiliano Kolbe, o Lar ASE, a CERCJ e a APEDV (Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais).

Trabalho de alunos dos 5 anos distinguido em concurso internacional de Artes Visuais

O trabalho coletivo desenvolvido pelas crianças dos 5 anos do Jardim de Infância foi selecionado pelo júri da 26.ª edição do Concurso Internacional de Artes Visuais. Sob o tema “A Beleza dos Seres Vivos: fauna e flora”, este concurso é organizado pelo IMAJ – *Institut Mondial d’Art de la Jeunesse*, em parceria com o *Centre pour l’UNESCO Louis François*, em Troyes, França.

O júri destacou a criatividade, o espírito de colaboração e a sensibilidade demonstrados pelas crianças na valorização e preservação dos habitats naturais.

Explorando os habitats terrestre, aéreo, subterrâneo, aquático e subaquático, cada criança criou o seu próprio “azulejo”, inspirado na tradição dos painéis de azulejos portugueses. Cada peça representa um animal ou uma planta e, em conjunto, formam um grande painel coletivo que celebra a biodiversidade e a riqueza da vida no planeta.



ACONTECEU

no desporto

Taça Desporto Escolar

No passado dia 27 de abril, uma equipa de alunos/as do 7.º ano, participou na fase local da X Taça Desporto Escolar onde garantiram o apuramento para os Nacionais do Desporto Escolar.

A Taça Desporto Escolar é uma competição combinada de quatro modalidades – Badminton, Futebol, Ginástica e Voleibol, destinada aos/às alunos/as do 7.º ano de escolaridade. Neste Projeto, as equipas são definidas com base nos torneios interturmas e interescolas, valorizando o sentimento de pertença dos/as alunos/as ao grupo-turma, sob o lema “Ganha a Turma, Ganha a Escola”.

A Final Nacional da X Taça Desporto Escolar 2026, realizou-se nos dias 22 e 23 de maio, em Loures, evento que reuniu 800 alunos/as, oriundos/as de todo o país.

Ao longo das provas, os/as alunos/as demonstraram determinação, união e capacidade de superação, valores fundamentais do Desporto Escolar.

Torneios de Xadrez

O Colégio renovou o seu compromisso com Xadrez ao realizar os 7.º e 8.º Torneios de Xadrez Valsassina, duas edições marcadas pelo entusiasmo, espírito competitivo e crescimento significativo do número de participantes. Ao todo, cerca de 50 alunos/as aceitaram o desafio: 35 no torneio dos/as mais crescidos/as e 15 no torneio destinado aos/às mais novos/as.

Mais do que uma competição, os torneios afirmaram-se como uma demonstração do valor educativo do Xadrez. Ao longo das várias rondas, os/as participantes revelaram grande capacidade de concentração, pensamento estratégico e análise crítica, colocando em prática competências fundamentais como o raciocínio lógico, a resiliência e a gestão da pressão.

A luta pelos lugares do pódio manteve-se em aberto até às últimas partidas, proporcionando momentos de grande emoção e equilíbrio competitivo.

Torneio do 1.º Ciclo:

- 1.º Lugar: **Xavier Freixo** (4.º A)
- 2.º Lugar: **João Gomes** (4.º A)
- 3.º Lugar: **Jason Ren** (3.º B)

Torneio do Liceu:

- 1.º Lugar: **Henrique Ré** (7.º D)
- 2.º Lugar: **Tiago Jin** (8.º B)
- 3.º Lugar: **David Louro** (7.º C)

Parabéns a todos/as os/as participantes pelo empenho, dedicação e espírito competitivo demonstrados ao longo dos torneios.

OUÇA E SIGA OS PODCASTS DO COLÉGIO VALSASSINA



O podcast *Gazeta Valsassina* junta notícias do Colégio a textos criados pelos/as alunos/as em resposta a variados desafios e a registos sonoros de eventos em que vários convidados partilham conhecimentos e experiências com a comunidade Valsassina.

O podcast *Temos de Falar* é um espaço de entrevistas, novidades, opinião, debate e reflexão da vida no Colégio Valsassina.

Pode ouvir e seguir os nossos podcasts no Spotify, na Apple Podcasts, ou na aplicação onde já ouve e segue os seus podcasts favoritos.

Encontre-os aqui:



Vai acontecer...

julho

- Atividades de tempos livres nas férias

setembro

- Início do ano letivo
- Dia Europeu das Línguas
- Lançamento da edição especial da Gazeta Valsassina, *School Public Speaking*

outubro

- Cerimónia do Quadro de Excelência

novembro

- ValsaMat
- Semana da Ciência e da Tecnologia

dezembro

- Exposição de trabalhos realizados ao longo do 1.º período
- Atividades de tempos livres nas férias



COLÉGIO VALSASSINA



 Largo Frederico Valsassina, 1959-010 Lisboa  21 831 09 00